



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

KELLY TRAPP

**OS MARCADORES DISCURSIVOS *SABE?* E *ENTENDE?* NA FALA DE
INFORMANTES DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ/SC**

**CHAPECÓ
2014**

KELLY TRAPP

**OS MARCADORES DISCURSIVOS *SABE?* E *ENTENDE?* NA FALA DE
INFORMANTES DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ/SC**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^a Dr^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

CHAPECÓ
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Trapp, Kelly
OS MARCADORES DISCURSIVOS SABE? E ENTENDE? NA FALA DE
INFORMANTES DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ/SC : / Kelly
Trapp. -- 2014.
143 f.:il.

Orientadora: Cláudia Andrea Rost Snichelotto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em , Chapecó,
SC, 2014.

1. Marcadores Discursivos. 2. Domínio Funcional Da
Manutenção Do Contato Discursivo. 3. Gramaticalização.
I. Snichelotto, Cláudia Andrea Rost, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

KELLY TRAPP

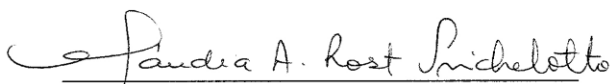
**OS MARCADORES DISCURSIVOS *SABE?* E *ENTENDE?* NA FALA DE
INFORMANTES DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ/SC**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 14/08/2014.

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Aprovado em: 14 / 08 / 2014

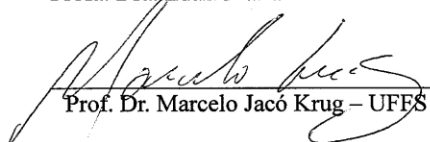
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto – UFFS



Profa. Dra. Edair Maria Görski – UFSC



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS

Profa. Dra. Morgana Fabíola Cambrussi – UFFS

Chapecó/SC, agosto de 2014

À minha família, com o maior amor do mundo. Dedico.

RESUMO

Esta dissertação objetivou analisar e descrever os contextos de uso dos Marcadores Discursivos (MDs) *sabe?* e *entende?* na fala de informantes monolíngues em português do município de Chapecó, Santa Catarina. Os dados linguísticos são provenientes do Banco de Dados VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”. A amostra foi composta por 36 entrevistas, estratificadas por idade, sexo e escolaridade. O aporte teórico da pesquisa teve como base a interface do Sociofuncionalismo, segundo Naro (1998), Tavares (1999, 2003, 2013), Görski et al. (2003), Görski e Tavares (no prelo; 2013), entre outros, que congrega os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e do Funcionalismo Linguístico, sob o enfoque do processo de mudança linguística por gramaticalização, segundo Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper (1991), Traugott (1995, 2003), Heine (2003), Bybee (2003), entre outros. Sem comprometimento diacrônico, focalizamos a trajetória de mudança semântica e categorial de *saber* e *entender*, da condição de verbo pleno a MD, de acordo com os estudos disponíveis em Português Brasileiro de Martelotta e Leitão (1996), Valle (2001), Martelotta (2004) e Görski e Valle (2013). Postulamos que os MDs *sabe?* e *entende?* tendem à fixação de suas formas na segunda pessoa do presente do indicativo, mas com morfologia não marcada quanto à pessoa, além de atuarem no domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*, a partir do qual coexistem como camadas, nos termos de Hopper (1991), ou como variantes da mesma variável, nos termos de Labov (1978). Dentre outros fatores linguísticos, elencamos cinco contextos discursivos proeminentes no uso dos itens: causal/conclusivo, especificação, opinião, contraste e reformulação. A análise das amostras permitiu tratar *sabe?* e *entende?* como intercambiáveis nos mesmos contextos de uso, exceto nos contextos de reformulação. Os resultados apontaram, de um lado, a posição medial e as sequências discursivas do tipo narrativo como preferencial para ambos os itens, por outro lado, houve baixa frequência de *feedbacks* junto às formas, sinalizando que há um progressivo enfraquecimento da carga entonacional. Dentre os fatores sociais, os informantes mais velhos e mais escolarizados favoreceram o uso de *sabe?* e *entende?*. Entre os dois MDs, *sabe?* é o mais frequente e corresponde à forma menos marcada, enquanto *entende?* é o item mais marcado. A partir desses aspectos, *sabe?* encontra-se mais abstratizado, em um estágio mais avançado de gramaticalização e *entende?* ainda mantém matizes do seu verbo de origem.

Palavras-chave: Marcadores discursivos. Domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*. Gramaticalização.

ABSTRACT

This research aimed to analyse and describe the contexts of use of Discourse Markers (DMs) *sabe?* and *entende?* in the speech of monolingual Portuguese informants in Chapecó, Santa Catarina. The linguistic data come from VARSUL database (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) and the Project “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”. The sample consists in 36 interviews, stratified by age, sex and education. The work was based on the Sociofunctionalism interface, according to Naro (1998), Tavares (1999, 2003, 2013), Görski et al. (2003), Görski and Tavares (in press, 2013), among others, which congregates the assumptions of the Theory of Linguistic Variation and Change and Linguistic Functionalism, especially by grammaticalization process, in accordance with Heine, Claudi and Hünnemeyer (1991), Traugott and Heine (1991), Hopper (1991), Traugott (1995, 2003), Heine (2003), Bybee (2003), and others. Without diachronic commitment, we focus on the trajectory of semantic and categorical change of *saber* and *entender*, from the condition of verbs to DMs, attempting to the studies available in Brazilian Portuguese of Martelotta and Leitão (1996), Valle (2001), Martelotta (2004) and Görski and Valle (2013). We postulate that DMs *sabe?* and *entende?* tend to fix their forms in the second person of the indicative present, but not morphologically marked as a person, in addition to acting in the *discursive contact maintenance* functional domain, from which coexist as layers, in terms of Hopper (1991), or as variants of the same variable, in terms of Labov (1978). Among other linguistic factors, we determined five prominent discursive contexts in the use: causal/conclusive, specification, opinion, contrast and reformulation. The analysis allowed to treat *sabe?* and *entende?* as interchangeable items in the same contexts of use, except in contexts of reformulation. The results indicated, on one hand, that medial position and narrative sequences as the preferred for both items, on other hand, there was a low frequency of *feedbacks* with them, signaling a progressive intonational decline. Between social factors, older and more educated informants encourage the use of *sabe?* and *entende?*. *Sabe?* is the most frequent and corresponds to the less marked category, while *entende?* is more marked. From these aspects, *sabe?* is more abstracted and is in a stage more grammaticalized, and *entende?* still retains some features from your original verb.

Keywords: Discourse Markers. *Discursive Contact Maintenance* functional domain. Grammaticalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Frequência das formas <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VARSUL/Chapecó...	93
Gráfico 2: Frequência das formas <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VMPOSC.....	95
Quadro 1: Funções do MD <i>you know</i> usado por falantes alemães e americanos	35
Quadro 2: Classificação dos MDs.....	37
Quadro 3: Hierarquia funcional dos RADs.....	40
Quadro 4: Síntese dos traços definidores dos MDs.....	72
Quadro 5: Distribuição da amostra VARSUL.....	75
Quadro 6: Distribuição das células coletadas - Projeto VMPOSC.....	76
Quadro 7: Distribuição das variáveis independentes.....	78
Quadro 8: Contextos de atuação discursiva de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i>	81
Quadro 9: Variáveis independentes.....	88
Quadro 10: <i>Sabe?</i> e <i>entende?</i> e o Princípio da Marcação.....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Posição de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> no turno conversacional na amostra VARSUL/Chapecó.....	97
Tabela 2: <i>Feedbacks</i> junto aos itens na amostra VARSUL/Chapecó.....	100
Tabela 3: Outros MDs junto aos itens na amostra VARSUL/Chapecó.....	101
Tabela 4: Conectores junto aos itens na amostra VARSUL/Chapecó.....	103
Tabela 5: Contextos de atuação discursiva na amostra VARSUL/Chapecó.....	105
Tabela 6: Contextos de atuação discursiva de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VMPOSC.....	106
Tabela 7: Sequências discursivas de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VARSUL.....	110
Tabela 8: Contextos de atuação discursiva e sequências discursivas na amostra VARSUL/Chapecó.....	112
Tabela 9: Distribuição de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> por informante na amostra VARSUL/Chapecó.....	115
Tabela 10: Distribuição de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VMPOSC.....	117
Tabela 11: Influências da idade sobre o uso de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VARSUL/Chapecó.....	118
Tabela 12: Influências da idade sobre o uso de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VMPOSC.....	120
Tabela 13: Influências do sexo/gênero sobre o uso de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VARSUL/Chapecó.....	121
Tabela 14: Influências do sexo/gênero e idade sobre o uso de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VARSUL/Chapecó.....	122
Tabela 15: Influências do sexo/gênero sobre o uso de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VMPOSC.....	123
Tabela 16: Influências da escolaridade sobre o uso de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VARSUL/Chapecó.....	124
Tabela 17: Influências da escolaridade e o sexo/gênero sobre o uso de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VARSUL/Chapecó.....	124
Tabela 18: Influências da escolaridade sobre o uso de <i>sabe?</i> e <i>entende?</i> na amostra VMPOSC.....	125
Tabela 19: Realização dos MDs e o sexo/gênero dos pares conversacionais na	

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	OBJETIVOS.....	16
1.1.1	Objetivo geral.....	16
1.1.2	Objetivos específicos.....	16
1.2	QUESTÕES E HIPÓTESES	16
2	OS FENÔMENOS DISCURSIVOS.....	19
2.1	A MUDANÇA SEMÂNTICA DESDE OS VERBOS DE ORIGEM....	19
2.2	A MUDANÇA CATEGORIAL VERBO PLENO > MARCADOR DISCURSIVO.....	26
2.3	CONTEXTUALIZANDO A ATUAÇÃO DE <i>SABE?</i> E <i>ENTENDE?</i>	33
2.4	FECHANDO O CAPÍTULO.....	46
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	47
3.1	TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: ALGUMAS NOÇÕES.....	47
3.1.1	O estudo de fenômenos discursivos pela sociolinguística.....	53
3.1.2	A questão do estilo para a sociolinguística.....	54
3.2	FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO.....	56
3.2.1	Gramaticalização.....	59
3.3	SOCIOFUNCIONALISMO.....	66
3.4	MARCADORES DISCURSIVOS.....	68
4	METODOLOGIA.....	74
4.1	A ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA.....	74
4.2	OS <i>CORPORA</i>	74
4.3	VARIÁVEL DEPENDENTE.....	76
4.4	VARIÁVEIS INDEPENDENTES.....	77
4.5	TRATAMENTO DOS DADOS.....	78
5	OS CONTEXTOS DE USO DE <i>SABE?</i> E <i>ENTENDE?</i> NA FALA DE INFORMANTES CHAPECOENSES.....	79
5.1	O DOMÍNIO FUNCIONAL DA MANUTENÇÃO DO CONTATO DISCURSIVO DE <i>SABE?</i> E <i>ENTENDE?</i>	80
5.1.1	Contexto de reformulação.....	81
5.1.2	Contexto de opinião.....	82
5.1.3	Contexto de especificação.....	83

5.1.4	Contexto causal/conclusivo.....	85
5.1.5	Contexto de contraste.....	86
5.2	FECHANDO O CAPÍTULO, NÃO O ASSUNTO.....	87
6	OLHANDO PARA OS DADOS: IDENTIFICANDO OS FATORES LINGUÍSTICOS E SOCIAIS QUE ATUAM NO USO DE <i>SABE?</i> E <i>ENTENDE?</i>.....	88
6.1	O TRATAMENTO DOS DADOS.....	89
6.2	FATORES LINGUÍSTICOS.....	90
6.2.1	Apresentação formal.....	91
6.2.2	Posição no turno conversacional.....	95
6.2.3	<i>Feedbacks</i> junto aos itens.....	98
6.2.4	Outros MDs junto aos itens.....	100
6.2.5	Conectores junto aos itens.....	102
6.2.6	Contextos de atuação discursiva.....	104
6.2.7	Sequência discursiva.....	106
6.2.8	Aplicando o Princípio da Marcação.....	113
6.3	FATORES EXTRALINGUÍSTICOS.....	114
6.3.1	Informante.....	114
6.3.2	Idade.....	117
6.3.3	Sexo/gênero.....	120
6.3.4	Escolaridade.....	123
6.3.5	Variação estilística na amostra VMPOSC.....	125
6.3.6	Projetando a pesquisa.....	127
7	A GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>SABE?</i> E <i>ENTENDE?</i> NA FALA CHAPECOENSE.....	129
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
	REFERÊNCIAS.....	136

1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação¹, temos como objetivo principal analisar e descrever os contextos de uso dos Marcadores Discursivos (adiante MDs) *sabe?* e *entende?* na fala de informantes monolíngues em português do município de Chapecó, Santa Catarina. Os dados linguísticos são provenientes do Banco de Dados VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”² (VMPOSC). Contamos com um total de 36 entrevistas, sendo 24 do VARSUL e 12 do VMPOSC. As amostras seguem o modelo de entrevista sociolinguística e são estratificadas por idade, sexo e escolaridade.

O aporte teórico é desenvolvido à luz do Sociofuncionalismo com base na conciliação de pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e do Funcionalismo Linguístico, segundo Naro (1998), Tavares (1999, 2003, 2013), Görski et al. (2003), Görski e Tavares (no prelo; 2013), entre outros, sob o enfoque da gramaticalização, na perspectiva de Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper (1991), Traugott (1995, 2003), Heine (2003), Bybee (2003), entre outros. A abordagem sociofuncionalista leva em conta a investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística, buscando articular, para a análise e a explicação desses fenômenos, os pressupostos da sociolinguística variacionista e da linguística baseada no uso. As variáveis linguísticas podem ser identificadas em qualquer nível, tal como fonológico, morfossintático, pragmático/discursivo (TAVARES, 2013).

Tratamos *sabe?* e *entende?* como variantes de uma mesma variável linguística, de natureza pragmática/discursiva. A análise dos dados segue uma abordagem quantitativa e qualitativa. A análise quantitativa possibilita-nos dispensar um tratamento estatístico aos dados, a fim de verificarmos a sua distribuição em termos linguísticos e extralinguísticos (sociais e estilísticos). Por outro lado, a pesquisa qualitativa é empreendida na delimitação dos contextos de uso dos MDs

¹ Dissertação financiada com bolsa de mestrado do Programa do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES), da Secretaria de Estado da Educação, do Estado de Santa Catarina. Chamada Pública nº 06/SED de 05/11/2012.

² O Projeto VMPOSC é financiado com recursos da Chamada Pública FAPESC nº 04/2012 – Universal e coordenado pela Profª. Drª. Cláudia Andrea Rost Snichelotto, docente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Também, esta dissertação integra as iniciativas do grupo Estudos GeoSociolinguísticos da UFFS e da linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos desta Instituição, que visa ao desenvolvimento de pesquisas sobre os fenômenos em variação e/ou mudança linguística do português brasileiro. Ressaltamos que Projeto VMPOSC foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFFS, sob o nº CAAE: 17011413.2.0000.5564.

sabe? e *entende?* e possibilita-nos averiguar o estágio de gramaticalização destes marcadores na fala chapecoense.

Diversas pesquisas podem ser encontradas na literatura acerca do tema, a exemplo de Schiffrin (1987), que investigou a forma *you know (y'know?)* da língua inglesa, Silva e Macedo (1996), que verificaram as formas *sabe?* e *entendeu?*, Martelotta e Leitão (1996), que analisaram o marcador *sabe?*, Martelotta (2004), que empreendeu um estudo sobre *sabe?* e *entendeu?*, e Valle (2001), que descreveu os itens *sabe?* e *entende?*. Também, identificamos na literatura, diferentes rótulos sob os quais *sabe?* e *entende?* aparecem. É comum aos itens, tanto a denominação genérica de Marcadores Discursivos (RISSO et al., 2006) ou Marcadores Conversacionais (MARCUSCHI, 1989), como integrados a subgrupos como Requisitos de Apoio Discursivo (SILVA e MACEDO, 1996; VALLE, 2001; GÖRSKI e VALLE, 2013), ou de Busca de Aprovação Discursiva (BADs), conforme apresentado por Settekorn (1977 apud URBANO, 1997), Marcuschi (1989) e Urbano (1997, 1999, 2006)³.

Os MDs constituem importantes elementos linguísticos presentes na interação e contribuem significativamente à organização do discurso, sinalizando, segundo Risso et al. (2006), relações interpessoais e articulação textual. São formas comumente caracterizadas de modo equivocado, como vícios de linguagem, por não haver uma prescrição gramatical específica (FREITAG, 2007; URBANO, 1997). No entanto, é preciso notar que o estatuto de MD confere às formas um comportamento distinto, decorrente das necessidades comunicativas. No caso de *sabe?* e *entende?*, os itens se afastam ainda mais de seus verbos de origem, porque passam a ser utilizados com pronúncias ligeiramente rápidas, com contorno interrogativo e em diferentes posições na estrutura oracional, além de apresentarem distinções morfológicas (SILVA e MACEDO, 1996).

De modo geral, nossas observações permitem-nos postular que os MDs *sabe?* e *entende?* atuam no domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*, a partir do qual coexistem como camadas, nos termos de Hopper (1991), ou como variantes de uma mesma variável, nos termos de Labov (1978). Ainda, verificamos que as formas *sabe?* e *entende?* tendem a se fixar na segunda

³ Estas designações exemplificam as diferentes terminologias que encontramos no decorrer da pesquisa. Por opção metodológica, adotaremos neste estudo, a denominação MDs, por considerar esta, segundo Risso et al. (2006), mais abrangente e adequada, em face, por exemplo, do termo MCs que parece reconhecer um comprometimento exclusivo com a língua falada, mais voltado para o gênero da conversação. Também, notamos que alguns autores utilizam os termos MCs e MDs como grandes grupos de marcadores, e termos mais específicos como BADs e RADs para subgrupos, como é o caso de Marcuschi (1989), que adota o termo MCs de forma genérica para todo o grupo de marcadores, e BADs para os itens específicos desta pesquisa.

pessoa do presente do indicativo, mas com a morfologia não marcada quanto à pessoa. Vejamos algumas ocorrências de *sabe?* e *entende?*⁴:

(1) Mas eu estou achando que essa greve agora, não sei se vai dar alguma coisa. No meu ver acho assim [que] porque pelo que eu tenho ouvido, coisa assim, não tem falado sobre o salário deles, **entende?** Eu não sei se vai levar a alguma coisa essa greve, essa paralisação, **entende?** (SC CHP 19)⁵

(2) Ent: E qual que é o lugar mais bonito daqui?
Inf: Que eu acho daqui é o parque, **sabe?** (VMPOSC 11)

Na ocorrência (1) e (2) podemos observar os MDs *sabe?* e *entende?* em contextos de opinião.

Contudo, pretendemos contribuir com a descrição desse fenômeno discursivo, bem como verificar se se tratam de um fenômeno em variação e/ou mudança linguística da comunidade na qual estamos inseridos. Também justificamos o desenvolvimento da pesquisa em face do número reduzido de trabalhos de natureza variacionista realizados com dados linguísticos de Chapecó, a exemplo de algumas dissertações de mestrado concluídas que utilizaram dados de fala provenientes do VARSUL (DAL MAGO, 2001; MARTINS, 2003) e uma tese de doutorado (ROST SNICHELOTTO, 2009). Ademais, a relevância da pesquisa, deve-se ao ineditismo da amostra do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”, que prevê a coleta de entrevistas sociolinguísticas de crianças de 7 a 14 anos, de jovens de 15 a 24 anos e de informantes de escolaridade superior⁶ (ROST SNICHELOTTO, 2012).

Organizamos esta dissertação em sete capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos os fenômenos discursivos em análise, expondo, sem comprometimento diacrônico e com base em levantamento bibliográfico, a trajetória percorrida pelas formas *sabe?* e *entende?* desde a origem latina até o estatuto de MD no português brasileiro. No segundo capítulo, discorremos sobre o referencial teórico à luz do Sociofuncionalismo, que congrega a Teoria da Variação e Mudança e o Funcionalismo Linguístico, sob o enfoque da gramaticalização, além de trazermos brevemente a

⁴ Destacamos que são de nossa autoria, os grifos (negrito e sublinhado) das ocorrências, visto que achamos pertinente padronizar esta apresentação.

⁵ As ocorrências (1) e (2) foram extraídas da amostra Chapecó do Projeto VARSUL (Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil); grifos nossos. Ao final da ocorrência, a sigla SC CHP identifica a amostra Chapecó do Projeto VARSUL e o número subsequente faz referência ao número da entrevista. A amostra Chapecó do VARSUL foi gentilmente cedida pela Prof^a. Dr^a. Izete Lehmkuhl Coelho, coordenadora da agência VARSUL da UFSC.

⁶ Esta faixa etária e nível de escolaridade não foram contemplados pelo Projeto VARSUL, motivo este que torna a amostra do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” inédita.

contextualização dos MDs. A seguir, no terceiro capítulo relacionamos os procedimentos metodológicos do trabalho, situando aspectos relativos aos *corpora*, à análise e ao tratamento dos dados. No quarto capítulo, sistematizamos nossas considerações acerca dos contextos de atuação discursiva de *sabe?* e *entende?* na amostra VARSUL/Chapecó. Na sequência, no quinto capítulo, nos dedicamos à análise dos resultados estatísticos dos dados em relação aos fatores linguísticos e sociais de ambos os *corpora*. No sexto capítulo, sistematizamos nossas considerações acerca do estágio de gramaticalização de *sabe?* e *entende?* na fala chapecoense. Por último, discorreremos sobre as considerações finais desta dissertação.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar e descrever os contextos de uso dos itens *sabe?* e *entende?* em amostras de fala de informantes do município de Chapecó, Santa Catarina, pertencentes ao Banco de Dados VARSUL e ao Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”, segundo a interface do Sociofuncionalismo.

1.1.2 Objetivos específicos

- ✚ Delimitar os contextos de uso dos MDs *sabe?* e *entende?* na fala dos informantes chapecoenses;
- ✚ Verificar os contextos em que os itens *sabe?* e *entende?* atuam como variantes de uma mesma variável, constituindo uma variável linguística;
- ✚ Analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais e estilísticos) que possam estar condicionando os usos dos itens em análise;
- ✚ Averiguar o estágio de gramaticalização de *sabe?* e *entende?* na fala chapecoense.

1.2 QUESTÕES E HIPÓTESES

Apresentamos nesta seção as principais questões e hipóteses que norteiam o desenvolvimento desta dissertação:

- ✚ Quais os contextos de atuação discursiva dos MDs *sabe?* e *entende?* na fala dos informantes chapecoenses?

Para o diagnóstico dos contextos de atuação discursiva de *sabe?* e *entende?* na fala dos chapecoenses tomamos como referência alguns quadros funcionais descritos para estes MDs na literatura, a exemplo de Schiffrin (1987), Valle (2001), Martelotta (2004) e Müller (2005). Também, as análises preliminares dos dados permitem-nos postular que *sabe?* e *entende?* atuam no domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*. Temos como hipótese que *sabe?* tende a atuar em contextos de especificação e *entende?* tende a atuar em contextos que denotam opinião. O exame detalhado da amostra possibilitará inferências mais precisas sobre o assunto.

- ✚ Estas formas atuam como variantes de uma mesma variável constituindo uma variável linguística?

A autora Valle (2001) atesta que os Requisitos de Apoio Discursivos (RADs) são intercambiáveis em todos os contextos examinados em sua pesquisa. Nossas observações iniciais sugerem que *sabe?* e *entende?* atuam como uma variável linguística, que compartilha os mesmos contextos de uso, embora em alguns casos, acreditamos que possa haver especialização. Temos a impressão que *sabe?* tende a se especializar entre os contextos em que as propriedades mais salientes ao item são de caráter textual e *entende?* entre os contextos em que as propriedades de ordem interacional são mais salientes.

- ✚ Quais as sequências discursivas características de cada uma das formas?

De modo geral, acreditamos que os contextos de uso de *sabe?* e *entende?* correlacionam-se em maior grau com sequências discursivas do tipo narrativo, descritivo e dissertativo. Para isto, aportamo-nos na proposta de Rost Snichelotto (2014) que considera a correlação entre MDs de base verbal, tal qual é o nosso caso, em vista destes tipos de sequências discursivas, proeminentes nas entrevistas sociolinguísticas do Banco de Dados VARSUL.

- ✚ O uso de *sabe?* e *entende?* é sensível a quais fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais e estilísticos)?

Com base nas contribuições de estudos sociofuncionalistas como o de Valle (2001), Rost (2002), Rost Snichelotto (2009), elencamos 11 grupos de fatores, distribuídos entre variáveis linguísticas e extralinguísticas, a fim de verificarmos os usos de *sabe?* e *entende?*. Acreditamos que estes dois MDs são condicionados por fatores linguísticos, que incidem em sua (i) apresentação formal, (ii) na posição que ocupam no turno conversacional, (iii) nas sequências discursivas, alternando seus usos entre os tipos dissertativo, narrativo e descritivo, (iv) nos contextos de atuação discursiva, além de aspectos circundantes como (v) *feedbacks* junto aos itens, (vi) a coocorrência de outros MDs e (vii) conectores junto aos itens. Quanto aos fatores sociais aventamos que condicionadores como a (i) idade, (ii) escolaridade, (iii) sexo/gênero do informante, (iv) influências estilísticas do sexo/gênero dos pares conversacionais (no caso da amostra do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”) podem influenciar os usos dos MDs. A partir da literatura e de nossas observações temos como hipótese que estes fatores em diferentes graus de envolvimento podem estar condicionando a atuação de *sabe?* e *entende?*⁷.

- ✚ Qual o estágio de gramaticalização de *sabe?* e *entende?* na fala chapecoense?

Para Martelotta (2004) os itens *sabe?* e *entendeu?* encontram-se em diferentes níveis de mudança, no qual *sabe?* está em um estágio mais avançado em relação a *entendeu?*. Também, Valle (2001) atesta que *sabe?* encontra-se mais gramaticalizado que *entende?*. Diante de nossas observações, acreditamos que *sabe?* possui usos mais incorporados ao discurso dos falantes e *entende?* tende a ser menos recorrente. De modo geral, acreditamos que em face das premissas do processo de mudança linguística por gramaticalização de Hopper (1991), Traugott (1995, 2003), Heine (2003), Bybee (2003), entre outros, o MD *sabe?* possivelmente encontra-se em um grau maior de gramaticalização em relação a *entende?* corroborando com as pesquisas anteriores.

⁷ O detalhamento das hipóteses gerais e específicas será apresentado no Capítulo 6.

2 OS FENÔMENOS DISCURSIVOS

Neste primeiro capítulo, centramos nossa descrição nos fenômenos discursivos *sabe?* e *entende?*. Levantamos estudos disponíveis na literatura que descreveram os múltiplos usos de *saber* e *entender* desde o estatuto como verbos plenos até os de MDs *sabe?* e *entende?*.

Iniciamos este capítulo, discorrendo, sem comprometimento diacrônico, sobre os verbos de origem, focalizando os percursos de mudança semântica desde a base latina até o português brasileiro contemporâneo. Para isso, embasamo-nos em estudos realizados por Martelotta e Leitão (1996), Valle (2001), Martelotta (2004), além de pesquisar alguns dicionários de língua portuguesa como Machado (1977 apud MARTELOTTA, 2004), Borba et al., (1990), Ferreira (2009), e Houaiss e Villar (2009).

A seguir, na segunda subseção, apresentamos alguns aspectos relacionados à trajetória de mudança categorial dos verbos plenos *saber* e *entender* para o estatuto de MD. Neste momento, damos ênfase à atuação discursivo-pragmática dos itens, com base, principalmente em Martelotta e Leitão (1996), Valle (2001) e Martelotta (2004).

Por último, na terceira subseção, trazemos alguns aspectos relacionados à atuação dos itens *sabe?* e *entende?*, em face das contribuições de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Silva e Macedo (1996), além de nos aportar nos estudos de Valle (2001), Müller (2005) e Martelotta (2004).

2.1 A MUDANÇA SEMÂNTICA DESDE OS VERBOS DE ORIGEM

Notadamente, um dos pontos convergentes entre os itens *sabe?* e *entende?* está em sua origem verbal, cujas formas são decorrentes dos verbos plenos *saber* e *entender*⁸, respectivamente. Originários do latim, ambas as formas-fonte têm seus sentidos e usos estendidos no percurso histórico, conforme verificaremos ao longo da presente subseção.

O verbo *saber* é apresentado por Ferreira (2009) como proveniente do latim *sapere*, com sentido de *ter gosto*. Também Machado (1977 apud MARTELOTTA, 2004, p. 98) descreve que o

⁸ Sobre a classificação destes verbos, de acordo com Castilho (1989), *saber* e *entender* compreendem a classe semântica dos verbos cognitivos. Para o autor, os verbos cognitivos estão ordenados em subcategorias, nas quais *saber* e *entender* pertencem ao grupo dos verbos epistêmicos ou *cogitandi*. Martelotta, Votre e Cezario (1996) consideram os verbos *saber* e *entender*, ora como verbos de processo mental, ora como verbos efetivos.

verbo *saber*, no latim, tinha o sentido de “ter gosto; exalar um cheiro, um odor; perceber pelo sentido do gosto; *fig.*, ter inteligência, juízo; conhecer alguma coisa, conhecer, compreender, saber”.

Esse valor mais concreto de *ter gosto*, referente a sentidos corporais, passa a expressar, ainda no latim, atividades mentais (MARTELOTTA, 2004), como o sentido de *conhecer*. Martelotta e Leitão (1996, p. 194) esclarecem que, nesse caso, ao assumir o sentido de *conhecer*, o verbo *saber* passou por um processo de transferência metafórica⁹. Justificam que isso ocorre a partir da “similaridade entre o conteúdo de uma forma já existente no uso da língua, que deriva um novo sentido incorporado a ela através de um processo analógico”. Esta similaridade ocorre no campo perceptual, pois dos usos que expressam uma percepção gustativa surge um uso designativo de percepção lógica, voltado às atividades mentais.

Também, os autores Martelotta e Leitão (1996)¹⁰ descrevem que, no português brasileiro (PB), o sentido do verbo *saber* deriva dois eixos: um ligado às experiências físicas (às papilas gustativas, por exemplo), com o sentido mais concreto de *sentir* e *ter sabor*, e o outro ligado à capacidade mental, com o sentido mais abstrato de *conhecer*. Atualmente, ambos os sentidos coexistem, no entanto, os autores observam que o emprego original de *saber*, ligado à percepção de *sabor*, está reservado, principalmente, aos textos literários, como na ocorrência (3), na qual o verbo *saber* apresenta-se com o sentido origem de *ter gosto*:

(3) “Não tem passado nem futuro.
Não **sabe** a fel nem *sabe* a mel:
é de papel.” (Ferreira Gullar)¹¹

Dessa forma, contemporaneamente no PB, é predominante para o verbo *saber* os significados ligados à percepção lógica de *conhecimento*. Vejamos o exemplo:

(4) Adriana **sabe** matemática.¹²

⁹ Segundo Heine (2003 apud GONÇALVES et al., 2007), a transferência metafórica ocorre em uma escala de abstração crescente da esquerda para a direita. Neste caso, as mudanças são sempre operadas de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo (mais concretas) para categorias mais distantes do indivíduo (menos concretas). Ampliamos esta discussão no capítulo 3.

¹⁰ A amostra utilizada por Martelotta e Leitão (1996) compreende entrevistas orais de 20 informantes, retirados do *corpus* do Rio de Janeiro, coletado pelo grupo Discurso e Gramática. As entrevistas compreendem 10 informantes do sexo masculino, 10 informantes do sexo feminino, distribuídos por graus de escolaridade (oitava série do primeiro grau, terceira série do segundo grau e terceiro grau) e todos os tipos de discurso do *corpus*: narrativas experiencial e recontada, relatos de procedimento e de opinião, e descrição de lugar.

¹¹ Ocorrência retirada de Martelotta e Leitão (1996, p. 164).

¹² Ocorrência extraída de Valle (2001, p. 9).

Na ocorrência (4) percebemos claramente o deslizamento semântico ocorrido com o verbo sob o escopo semântico *conhece*. Para Martelotta e Leitão (1996), esse deslizamento semântico é típico dos processos de gramaticalização¹³ e discursivização¹⁴, pois propõem que a trajetória dos elementos linguísticos tende a ocorrer do sentido mais concreto para o mais abstrato, além de colocar o corpo como ponto de partida básico da trajetória.

Borba et al. (1990) classificam o verbo *saber* em quatro grupos:

(i) indicando processo cujos significados contemplados são *receber informação; ficar sabendo, ficar ciente de*.

(5) O vizinho **queria saber** de mim, se ipê roxo serve para atalhar desande.¹⁵
(sentido de *receber informação*)

(ii) indicando ação com sujeito agente, contemplando os sentidos *ocupar-se; tomar conhecimento de, preocupar-se com*.

(6) Tia Donana **não quer saber** da gente.¹⁶
(sentido de *tomar conhecimento de, preocupar-se com*)

(iii) indicando estado com os significados de *ter saber ou ter conhecimento, conhecer; ter a certeza de ser ou de estar; estar a par de, estar informado de; ter sabor de, ter gosto de; entre outros*.

(7) Os soldados **sabiam** a língua da terra.
(sentido de *ter conhecimento, conhecer*)

¹³ Trataremos do processo de gramaticalização no Capítulo 3.

¹⁴ Martelotta, Votre e Cezario (1996) constataam a existência de um processo de mudança paralelo ao da gramaticalização, denominado discursivização. Para os autores, este é um processo de mudança pelo qual um elemento linguístico perde suas restrições gramaticais e assume restrições de caráter pragmático e interativo. O que diferencia estes dois processos é o fato de que a discursivização atua em um campo mais vasto do que a gramática, marcando relações entre os participantes ou entre os participantes e seu discurso, sem necessariamente estabelecer relações entre os elementos da gramática. Assim, para eles, os marcadores discursivos são casos típicos de discursivização. No entanto, uma questão problemática que se instaura acerca desse processo é que pouco se conhece a respeito, devido aos raros trabalhos dedicados ao seu estudo. Vincent, Votre e Laforest (1993 apud MARTELOTTA, VOTRE E CEZARIO, 1996) referem-se a ele como pós-gramaticalização. Porém, tal denominação, conforme Martelotta, Votre e Cezario (1996), parece indicar um estágio posterior à gramaticalização, o que pode nem sempre ocorrer. Segundo Martelotta (2004, p. 83) a discursivização leva um item lexical “a adquirir função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção da fala, quando a sua linearidade é momentaneamente perdida”, enquanto a gramaticalização “leva o item lexical a funcionar como operador argumentativo, assumindo funções referentes à organização interna do texto”.

¹⁵ As ocorrências (5), (6) e (7) foram extraídas de Borba et al. (1990, p. 1206-1207), identificadas no texto como (R, 256);(ED, 98); (RIR, 118), respectivamente.

¹⁶ Borba et al. (1990, p. 1207) explicam que esta ocorrência trata de uma oração negativa, sobremodalizada pelo verbo *querer* com complemento da forma de + nome/oração infinitiva.

(iv) indicando expressões: *sabe* (iniciando oração ou intercalado, é utilizado para chamar a atenção do ouvinte); *quem sabe* (com sentido de *talvez*); *sei lá* (o advérbio *lá* colocado junto com o verbo *saber* exprime a negação do saber ou atenuação de uma afirmação); *saber lá Deus* ou *saber Deus* (indica algo indefinido); *pelo o que eu sei/saiba* (com sentido de *a meu ver*); *saber* precedido de negação (indica *não ter certeza*); *um não sei quê* (indica algo indefinido); *saber bem/mal* (significando *agradar, desagradar*).

Interessa-nos aqui, este último grupo semântico (iv) de Borba et al. (1990). Vejamos algumas ocorrências de *saber* indicando a expressão *sabe* em posição inicial de oração ou intercalado, utilizado para chamar a atenção do ouvinte:

(8) **Sabe**, Faria, eu vou falar com ele.¹⁷

(9) **Sabe**, meu pai, os exames começam depois do carnaval.

(10) Eu vinha andando por aí, **sabe**, nesse sol quase frio.

Destacamos que estas ocorrências apontadas por Borba et al. (1990), indicando as possibilidades de uso de *saber* como expressão *sabe*, por exemplo, indiciam novos usos linguísticos para o verbo pleno, que se direcionam para o estatuto de MD, conforme veremos adiante.

Igualmente, no dicionário de Houaiss e Villar (2009) encontramos um rol extenso de sentidos para a forma verbal *saber*.

Saber v. **1** conhecer, ser ou estar informado <*sabe o horário do voo*> <*sei que a alegria fugiu desta casa*> <*não soube do divórcio*> <*era traído e pensava que ninguém sabia*> **2** ter conhecimentos específicos <*sabe inglês*> <*sabe nadar*> **3** estar convencido de; pressentir <*sabia que venceria*> **4** ter força, meio, capacidade, possibilidade de, ou habilidade para; conseguir <*soube cumprir a missão*> <*sabe organizar festas*> <*sabe ser educado*> **5** considerar, ter como <*não o sabia desonesto*> **6** envidar esforços para conseguir (algo); fazer por <*soube merecer a aclamação*> **7** ter gosto de; ter sabor <*as moquecas capixabas não sabem a coco*> <*soube muito bem aquele pavê*> **8** soma de conhecimentos adquiridos; sabedoria; cultura, erudição [...]. (2009, P. 1688).

Nota-se que os quadros semânticos descritos por Borba et al. (1990) e também Houaiss e Villar (2009) refletem a polissemia do verbo *saber* no PB contemporâneo. É possível observar que o

¹⁷ As ocorrências (8), (9) e (10) foram extraídas de Borba et al. (1990, p. 1207-1208), identificadas no texto como (AS, 208); (CR, 126); (É, 78), respectivamente.

surgimento de novos sentidos e usos para o verbo não extingue as formas antigas, uma vez que os traços do sentido-origem se mantêm. Dentre as diversas direções que o verbo percorreu, interessamos investigar apenas aquela que o levou a exercer o papel de MD. Em síntese, conforme vimos acima, o verbo pleno *saber* deriva em dois caminhos, cujo sentido proeminente está ligado ao *conhecimento*.

De modo semelhante, identificamos a trajetória do verbo *entender*. Segundo Ferreira (2009), o verbo *entender* deriva do latim *intendere*. Para Machado (1977 apud MARTELOTTA, 2004, p. 98), no latim, *intendere* significava “estender em certa direção; esticar, estender para; dirigir; virar-se, dirigir-se para; *fig.*, tender para, visar a; dar extensão, intensidade, aumentar; sustentar, pretender”.

Vejamos uma ocorrência de *intendere* com sentido de *estender para*:

(11) Dextram ad statuum **intendere** – estender a mão direita para a estátua (Cícero)¹⁸

Machado (1977 apud MARTELOTTA, 2004) acrescenta que, além destes sentidos, ainda no latim vulgar, o verbo deve ter tido também o sentido de *compreender*, conforme é evidenciado pelo português e francês arcaico a partir de *entendre*, que tinha o sentido de *perceber, depois ouvir*.

Conforme Martelotta (2004, p. 98), na trajetória de *entender*, também observa-se a “passagem de sentidos mais concretos para sentidos mais abstratos”. Essa passagem acontece ainda em sua origem latina, na qual o verbo *entender* parece assimilar dois grupos semânticos: um direcionado às experiências físicas, como *estender em certa direção*, e o outro voltado às atividades mentais, como *pretender*.

Valle (2001) sugere que, em português, *entender* passa por um processo de expansão metafórica¹⁹, em que o sentido de *perceber coisas audíveis* (12) é estendido para *perceber, compreender outras coisas*, inclusive processos mentais (13), conforme exemplifica:

(12) Você **entendeu** as minhas palavras?²⁰

(13) Adriana **entende** matemática.

¹⁸ Ocorrência extraída de Valle (2001, p. 9).

¹⁹ Ampliamos esta discussão no Capítulo 3.

²⁰ Ocorrências retiradas de Valle (2001, p. 88).

Observa-se em (13) que matemática é uma disciplina que envolve o processamento mental e, neste caso, *entende* figura com o sentido de *compreensão*.

Em Borba et al. (1990) estão relacionados os seguintes significados para o verbo *entender* no PB contemporâneo, distribuídos em quatro grupos:

(i) indicando processo: com sentido de *perceber, passar a ter compreensão de*.

(14) Você ainda é muito criança para **entender** certas coisas.²¹

(ii) indicando ação com sujeito agente: contempla significados como *entrar em acordo ou entendimento; resolver, decidir; julgar, considerar, achar*.

(15) Já me **entendi** com o Dr. Marcolino.
(sentido de *entrar em acordo ou entendimento*)

(iii) indicando estado: *ter experiência, ser perito ou prático, saber*.

(16) Não **entendo** de projetos de construção.

(iv) indicando expressões: *entender-se por gente/de gente*, com sentido de *ter uso da razão, ter discernimento*.

(17) É assim, desde que me **entendo** por gente.

(18) Quanto a mim, órfão desde que me **entendia** por gente, falar de minha mãe era como golpear-me na cara.

Conforme já citamos acima, as ocorrências apontadas por Borba et al. (1990), indicando as possibilidades de usos de verbos plenos como expressão, sinalizam um comportamento diverso desta categoria, o que incorre na sua aproximação ao estatuto de MD. Especificamente o grupo (iv) interessa-nos para a pesquisa, pois nos auxilia a compreender melhor a trajetória de mudança categorial do verbo pleno *entender*.

Mais recentemente, Houaiss e Villar (2009) apresentam o verbete *entender* com os seguintes sentidos:

²¹ As ocorrências (14), (15), (16), (17) e (18) foram extraídas de Borba et al. (1990, p. 627-628), identificadas no texto como (IN, 113); (CAS, 65); (VD, 94); (CAN, 301); (CR, 84); respectivamente.

Entender v. **1** perceber ou reter pela inteligência; compreender, captar <entendia o que diziam, mesmo sem saber a língua> **2** captar a intenção de; perceber a razão de <não entendeu o critério de promoção da empresa> **3** ter conhecimento(s) [teóricos ou práticos] ou ciência de; conhecer, saber <fala e entende espanhol> <entendeu a situação do amigo e tentou ajudar> <não entende nada de cozinha>; **4** ouvir, escutar <o barulho impediu que entendessem o conferencista> **5** concluir, depreender, inferir, deduzir <pela alegria da mãe entendeu que tudo estava bem> **6** ter como certo ou decidido; acreditar, considerar, julgar <entendemos que você vai ficar aqui> <entenderam que seria melhor desistir da tarefa> <o governo entendeu de cancelar o horário da reunião> **7** firmar o propósito de; pretender, decidir <descobriu o que ela entende> <entendeu de viajar e partiu em uma semana> **8** ter relação com; dizer respeito a <analisaram tudo o que entende com as normas da empresa> <essa questão não se entende contigo> **9** ter bom trato, bom entendimento com; entrar em acordo com; avir-se <entende-se bem com o chefe> **10** saber o que faz; resolver-se <ele lá se entende> **11** ter por distração ou ocupação; entreter-se <gosta de se entender com seus bordados> **12** entendimento <no meu entendimento ela não tem jeito> [...] (HOUAISS E VILLAR, 2009, P. 769)

Dos aspectos semânticos inerentes ao verbo pleno *entender* no PB, podemos notar que Borba et al. (1990) e Houaiss e Villar (2009) convergem a polissemia do verbo às atividades mentais de *conhecimento* e *compreensão*.

Assim, com base no percurso semântico percorrido até aqui, percebemos que, além da origem latina compartilhada pelos verbos *saber* e *entender*, também são comuns a eles determinados sentidos, os quais estão proeminentemente ligados às ações que envolvem o processamento mental, especialmente, associadas à percepção de *conhecimento* e *compreensão*.

Martelotta (2004, p. 99) corrobora com esta análise, pois afirma que as referências etimológicas das duas formas admitem que

[...] tanto o verbo *saber* quanto o verbo *entender*, que hoje expressam significados ligados ao conhecimento e à compreensão, têm sua origem em um campo de significado mais concreto, ou seja, expressavam percepção e movimentação física e, agora, através de transferências metafóricas, fazem parte de um campo de significado mais abstrato. (grifos do autor)

Em adição, o autor aponta como ponto convergente entre *saber* e *entender* que ambos apresentam uma tendência translinguística de ter seu uso estendido para funções metalinguísticas. Para ele, “essa extensão de sentido reflete perda de valor lexical e ganho de função pragmático-discursiva, o que caracteriza uma progressão no sentido de usos mais abstratos e mais subjetivos [...]” (op. cit., p. 99). Nesta condição, o autor esclarece que os verbos atuam como marcadores discursivos e assumem a forma de pergunta retórica, como será descrito a seguir.

Na sequência, nosso enfoque será descrever em que medida ocorre esta mudança categorial, do estatuto *verbo pleno* > *MD*. É imprescindível para nossa proposta compreender como estes itens

se desenvolveram como elementos discursivos e, em razão disso, compartilhar similaridades de uso na condição de MDs.

2.2 A MUDANÇA CATEGORIAL VERBO PLENO > MARCADOR DISCURSIVO

As pesquisas de Martelotta e Leitão (1996), Valle (2001) e Martelotta (2004) são as únicas de que temos conhecimento em português brasileiro a sugerir a maneira pela qual os verbos *saber* e *entender* passaram a assumir traços pragmáticos, passando a atuar como elementos de organização discursiva e textual. Sob esta ótica de funcionamento – pragmático-discursivo – estes autores realizaram estudos significativos e constituem a base principal para nossa discussão.

Especificamente, no caso de *saber*, Martelotta e Leitão (1996) sugerem que a trajetória *verbo>MD* ocorreu em três etapas. A primeira fase tem início em contextos interrogativos, quando o falante pergunta com o intuito de obter uma resposta do seu interlocutor, conforme podemos observar:

(19) I: é no papel vegetal mesmo... aquele papel duro... papel vegetal **sabe qual que é?**
E: **sei** (exemplo hipotético)²²

Na segunda fase, há um estágio intermediário de pergunta semi-retórica na trajetória, conforme disposto na ocorrência (20), em que o falante pergunta e ele mesmo responde. Esta situação está ilustrada a seguir.

(20) “...aí ele pegou e falou assim... eh... não mais é rapidinho... **sabe o que que é?** que a gente queria conhecer vocês...”²³

Na sequência, na terceira etapa da trajetória, é identificado um contexto totalmente retórico. Esta é a fase mais abstrata, pois não há uma expectativa de resposta nem do falante e nem do ouvinte, cabendo ao item *sabe?* a função apenas de servir como estratégia de interação. Além disso, os autores sinalizam que *sabe?* sofreu redução fônica da forma *sabe o que que é?*. Podemos observar estas características em (21).

²² Ocorrência hipotética criada por Martelotta e Leitão (1996, p. 165).

²³ Ocorrência hipotética criada por Martelotta e Leitão (1996, p. 165).

(21) “...eu me destacava...eh das minhas ami/ das minhas colegas...aí nós começamos a sair...a passear...ele me...me contava sobre as experiências dele... **sabe?** me colocava nas alturas...dizia que eu era....a garota dele...a garota da vida dele...e nisso tudo eu só me iludindo porque eu não conhecia nada da vida...não conhecia a opinião dos rapazes nem nada...então aquilo foi uma experiência nova..”

Valle (2001)²⁴ também sugere uma provável trajetória pela qual os verbos *saber* e *entender* passaram a atuar como *requisitos de apoio discursivo*²⁵.

No caso de *sabe?*, a autora propõe que, a partir do sentido relacionado a *conhecimento* e *discernimento*, o verbo *saber* assume outros usos e se difunde. Assim, passa a aceitar novos complementos como *quem sabe*, *sabe algo*, além de referentes nominais. Na condição de verbo núcleo de uma oração principal, assume o sentido de *ter conhecimento de*, conforme se verifica a seguir:

(22) Então, eu hoje joga somente às quartas-feiras. Então a minha senhora já **sabe** que quarta-feira eu... é o meu futebolzinho de salão.²⁶

Na ocorrência (22), *sabe* admite como complemento uma *oração subordinada substantiva objetiva direta* e “exprime julgamento de ordem intelectual em relação à proposição subordinada, comportando-se como um verbo proposicional” (cf. VOTRE, 1998 apud VALLE, 2001, p. 82).

É com o significado de *ter conhecimento de* que *sabe* passa a atuar sobre sentenças interrogativas diretas, tornando-se foco de perguntas WH-²⁷. Exemplificamos as questões:

(23a) Que horas são?
(23b) **Sabe** que horas são?²⁸

(24a) Que dia foi a festa?
(24b) **Sabe** que dia foi a festa?

Nestes exemplos, segundo Valle (2001, p. 83), *saber* comporta-se de forma ambígua, podendo:

²⁴ Valle (2001) pesquisou os itens *sabe? não tem?* e *entende?*, em Florianópolis-SC. A amostra contou com 36 entrevistas de informantes florianopolitanos, pertencentes ao Banco de Dados VARSUL, estratificados por idade, sexo e escolaridade.

²⁵ A autora adota a terminologia Requisitos de Apoio Discursivo (RADs) para designar os itens *sabe? não tem?* e *entende?*.

²⁶ Ocorrência retirada de Valle (2001, p. 82), identificada como FLP02MAP:100.

²⁷ Valle (2001) explica que esta é uma nomenclatura adotada pela Teoria Gerativa para denominar perguntas que em inglês são iniciadas por WH- (tais como *who?*, *why?*, *when?*, entre outras), traduzidas em português como *quem? por que? quando?*.

²⁸ As ocorrências (23) e (24) foram retiradas de Valle (2001, p. 82-83).

a) *perguntar sobre o conhecimento de algo*, funcionando como um verbo proposicional e neutralizando a pergunta WH-. Neste caso, para ambas as perguntas teríamos como possibilidade de resposta: sim/não (sei/não sei);

b) *atuar como focalizador da WH-*, reforçando a pergunta feita por ela. (grifos da autora)

Estas possibilidades de atuação não são excludentes, no entanto, Valle (2001, p. 83) esclarece que

[...] a partir deste ponto, em que ocorre uma bifurcação nas possibilidades funcionais deste verbo, que passa a atuar, de um lado, mais como *focalizador* e, de outro, mais como *testador de conhecimento*, a trajetória deste item também se bifurca, podendo existir dois caminhos complementares de chegada de *sabe* ao uso como requisito de apoio. (grifos da autora)

Os caminhos mencionados pela autora incidem sobre as seguintes atuações de *saber*: como *focalizador de referentes*; como *item de checagem de conhecimento*.

A atuação de *saber* como *focalizador*, ainda na condição de verbo cabeça de pergunta WH-, é usado em alguns contextos nos quais provoca inferências pragmáticas, com o objetivo de que o interlocutor ative em sua memória determinado conhecimento que compartilha com o falante. Vejamos as ocorrências:

(25) **Sabe** que dia é hoje?²⁹

R: O dia do nosso aniversário de casamento.

(26) **Sabe** que lugar é este?

R: O lugar em que nos conhecemos.

Em (25) e (26) a inferência desejada pelo interlocutor não trata de respostas simples, como o dia da semana ou o nome do local, mas sim da intenção de ativar a memória do ouvinte para algo que compartilham, como *O dia do nosso aniversário de casamento* e *O lugar em que nos conhecemos*.

Segundo Valle (2001, p. 84), é neste tipo de contexto em que “o falante tem por objetivo provocar uma inferência, ele acaba ativando referentes na memória do ouvinte e *saber* passa cada vez mais a assumir este papel”. Nessa passagem, ocorre a perda de suas características de verbo

²⁹ As ocorrências (25) e (26) foram retiradas de Valle (2001, p. 83).

cabeça de pergunta WH-, dada pelo desaparecimento do *que* indicativo de interrogação na estrutura, e maior saliência da função de ativar foco. Observam-se os exemplos:

(27) Minha mãe me contou. Hã, hã. No dia do casamento dela, (est) ela não/ a minha avó não queria que o meu pai me/ se casasse com a minha mãe porque a minha mãe assim antes de sair de o meu pai, **sabe aqueles fogões de lenha?** ficava preto, ela tinha que ariar. Se a minha vó passasse o dedo e visse alguma coisa preta na mão, ela apanhava.³⁰

(28) Porque... **sabe aquele filme Barrados no Baile?** era bastante gente, né? era uma turma ...

Em (27) e (28) nota-se “que o falante utiliza-se da estrutura da qual *sabe* faz parte focalizando um referente, para ativar a referência na memória de seu interlocutor e poder dar continuidade ao fornecimento de informações” (op. cit., p. 84). Nesta situação, as respostas podem ser variadas, tais como plenas (sei/sim), verbais, não-verbais ou pode haver silenciamento por parte do interlocutor.

A partir deste papel de *ativador de foco*, o uso de *sabe* torna-se mais livre na oração. Segundo Valle (2001), pode ter sido este deslocamento que o levou a funcionar como RAD, conforme podemos visualizar no exemplo:

(29) A blusa nova da Maria, **sabe?** fui com ela na festa.³¹

Na ocorrência (29), *a blusa nova da Maria* é focalizada para que o ouvinte ative o referente em sua memória, além de aparecer como tópico oracional e implicar relações entre as partes do texto (servindo como pistas relacionais³²).

Logo, a atuação de *saber* como *item de checagem de conhecimento*, para a autora, também emerge de contextos interrogativos. Observemos:

(30) E fui morar aqui numa na/ na [aveni-] na Rua Vidal Ramos. Na Vidal Ramos, ali. (est) Tá? **Sabes onde é a Vidal Ramos?** (ruído)(est) Então eu casei e fui morar ali.³³

Neste exemplo, a estrutura interrogativa recoberta por *sabe*?³⁴ aparece após uma informação que checa de forma explícita se o ouvinte conhece o referente *Rua Vidal Ramos*.

³⁰ As ocorrências (27) e (28) foram retiradas de Valle (2001, p. 84).

³¹ Ocorrência retirada de Valle (2001, p. 84).

³² Apresentamos a funcionalidade relacional dos itens na seção 2.3.

³³ Ocorrência retirada de Valle (2001, p. 85), identificada como FLP23MBC:203.

Valle (2001, p. 85) assevera que perguntas como estas (a exemplo de *Sabes onde é a Vidal Ramos?*) vão gradativamente

[...] sofrendo reduções e perdendo sua força interativa, exigindo cada vez menos respostas explícitas por parte do interlocutor, pois o falante pressupõe que o mesmo esteja compreendendo e apenas mantém, através do *sabe?*, contato entre os dois. [...] com a pergunta reduzida e também sua força interrogativa menor, *sabe* tem sua atuação reforçada como elemento que focaliza situações, opiniões e também, como está entre partes textuais que se relacionam, pode ser ainda visto como pista relacional. (grifos da autora)

A redução de que trata a autora, pode ser exemplificada da seguinte forma: *sabes onde é?* > *sabes ondê?* > *sabe?*. Vejamos as construções:

- (31a) Inf:(...) a Faculdade funcionava aqui na/ na Rua Esteves Júnior, sabes onde é?
Ent: Na Esteves Júnior, não!
(31b) Inf:(...) a Faculdade funcionava aqui na/ na Rua Esteves Júnior, sabes ondê?
(31c) Inf:(...) a Faculdade funcionava aqui na/ na Rua Esteves Júnior, sabe?³⁵

Até aqui, percebemos que a origem de *sabe?* como elemento discursivo está em seus contextos interrogativos de atuação. De acordo com Valle (2001), os papéis assumidos pelo item não são excludentes. Embora sejam ambíguos, eles coexistem desempenhando ações que ora podem focalizar referentes e ora checar conhecimento.

Da mesma forma que *sabe?*, Valle (2001) descreve que o percurso de *entende?* instancia-se no momento em que o verbo pleno assume outros usos: i) passa a aceitar complementos como *quem entende*, *entende algo*; ii) torna-se núcleo de uma oração principal em uma *oração subordinada substantiva objetiva direta*. Porém, sua atuação não se bifurca e nem tem sentido ambíguo. Vejamos o exemplo:

- (32) Ela entende que o seu filho cresceu.³⁶

Na ocorrência (32), *entende* implica *ter compreensão de*. Valle (2001) salienta que devido a este significado lexical adquirido por *entender*, o verbo passa a restringir os complementos oracionais a situações que envolvam processos mentais. Nas interrogações WH- também possui seu uso limitado devido a esta questão. Vejamos as construções:

³⁴ Valle (2001) considera que a forma *sabe?* pode, também, ser representada pela variante *sabes?*.

³⁵ Ocorrência retirada de Valle (2001, p. 85), identificada como FLP24FBC:815.

³⁶ Ocorrência retirada de Valle (2001, p. 88).

- (33a) Que horas são?
 (33b) * **Entende** que horas são?
 (33c) **Entendeste** que horas são?³⁷

- (34a) Que dia foi a festa?
 (34b) * **Entende** que dia foi a festa?
 (34c) **Entendesse**³⁸ que dia foi a festa?

Em (33) e (34) os complementos das construções não envolvem processos mentais e, neste caso, o sentido somente pode ser associado a *entender* se seu tempo verbal estiver no passado, conforme pode ser visto em (34), caso em que o verbo assume a significação de *perceber após ouvir*.

A atuação de *entender* não é ambígua, embora incida sobre perguntas voltadas às atividades mentais. Observam-se as ocorrências:

- (35a) Como é que se multiplica?
 (35b) **Entendes**³⁹ como é que se multiplica?⁴⁰

A situação (35) assinala que o único papel de *entender* é *checar a compreensão*, pois ele não focaliza a pergunta encaixada.

Assim, Valle (2001) considera que a atuação de *entende?* como RAD se origina de usos em contextos interrogativos, recobrando partes de enunciados sobre os quais o falante não tem certeza da compreensão do ouvinte. Observam-se as sequências nas quais a autora atesta esta hipótese:

- (36a) Aí tu colocas bastante gelo e soca bem, **entende como é que é?** Vai botando gelo e socando.
 (36b) Aí tu colocas bastante gelo e soca bem, **entende comé?** Vai botando gelo e socando.
 (36c) Aí tu colocas bastante gelo e soca bem, **entende?** Vai botando gelo e socando.⁴¹

Portanto, a autora propõe que a pergunta posposta ao enunciado vai sofrendo reduções da forma *entende como é que é?* > *entende comé?* > *entende?*. Neste momento, o item “passa a testar a compreensão ou somente o canal comunicativo, dar relevo à situação ou evento localizados antes

³⁷ As ocorrências (33) e (34) foram retiradas de Valle (2001, p. 89).

³⁸ No trabalho de Valle (2001), a forma *entendesse?* corresponde a segunda pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo *entendeste?*. Mas por um processo de assimilação fonética *ste* é pronunciado como *sse*.

³⁹ Valle (2001) considera que a macro-forma *entende?* pode se manifestar sob as variantes *entendeu?*, *entendes?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*.

⁴⁰ Ocorrência retirada de Valle (2001, p. 89).

⁴¹ Ocorrência retirada de Valle (2001, p. 90).

dele e, dada sua posição no contexto, também assinalar relações textuais, tais como: especificação, explicação, conclusão, etc” (VALLE, 2001, p. 90).

Não obstante, Martelotta (2004)⁴² aprimora os postulados de Martelotta e Leitão (1996)⁴³ (apresentados acima) e realiza um estudo conjunto dos MDs *sabe?* e *entendeu?*. Constata que eles possuem como ponto de partida em suas trajetórias de mudança o uso em posição inicial de “interrogações plenas” (p. 100), devido à perda de valor lexical e ganho de valor pragmático. Esta proposta aproxima-se ao que Valle (2001) inicialmente nos expõe, porém, de modo mais sucinto. Vejamos as ocorrências:

(37) **Sabe** o que é Word Star?
sei... é um programa de computador.⁴⁴

(38) **Entendeu** o que eu falei?
entendi.

Segundo o autor, essas interrogações plenas assumem novas funções discursivas e são originárias do processamento da fala, nas quais as formas *sabe?* e *entendeu?* passam a atuar como estratégias necessárias para “reorganizar e reorientar o discurso, fazendo com que seja possível a introdução de informações avaliativas e/ou explicativas de caráter pessoal, assim como reformulações e topicalizações, etc” (MARTELOTTA, 2004, p. 100).

Nesta direção, Görski e Valle (2013, p.116) salientam que, na posição inicial de construções interrogativas, esses elementos “assumem traços pragmáticos de interpessoalidade, relacionados a atos de fala diretos; mais tarde, deslocando-se para outras posições na frase e fixando sua forma, passam a atuar como elementos multifuncionais de organização discursiva/textual”. Podemos visualizar abaixo *sabe?* e *entende?* atuando de modo conjunto. A ocorrência (39) foi retirada da amostra Chapecó do projeto VARSUL e contempla as duas variantes em discussão:

(39) [...] Eu não gostava de matemática, **entende?** Mas o resto das outras matérias, eu ia super bem, **entende?** Nunca tirei notas baixas, assim, **sabe?** Mas [na] por exemplo, na matemática, [eu] sempre era aquela que eu ia puxando, **entende?** (SC CHP 09)

⁴² Neste trabalho, as análises foram realizadas com base no *corpus* “A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro – materiais para seu estudo”, constituído de entrevistas orais e escritas, de 93 informantes, escolaridade: CA supletivo e infantil, 4^a. e 8^a. séries do 1^o. grau, 2^o. grau e 3^o. grau. Em cada entrevista, os informantes são levados a produzir diferentes tipos de discurso: narrativas de experiência pessoal, narrativas recontadas, descrições de local, relatos de procedimento e relatos de opinião. A análise qualitativa levou em consideração apenas 47 informantes que utilizaram os marcadores em estudo e a análise quantitativa levou em consideração todo o *corpus*.

⁴³ Neste estudo os autores priorizaram a análise da forma *sabe?*.

⁴⁴ As ocorrências (37) e (38) foram extraídas de Martelotta (2004, p. 100).

Assim sendo, parece haver consenso quanto à origem da mudança categorial dos itens *sabe?* e *entende?*, voltada para o uso dos verbos em construções interrogativas. Em síntese, pode-se dizer que estes itens procedem de uma trajetória de mudança na qual perdem sentido referencial (como perguntas que pedem a concordância do ouvinte)⁴⁵, passando a assumir funções voltadas para o ato comunicativo (MARTELOTTA, 2004).

Ainda, Martelotta (2004) sugere que o MD *entende?* representa um ponto intermediário de mudança entre pergunta plena e marcador, voltando o sentido para o *recebimento da mensagem*. Conforme o autor, daí conclui-se que há uma gradação de mudança entre os marcadores. Esclarece que enquanto *entende?/entendeu?* está aparentemente mais preso ao seu sentido anterior (de pergunta plena), *sabe?* parece ter assumido com mais definição o estatuto de MD e suas funções⁴⁶, refletindo valores mais abstratos. Resulta dessa questão a evidência de que há uma gradação mais avançada de *sabe?* no processo de mudança, sendo que os usos refletem valores mais discursivizados⁴⁷.

Desse modo, a partir das características apresentadas ao longo desta subseção, observamos que há um caminho duplo no qual os verbos em análise produziram seu deslocamento para a categoria de MD: as perdas lexicais do sentido-fonte e conseqüente ganho de valor pragmático-discursivo são decorrentes dos diferentes usos das formas *saber* e *entender*. Em virtude disso, registra-se uma gradativa mudança categorial e semântica, de *verbos plenos* > *MDs*. Acreditamos que em nossa pesquisa, as diferentes atuações assumidas por estes itens nos processos de mudança categorial/semântica buscam atender necessidades comunicativas, moldando-se às novas funções de MDs.

2.3 CONTEXTUALIZANDO A ATUAÇÃO DE *SABE?* E *ENTENDE?*

O objetivo que delineamos aqui é contextualizar alguns estudos realizados sobre os itens *sabe?* e *entende?*, em especial, acerca da atuação desses marcadores, segundo as contribuições de autores como Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Silva e Macedo (1996), Chodorowska (1997 apud VALLE, 2001), Martelotta (2005), Müller (2005) e Valle (2001).

⁴⁵ O autor salienta que em sua investigação não foram encontrados usos desses marcadores em textos arcaicos, uma vez que estes são casos típicos da fala.

⁴⁶ Veremos o quadro de funções proposto por Martelotta (2004), na seção 2.3.

⁴⁷ Para Martelotta (2004) *saber* e *entender* passaram por um processo de mudança por discursivização.

Schiffrin (1987)⁴⁸ investigou o marcador discursivo *y'know* (*sabe?*), derivado da forma literal inglesa *you know* (*você sabe*). Constata em seus estudos que *y'know* é basicamente um marcador de estado da informação, ou seja, funciona como um marcador de transição sobre conhecimentos compartilhados entre os falantes. Além disso, acredita que este item mantém traços de seu conteúdo semântico de origem que por sua vez, influenciam seus usos discursivos.

Para a autora (1987), *y'know* é uma expressão de natureza cognitiva, com papel interacional e informacional. Esclarece que *y'know* possibilita duas composições semânticas: i) que uma informação X está disponível para o receptor da fala; ii) que a informação X está geralmente disponível. A partir destes sentidos, constituem-se duas funções discursivas para *y'know*: i) como marcador de meta-conhecimento sobre aquilo que o falante e o ouvinte compartilham; ii) como marcador de meta-conhecimento sobre aquilo que em geral é conhecido e compartilhado pelo falante e o ouvinte, enquanto membros da mesma sociedade, cultura ou grupos.

Em suas análises, Schiffrin (1987) evidencia que *y'know* é frequentemente encontrado em posições iniciais e finais de enunciados e em ambientes discursivos específicos como: concluindo argumento (o item conecta uma conclusão com uma evidência anterior), introduzindo um prefácio histórico (conecta um tópico conversacional anterior com futuras histórias sobre o tópico), evocando um novo referente (introduz um referente que será tratado como uma informação familiar/conhecida). Todos esses ambientes marcam a transição de uma fase do discurso para outra, sendo que *y'know* estabelece conexões entre os segmentos discursivos⁴⁹.

Schiffrin (1987) explica que *y'know* permite não apenas ao falante solicitar a afirmação do ouvinte quanto ao recebimento da informação, mas criar uma transição gradual dos papéis dos participantes através do discurso. Especificamente em narrativas, auxilia o ouvinte a selecionar aquilo que é importante para a compreensão da história.

Chodorowska (1997 apud VALLE, 2001)⁵⁰ estudou a expressão espanhola *me entiendes?*. A autora assume que o uso de *me entiendes?* está mais ligado ao nível pragmático, com um propósito interativo ou atitudinal. É utilizado para estabelecer o distanciamento entre os participantes na interação, originando uma implicatura de polidez. Esta implicatura de polidez pode estar

⁴⁸ Schiffrin (1987) também estudou os marcadores discursivos *oh, well, and, but, or, so, because, now, then e I mean*. Neste estudo, a autora segue uma perspectiva sociolinguística para dar conta do uso e da distribuição das formas no discurso.

⁴⁹ Schiffrin (1987) comenta que Fraser (1990) exclui *you know* do grupo dos marcadores discursivos por acreditar que este item sinaliza uma atitude de solidariedade do falante e não relações discursivas propriamente ditas.

⁵⁰ Os dados utilizados pela autora são provenientes de gravações de diálogos entre agentes de viagens e clientes de uma agência de turismo de Madri (Espanha), do período de um mês, do verão de 1994 (VALLE, 2001).

relacionada a duas funções: i) como demonstração de atitude polida diante do ouvinte em situações que requerem atenuação; ii) para manter o distanciamento no contato interpessoal. Observemos a ocorrência:

(40) A. Es que...mhm... Sabes que pasa que digamos que yo aquí a quien llamo tiene una capacidad de hoteles, no?
A. Porque claro. A lo mejor, me dicen ahora que sí y en veinte días que no **me entiendes**? Por eso nos obligan a hacer la reserva directamente...⁵¹

Segundo a autora, em (40), *me entiendes?* funciona como um recurso utilizado pelo atendente para atenuar a dificuldade de garantir um quarto de hotel ao cliente. Dessa forma, a relação estabelecida pela expressão volta-se tanto para o falante quanto para o ouvinte na conversação, enfatizando a participação responsiva do ouvinte.

Müller (2005), a partir de uma ampla revisão na literatura acerca das funções de *you know* (cf. Östman, 1981; Schourup, 1985; Holmes, 1986; Erman, 1987, 1992 e 2001; Schiffrin, 1987; Watts, 1989; Stubbe e Holmes, 1995; Macaulay, 2002; entre outros), sumariza dez categorias funcionais para este marcador, na fala de alemães e americanos⁵². O estudo de Müller (2005) centra-se na categorização e descrição do uso de MDs na fala de informantes nativos e não nativos de inglês. O estudo contempla dois grupos funcionais, sendo um de nível textual e o outro de nível interacional, ambos com cinco subfunções. Vejamos o quadro abaixo que nos fornece uma visão desta distribuição⁵³:

Nível Textual	Nível Interacional
Marcando busca lexical ou de conteúdo	“Imagine a cena”
Marcando falsa partida ou reparação	“Veja a implicação”
Marcando aproximação	Referência para o conhecimento compartilhado
Introduzindo uma explicação	Apelo à compreensão
Citar <i>you know</i>	Reconhecem que o falante está certo

Quadro 1: Funções do MD *you know* usado por falantes alemães e americanos

Fonte: Adaptado de Müller (2005, p. 157)

⁵¹ Ocorrência de Chodorowska (1997, p. 362 apud VALLE, 2001).

⁵² Os dados utilizados pela autora são provenientes do corpus GLBCC (The Giessen-Long Beach Chaplin Corpus). Os participantes são estudantes universitários americanos e alemães. Os estudantes americanos foram registrados principalmente no Estado da Califórnia, na Universidade de Long Beach (CSULB), enquanto que a maioria dos estudantes alemães foram registrados na Universidade Justus Liebig em Giessen (JLU). A autora registrou 324 ocorrências de *you know* nos dados analisados.

⁵³ Tradução nossa; texto original:

Textual Level: marking lexical or content search; marking false start and repair; marking approximation; introducing an explanation; quotative you know.

Interactional Level: “imagine the scene”; “see the implication”; reference to shared knowledge; appeal for understanding; acknowledge that the speaker is right.

Müller (2005, p. 6) acredita que a única característica que pode distinguir os marcadores discursivos de seus homônimos não discursivos é a *opcionalidade sintática*. Dessa forma, utiliza este aspecto como critério para o tratamento e seleção dos dados. Neste trabalho, além das dez divisões mencionadas acima, a autora também atenta para uma categoria genérica, denominada por ela como “*various functions*”, por considerar que alguns de seus dados linguísticos possuem frequência insuficiente para denotar uma categoria funcional própria, além de ter encontrado algumas sequências não classificadas devido à qualidade das gravações.

No português brasileiro, Marcuschi (1989) nos fornece subsídios mais gerais sobre os marcadores⁵⁴. Do ponto de vista interacional, o autor considera que formas como *não é, né, entendeu, sabe, viu, certo*, possuem a função interacional de “busca de aprovação discursiva (BADs)”.

Alicerçado em Settekorn (1977), Marcuschi (1989, p. 315) explica que estes elementos possuem “uma força ilocutória de natureza argumentativa, na medida em que frisam a proposição asseverada”. Assim, ao buscarem a confirmação do argumento, estes marcadores buscam a *confirmação do papel de locutor*, além de indicar que o objeto do discurso está sendo construído em conjunto com o seu interlocutor. Do ponto de vista semântico, os marcadores não contribuem com informações para a unidade comunicativa, restringindo-se ao plano interacional.

Desse modo, para Marcuschi (1989), os MCs são identificados pelas funções que desempenham na interação, e não pela classe gramatical a que pertencem originariamente.

Por outro lado, Silva e Macedo (1996) propõem uma ampla classificação para os MDs, segundo suas compatibilidades semânticas, funcionais e posicionais⁵⁵. As autoras apresentam estes elementos divididos em nove categorias, e é no subgrupo dos Requisitos de Apoio Discursivo (RADs) que estão inseridos os itens *sabe?* e *entendeu?*, conforme visualizamos a seguir:

54 Marcuschi (1989) adota o termo marcador conversacional (MCs). Para estas análises o autor utilizou como *corpus* básico, três textos; um texto foi coletado pelo Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC) de Recife e o outro pelo Projeto NURC/São Paulo e o terceiro é uma conversa telefônica. Todos os informantes têm formação universitária.

55 Nesse trabalho, o *corpus* utilizado constitui 64 entrevistas da Amostra Censo (perspectiva variacionista), cujos fatores sociais controlados na pesquisa levaram em consideração o sexo dos informantes (masculino e feminino), a idade e escolaridade, além dos gêneros discursivos disponíveis no banco de dados (narrativa, descrição de vida, argumentação, diálogo, citação, descrição, receita).

Grupo	Função	Itens
1. Iniciadores	Iniciam turnos	<i>ah, bom, bem, olha;</i>
2. Requisitos de apoio discursivo	Uso interativo para testar a atenção do interlocutor	<i>né? tá? <u>sabe? entendeu?</u></i>
3. Redutores	Modalizam a postura do locutor	<i>eu acho, pó, sei lá</i>
4. Esclarecedores	Retomam com maior clareza partes do discurso	<i>quer dizer, deixa eu ver</i>
5. Preenchedores de pausa	Preenchem o silêncio, enquanto o falante processa o que será dito	<i>assim, hãa, bem</i>
6. Sequenciadores	Marcam sequência no discurso	<i>aí, então, depois</i>
7. Resumidores	Encerram uma lista de itens e resumem	<i>e essas coisas, e tal, coisa e tal, e tudo</i>
8. Argumentadores	Iniciam argumentação contrária ao discurso precedente	<i>agora, é mas, não mas, sim mas</i>
9. Finalizadores	Dão fecho ao turno do falante	<i>então tá, é isso aí, tudo bem</i>

Quadro 2: Classificação dos MDs
 Fonte: Adaptado de Silva e Macedo (1996)

No que refere às questões funcionais dos RADs, Silva e Macedo (1996) afirmam que eles desempenham importante papel na interação, nas relações entre falante e ouvinte, e têm como função principal manter o fluxo da conversa e a harmonia entre os participantes. Para as autoras, os RADs são definidos como marcadores usados pelo falante para se certificar da atenção do ouvinte. Além disso, os RADs mantêm a função de pedir aquiescência do interlocutor, no sentido de receber uma resposta deste, como demonstração de que está impelido na interação. Em (41) e (42) nota-se esta acepção:

(41) Quando eu tenho que fazer, eu faço, faço consciente, entendeu?⁵⁶

(42) Mas ele era violento mesmo fora do campo. É um tipo de desordeiro mesmo sabe?

As contribuições de Martelotta (2004), notadamente relevantes para o estudo dos itens *sabe?* e *entendeu?*, assentam-se na sistematização de um quadro funcional específico para estes marcadores. O autor postula que os itens *sabe?* e *entendeu?* desempenham a *macrofunção de viabilizar o processamento da fala e a recepção do ouvinte*. Esta macrofunção, segundo ele, se manifesta a partir de um conjunto de subfunções que normalmente tendem a se confundir e se

⁵⁶ As ocorrências (41) e (42) foram extraídas de Silva e Macedo (1996, p. 17).

sobrepor. As subfunções são: marcador de reformulação na fala; marcador de topicalização; indicador de discurso de fundo; modalizador da fala e preenchedor de pausa.

Mostraremos estas diferentes funções e as características intrínsecas a elas, a partir de algumas ocorrências a seguir. Vejamos:

(43) “...essa empresa aqui que é onde é que eu... faço estágio... era... Portobrás... vou te dar um exemplo... era Portobrás...tá? o Collor extinguiu... entendeu? extinguiu... aí passou a se chamar Portos... quer dizer... foram vários funcionários embora... pessoas boas...**entendeu?** foram mandadas embora... e agora o que que acontece? aqui é... uma empresa até... muito política...”

Na ocorrência (43), embora o item *entendeu?* apareça em um *continuum* linguístico, Martelotta (2004) atribui diferentes funções a ele. São identificadas funções coocorrentes de: marcador de fundo (*entendeu?* marca “pessoas boas” que funciona como fundo no relato); marcador de topicalização (“pessoas boas” retoma “vários funcionários” e atua como tópico para “foram mandadas embora”); marcador de reformulação (“pessoas boas” retoma o referente “vários funcionários”).

(44) “... o que aconteceu... foi com uma amiga minha... ela... namorava um rapaz... há/ namorou um rapaz há três anos... eh... um menino... (eu não sei) não posso revelar... aí... ela/ é aquilo... maior paixão... **entendeu?** mas... tinha uma coisa que... sempre... implicava com eles dois... não sei o que era... eu acredito muito em destino... **sabe?** eu acho que... as pessoas... eh... quando têm o destino traçado... é aquilo... aí ela namorou ele/ ela namorou esse rapaz há três anos... ela desmanchou com ele...”

(45) “... mas que adianta um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh... viv/fica dois... três dias... depois se separam...entendeu? eu acho isso aí um absurdo... porque... poxa... eu sei lá... **sabe?** num né? a vida/ tudo bem... está tudo difícil... mas a pessoa... eu acho que a pessoa tem que saber... diretamente aquilo que quer...”

Na ocorrência (44), o autor considera que os MDs aparecem em um contexto de interrupção da narrativa e exercem a função de marcar comentário de fundo. As informações de fundo servem de base para a compreensão dos fatos seguintes. Na sequência, na ocorrência (45), o item *sabe?* opera como um preenchedor de pausa, devido à demora no processamento da informação. Neste caso, os itens perdem ainda mais seus vínculos sintáticos e visam a recuperação do fluxo de ideias do falante sem perder o turno de fala, o que reflete um contexto característico de hesitação do falante.

Nesta linha, Valle (2001) apresenta contribuições igualmente relevantes. Com base na proposta de Silva e Macedo (1996), adota a terminologia Requisitos de Apoio Discursivo (RADs)⁵⁷ para a pesquisa dos itens *sabe?*, *entende?* e *não tem?* na amostra Florianópolis, do projeto VARSUL⁵⁸. Em seus estudos, identifica um duplo movimento no comportamento dos RADs *sabe?*, *entende?* e *não tem?*⁵⁹. Explica que ao mesmo tempo em que frisam aquilo que está dito à sua esquerda, também estabelecem relações textuais com o que está posto à direita da oração, fornecendo pistas discursivas acerca do conteúdo seguinte. Para a autora, pode-se dizer que estes elementos possuem um caráter bi-direcional e atuam em dois níveis: como *focalizadores* e *relacionais*. Vejamos a ocorrência citada pela autora para ilustrar essa situação:

(46) às vezes até eu acho que eu sou meio brabinha, não tem? assim meio de gênio...
(est)⁶⁰

Para esta ocorrência, a autora explica que o item *não tem?*, ao mesmo tempo em que frisa a proposição anterior a ele, “às vezes até eu acho que eu sou meio brabinha”, está localizado entre a proposição e um trecho que a detalha, “assim meio de gênio”. Nesta posição o item marca a divisão entre a proposição e seu detalhamento e, em virtude disso, acaba funcionando como elemento que assinala uma relação de especificação oracional.

Valle (2001) ancora-se no conceito de *relevo*, proposto por Travaglia (1999)⁶¹, e esclarece que os itens exercem a função de *focalizadores ou marcadores de relevo* daquilo que os antecedem, apontando para partes do texto, a fim de destacá-las para o ouvinte. O que está à esquerda do marcador constitui um plano primário de informações, essenciais para o falante dentro do desenvolvimento do tópico.

Por outro lado, a função de *relacionais* aparece como um papel secundário, o de assinalar relações textuais localizadas após os itens. Estas são funções que derivam da *base focalizada* pelo falante e fornecem “pistas” aos comentários seguintes. A autora considera que

⁵⁷ Valle (2001, p. 5) considera que a distribuição proposta por Silva e Macedo (1996) “parece indicar que o tratamento em subgrupos, cujos elementos se agregam por comportamentos e funções comuns, é a decisão metodológica mais adequada para a análise de elementos de ordem discursiva”. Embora esta decisão, a autora destaca que o estudo destes itens dentro do grupo dos MCs e MDs em sentido amplo também tem contribuído para a delimitação do comportamento e a identificação de funções para estes elementos.

⁵⁸ Valle (2001) utilizou como *corpus* 36 entrevistas do banco de dados Varsul, da cidade de Florianópolis; encontrou um total de 512 ocorrências: 203 de *sabe?*; 205 de *não tem?*; 113 de *entende?*.

⁵⁹ *Não tem?* é um marcador típico da região litorânea de Santa Catarina, especialmente de Florianópolis e com características semelhantes aos itens *sabe?* e *entende?*.

⁶⁰ Ocorrência extraída de Valle (2001), identificada como FLP20FAC:350.

⁶¹ Valle (2001) inspira-se na divisão dos fatos de focalização proposta por Travaglia (1999).

No caso de *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, seu uso remete a atenção do falante ao que já foi dito, criando assim uma hierarquia informacional, em que o trecho focalizado toma destaque, servindo de base de onde derivam os outros comentários do falante, estabelecendo-se, assim, uma relação de dependência daquilo que é posposto ao RAD em relação ao trecho ou elemento focalizado pelo item. (2001, P. 70) grifos da autora

Na proposta de Valle (2001) observa-se que as relações assinaladas pelos RADs são dependentes da sequência focalizada. A autora explica que, ao se voltarem para o texto, os RADs atuam superpostos, podendo focalizar os participantes da oração, opiniões do falante e situações, a fim de testar o canal comunicativo, ativar algo na memória do falante ou checar a compreensão do que foi dito. E, de acordo com o contexto em que se encontram, atuam de forma relacional. As relações textuais podem ser do tipo: especificação, explicação, conclusão, finalidade (entre outras). Cabe salientar que as atuações dos itens não se excluem, mas caminham de maneira superposta.

Assim, Valle (2001) busca delimitar com maior rigor as diferentes funções para *sabe?*, *entende?* e *não tem?*. Para isso, propõe um estudo sociofuncionalista (tal qual equipara-se nosso trabalho), para identificar a multifuncionalidade dos RADs, atribuindo-lhes um quadro funcional complexo, conforme visualizamos no Quadro 3, a seguir:

Quadro funcional	
Propriedade de <i>requisitar apoio discursivo</i>	
Focalizadores (focalizam informações veiculadas no texto)	Relacionais (assinalam relações entre partes do texto)
Foco no(s) participante(s)	Especificação
Foco na(s) característica(s) do(s) participante(s)	Contraste
Foco na avaliação do falante	Conclusão
Foco na situação passada	Retomada
Foco na situação presente	Sequenciação de ações ou argumentos
Foco na opinião do falante	Finalização de turno
	Anúnciação de complemento
	Circunstanciação
	Ênfase/Atenuação
	Planejamento Verbal

Quadro 3: Hierarquia funcional dos RADs

Fonte: Adaptado de Valle (2001, p. 78)

Como elementos *focalizadores*, Valle (2001) delimita seis tipos funcionais. Para elucidar nossa exposição, iremos apresentar uma ocorrência para cada uma das funções a serem demonstradas, seguida de um breve comentário.

a) foco no(s) participante(s): esta função focaliza o falante ou partes dele, terceiros que figuram na entrevista, objetos, nominalizações, instituições, indicações temporais e locativas; todos são elementos dotados de referencialidade e podem se realizar através de sintagmas nominais.

(47) Estava super legal assim, né? Eles agitaram pra caramba, eu tive que (risos F) eu fui, o show era lá no LIC, né? Lagoa da Conceição **sabe**, né? Aí eu fui, cheguei/ fui de carona com a minha amiga, né? porque meu pai não queria deixar eu ir, de última hora a gente resolveu ir. Aí ela arranjou um tio dela pra levar nós.⁶²

Em (47) é compartilhada pelos interlocutores a indicação locativa *Lagoa da Conceição*.

b) foco na(s) característica(s) do(s) participante(s): atuam para dar relevo para características dos participantes, como a cor dos olhos, dos cabelos, formato do rosto, pesos e medidas.

(48) Mas ele deu sorte, que ele só queimou por cima, só queimou a pele. (est) Não teve [que]- aquelas queimaduras profundas, **entende?** Só queimou isso, é, só queimou assim ó, (est) como:: essas coisinhas aqui assim.

Em (48) para chamar a atenção à característica do participante no que refere *queimaduras*, o falante utiliza o adjetivo *profundas*.

c) foco na avaliação do falante: servem para dar ênfase a avaliações, julgamentos de valor que o falante faz sobre si, sobre outros participantes e sobre eventos ou ações.

(49) Agora, o serviço ali é:: um serviço:: brabo, ele é estúpido, **sabe?** Ele é/ porque é pesa::do, mas sempre uma ajuda a outra, né?

Na ocorrência (49) a avaliação do falante se dá através de uma construção predicativa *ele é estúpido*, sobre um participante oracional.

⁶² As ocorrências (47) a (52) foram extraídas de Valle (2001), conforme relacionadas a seguir: FLP19FJG:647; FLP03MAP:942; FLP07FBP:130; FLP12MAG:124; FLP24FBC:537; FLP07FBP:166; respectivamente.

d) *foco na opinião do falante*: essa função ocorre quando o item tem escopo sobre o posicionamento, a opinião do falante acerca de um assunto, principalmente se for de cunho polêmico, como política e religião.

(50) Olha, a impressão que eu tenho, sendo eu bancário, o Plano pra mim não:: não resolveu nada, sabe? (est) Apesar que estava tudo, né? numa hora da morte-

Na ocorrência (50), o que explicita o caráter opinativo do falante é a expressão *pra mim*.

e) *foco na situação acabada*: os marcadores são utilizados para dar foco a situações, experiências passadas, incidindo sobre orações ou períodos inteiros que informam um estado, um evento ou uma ação, seja pontual ou corriqueira.

(51) Então, na quinta-feira..., a gente tinha que confessar, na primeira quinta-feira do mês a gente tinha que ir ao Confessionário, isso, assim, no, no espaço de uma aula ou outra, ou então tinha um horário (est) pra gente se confessar, sabe? (est) aí todo mundo se confessava. A Capela era linda, não podia ser mais linda a nossa Capela.

Observa-se em (51) que o marcador *sabe?* enfatiza a descrição do falante sobre uma sequência de fatos que se repetiram em um período de sua infância em relação ao ato de *confessar*, checando a compreensão do ouvinte.

f) *foco na situação presente*: os marcadores são usados para dar relevo a situações presentes, habituais ou durativas, incidindo sobre orações ou períodos inteiros que informam sobre estados, eventos ou ações.

(52) A minha filha fica em casa porque (tosse) o meu filho mora:: no mesmo quintal, sabe?... A casa é quase/ que a distância é pouca, então::, antes de eu sair, eu deixo ela tirada da cama, tiro ela da cama.

Em (52) o item se comporta como um elemento de checagem da compreensão do interlocutor para a situação presente durativa.

Na condição de elementos *relacionais*, Valle (2001) define dez subcategorias para os itens. Da mesma forma, traremos uma ocorrência para cada uma das situações, seguido de um breve comentário, a fim de facilitar nossa compreensão.

a) *especificação*: sinaliza características posteriores aos itens, que podem ser de natureza atributiva (adjetivos, expressões adjetivas, orações relativas), de natureza descritiva (construções que descrevem o elemento em foco), em forma de lista (abrindo um leque de elementos que fazem parte do elemento focalizado), em forma de relato de situações habituais.

(53) Foi o que ajudou muito a minha vida pra criar eles, e eles hoje, eu me sinto feliz porque são casados, não são ricos mas são pobres que não me dão trabalho, sabe?, são filhos bons:... não/ não têm vício, o moço, já tenho uma netinha pela parte do filho, de seis anos-⁶³

Em (53) *sabe* assinala aquilo que vem antes dele, no caso *os filhos*, posicionando-se em um lugar que introduz uma série de construções que especificam o assunto escopado.

b) *contraste*: o item ocorre entre informações contrastantes ou em um contexto em que a segunda informação restringe a primeira, delimitando-a.

(54) Não, não se fala. A gente evita, né? ... Eu, até agora, durante os meus vinte anos de casada, eu era feliz..., **sabe?** Apesar de vez em quando ter um espi::nho, assim, né?... Qual o casal que não briga, né?

Na ocorrência (54) *apesar* restringe o trecho focalizado pelo item *sabe?*, delimitando-o.

c) *conclusão*: após o item ocorre o desfecho, a justificativa, a explicação de um tópico que vinha sendo desenvolvido.

(55) Aí agora o taco não, o taco é um:: é um pedaço de pau, (est) tem uma casinha... (est) atrás do taco e o outro cara está no outro lado joga a bolinha, vais ter que rebater e ter que:: um indo pra o lado do outro fazer ponto. (est) **Entendeu?**... (est) É isso aí.

Na ocorrência (55), *entendeu?* recobre todo o trecho que o antecede, sobre as *instruções de como jogar taco*, localizando-se entre o final do tópico e a construção resumitiva que o retoma e finaliza.

⁶³ As ocorrências (53) a (62) foram extraídas de Valle (2001), conforme relacionadas a seguir: FLP07FBP:38, FLP11FAG:398, FLP10MJP:323, FLP02MAP:750, FLP07FBP:48, FLP07FBP:500, FLP01FAP:731, FLP22FBC:196, FLP05FJP:909, FLP22FBC:63, respectivamente.

d) retomada: ao marcar um comentário de fundo, geralmente avaliativo, o item indica que aquele trecho está interrompendo um tópico principal, contribuindo para a recuperação ou sequência deste.

(56) Eu hoje por exemplo, na época, eu era garoto, já crescido, um pouco mais de doze, treze anos, eu lembro que o meu pai trazia pra gente, embora/ e ele tinha [se-] oito filhos, então trazia pra gente vinte pães, (est) à noite,... que a gente costumava/ Que naquela época tinha fartura porque o custo de vida era melhor, (est) **entendeu?** (est) Então ele trazia vinte pães, trazia um... um potezinho de mel, um vidrinho, que seja lá o que é que for. Mas mel puro!

Nesta ocorrência (56), *entendeu?* marca um comentário avaliativo (*naquela época tinha fartura*), que é derivado do tópico discursivo (*descrição da época de garoto do informante*), cujo tópico é retomado pelo conector *então* e pela repetição do comentário *trazia vinte pães*.

e) sequenciação de situações ou argumentos: esta relação ocorre quando o item está posicionado entre um fato ou uma ideia de um mesmo tópico discursivo, porém independentes; a sequenciação pode ser justaposta pelo próprio item ou feita por conectores.

(57) Mas, enfrento com muito amor, enfrento com toda::, credo, com tudo que eu sinto, assim como se ela fosse uma/ uma moça boa, **sabe?**... Não me incomodo de não ir a certos lugares porque tenho ela, não saio mesmo quase, é difícil, só uma missa de manhã, enquanto ela fica sozinha, porque a igreja é aqui perto.

Em (57), verifica-se que *sabe?* representa o elo encadeador da sequência (não há presença de conectores).

f) finalização de turno: finaliza o término do trecho discursivo do falante, passando a palavra ao interlocutor.

(58) Ent: E como é que sabe o cardápio do dia? Como é que é feito o cardápio? Toda quinta-feira, por exemplo, é a mesma coisa, toda segunda-
 Inf: Não, isso aí é mudado, isso aí varia... O cardápio varia, **sabe?**...
 Ent: Enjoa, né?

Na ocorrência (58), o item sinaliza a passagem de turno entre o falante e o ouvinte; após o item, a palavra passa para a outra pessoa.

g) *anúncio de complemento*: quando o item ocorre entre verbo e objeto, objeto direto e indireto, sem marcar relações aparentes, passa a atuar como delimitador de constituintes.

(59) Um irmão meu também gosta muito de cozinhar. É bom, **sabe?** nessas coisas. Aí eu me lembro que um dia a minha avó [fe-] A minha avó fazia um feijão, assim, maravilhoso.

Nesta ocorrência (59), o item *sabe?* funciona como anúncio de complemento, devido à estrutura que o antecede *bom em quê?*.

h) *circunstanciamento*: há contextos em que o item funciona como introdutor de informações circunstanciais que servem para delimitar o contexto no qual as ações se passam ou a finalidade a que se prestam.

(60) A mamãe, ela de manhã ela fazia tricô, de tarde ela/ ela/ ela costurava e de noite ela fazia outro [borda-] um bordado, uma coisa assim diferente, **entende?** Pra não ficar sempre naquele ali e aborrecer, né? E:: então ela fazia mesma coisa com o quatinho dela.

Observa-se em (60) que, após o item *entende?*, é dada a finalidade da situação focalizada (*finalidade de não se aborrecer*). Valle (2001) esclarece que a posição do RAD é, preferencialmente, entre uma oração principal e uma oração final, porém esta relação pode se dar entre duas orações justapostas; neste caso, o sentido de finalidade depreende da relação entre o conteúdo das duas orações.

i) *ênfase/atenuação*: os itens atuam enfatizando características de objetos, dos participantes ou do falante; agem diretamente sobre uma palavra ou expressão específica, que é frisada posterior ao item.

(61) Porque naquela época, eles comiam pirão com ovo, né? (est) Não tinha ovo pra comer... (est) Aí meu vô era/ era alcóolatra, **não tem?** Era, graças a Deus, por isso que agora ele tem esse problema no coração.

Em (61), o item *não tem?* age sobre a informação *era alcóolatra*, frisando-a com o verbo *ser* no pretérito (*era*).

j) planejamento verbal: os itens ocorrem quando o falante perde o fluxo discursivo; servem para reorganizar a fala, impedindo a tomada de turno pelo interlocutor.

(62) Que têm pessoas que são assim: tu vê uma criança, né? Criança/ dependendo da criança, se tu ralha com ela, ela sai daqui vai fazer outra (inint). Têm pessoas que também são assim. Eles recebem uma/ uma/... um, **sabe?** (hes) tem um atrito aqui, já vão lá, já outro atrito logo.

Em (62), *sabe?* se constitui como uma estratégia de planejamento verbal, marcado por um contexto de hesitações.

Valle (2001) assume que os itens *sabe?*, *entende?* e *não tem?* são intercambiáveis e compartilham tanto a multifuncionalidade relacionada acima, quanto a propriedade interativa de *requisitar apoio discursivo*. Assim, adota estas variantes na perspectiva de uma mesma variável linguística, integrantes de um mesmo domínio funcional.

2.4 FECHANDO O CAPÍTULO

Frente aos estudos realizados sobre o assunto, assumimos o desafio de analisar os contextos de uso dos itens *sabe?* e *entende?*, na fala de 36 informantes do município de Chapecó/SC e, assim, contribuir com a descrição desses fenômenos discursivos. Consoante à Martelotta (2004) e Valle (2001), temos claro que a delimitação contextual a ser averiguada, trata-se de um recorte metodológico, e não de um retrato fiel dos itens. Esses autores, já constataram que, comumente, pode haver casos de sobreposição funcional, ou formas que atuam de modo híbrido. Ampliamos esta discussão no Capítulo 5.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O aporte teórico desta dissertação tem como base a interface do Sociofuncionalismo, que congrega os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e do Funcionalismo Linguístico, com enfoque no processo de gramaticalização das formas. Para tanto, tratamos das variáveis *sabe?* e *entende?* como fenômenos discursivos situados no campo de estudo dos MDs.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, discorreremos sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguística, postulada por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), Labov ([1972] 2008), entre outros, cujas contribuições nos fornecem subsídios para tratar dos MDs *sabe?* e *entende?* de acordo com padrões de correlação entre variáveis linguísticas e as categorias sociais. Na segunda seção, focalizamos o Funcionalismo Linguístico de orientação norte-americana, a partir das considerações de Givón (1995), destacando o processo de mudança linguística por gramaticalização, fundamentado, principalmente, por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper (1991), Traugott (1995, 2003), Heine (2003), Bybee (2003), entre outros. O enfoque funcionalista permite-nos compreender o processo de mudança semântico e categorial dos itens. Na terceira seção, apresentamos a abordagem Sociofuncionalista segundo Naro (1998), Tavares (1999, 2003, 2013), Görski et al. (2003), Görski e Tavares (no prelo; 2013), entre outros. E por fim, revisitamos brevemente a literatura sobre os MDs, de acordo com Risso, Silva e Urbano (2006), Urbano (1997, 1999, 2006), Silva e Macedo (1996), Martelotta (2004), entre outros.

3.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: ALGUMAS NOÇÕES

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, também denominada de Sociolinguística Variacionista⁶⁴ destaca-se no cenário dos estudos linguísticos por possuir um modelo teórico-metodológico que permite analisar e sistematizar a diversidade e a variação presente nas línguas. Pautamo-nos em Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), Labov ([1972] 2008), entre outros, para situar algumas noções teóricas basilares ao nosso estudo. Aportamo-nos nestes pressupostos

⁶⁴ A Sociolinguística tem origem nos Estados Unidos, na década de 1960, tendo como um dos seus maiores expoentes William Labov. Esta é uma abordagem que se ancora historicamente nas ideias de Meillet. No início do século XX, o linguista francês Meillet e os linguistas russos Bakhtin e Marr postulam uma concepção social de língua, diferentemente da proposta estruturalista de Saussure e gerativista de Chomsky, que à época deixaram de lado os componentes externos à língua (tais como a história, a sociedade, etc.) (COELHO et al., 2010).

para averiguar quais os fatores condicionantes estão envolvidos no uso dos marcadores *sabe?* e *entende?*.

O objeto de investigação da sociolinguística é a língua falada em situações naturais de interação face a face (TARALLO, 2007). Assim, além da língua vernácula, os estudos variacionistas levam em consideração as relações entre língua e sociedade, e o estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social (COELHO et al., 2010). Este modelo teórico sugere a interseção dos “fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, ([1968] 2006, p. 34). Nesta direção, Labov ([1972] 2008, p. 13) concebe a língua tal como é “usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), o caráter heterogêneo do sistema linguístico é um produto de combinações, alternâncias ou mosaicos (de língua) que estão simultaneamente disponíveis aos falantes. Estes autores argumentam que as estruturas heterogêneas fazem parte da competência linguística monolíngue do falante e que a ausência de heterogeneidade estruturada na língua é que seria algo a ser considerado como disfuncional.

Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006, p. 97) definem que as formas distintas coexistentes na mesma língua e que oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa” são variáveis linguísticas. De acordo com Tarallo (2007) a estas alternâncias de código dão-se o nome de *variantes*, identificadas através das diferentes formas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Em toda comunidade de fala podemos encontrar formas linguísticas em variação, como é o caso dos MDs *sabe?* e *entende?*.

Dessa forma, os pressupostos variacionistas permitem-nos lançar um olhar acurado sobre os padrões linguísticos e as categorias sociais envolvidas nos usos linguísticos. Possibilita-nos verificar que fatores regulam a variação, como se dá a interação com outros elementos do sistema linguístico e com a sociedade, além de averiguar de que forma estes aspectos podem levar à mudança (COELHO et al., 2010).

Cabe destacar, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006, p. 126) que a mudança linguística “não é uniforme nem instantânea”, pois, toda mudança na língua pressupõe variação, momento no qual coexistem duas ou mais variantes em um campo natural de batalha, associadas por longo período de tempo. Dessa forma, a mudança linguística constitui um processo gradativo de substituição de uma variante antiga por uma nova. Este processo é transmitido dentro

da comunidade como um todo e os fatores linguísticos e sociais estão diretamente imbricados. À dualidade variação e mudança, Weinreich, Labov e Herzog (op. cit., p. 126) postulam o pressuposto de que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”.

Os autores atentam para o fato de que o processo de mudança linguística “começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala”, assumindo certa significação social (op. cit., p. 124). Quando estas formas se encaixam no sistema linguístico da sociedade, a mudança é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Decorre desta situação a elevação no nível de consciência social, momento em que a variável passa para um grau de regularidade e se estabiliza.

Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) elencam um quadro de problemas que nos fornecem uma visão integrada do processo de mudança linguística:

a) *Problema dos fatores condicionantes*: diz respeito às condições que motivam/condicionam a mudança em uma dada estrutura; os fatores condicionantes podem ser linguísticos (de ordem semântica, sintática, etc.;) e extralinguísticos, divididos em fatores sociais (como sexo/gênero, grau de escolaridade, faixa etária, por exemplo) e estilísticos.

Em nossa dissertação, este problema pode ser verificado por meio dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que definimos para análise, a fim de observar os aspectos que possivelmente estejam motivando, restringindo/condicionando a variação dos MDs *sabe? e entende?*.

b) *Problema da transição*: este problema remete, nos termos de Rost Snichelotto (2009, p. 127), “à necessidade de definir e analisar como a mudança acontece, quais são seus caminhos e etapas, se o sistema linguístico de um indivíduo muda ao longo de sua vida, como as mudanças são difundidas na comunidade de fala, como elas se movem de uma comunidade a outra e, por fim, como a mudança é transmitida de uma geração a outra”. Busca-se compreender os estágios intervenientes dos estágios da língua, como o momento em que o falante aprende uma forma alternativa e o tempo em que as formas coexistem até uma delas tornar-se obsoleta.

Para o trabalho a que nos propomos, este problema pode ser verificado por meio da revisão literária dispensada aos itens no primeiro capítulo. Neste, foi possível verificar,

sem comprometimento diacrônico, o percurso de mudança semântica e categorial do estatuto verbo > MD de *sabe?* e *entende?*.

- c) *Problema do encaixamento*: as mudanças linguísticas estão encaixadas no sistema como um todo, dividido em *encaixamento na estrutura linguística e encaixamento na estrutura social*. No primeiro caso, a mudança acontece gradualmente, de forma contínua ou discreta. No segundo, as variações sociais e geográficas estão intrínsecas na estrutura. O foco do linguista está em determinar o grau de correlação social que existe no processo de mudança e suas implicações no sistema linguístico.

Este problema nos permite observar o comportamento funcional dos itens *sabe?* e *entende?* na estrutura linguística, bem como verificar o encaixamento social por meio dos grupos de fatores previamente delimitados, tais como o sexo/gênero, a escolaridade e a idade dos informantes, por exemplo.

- d) *Problema da avaliação*: diz respeito a uma abordagem direta, no sentido de medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da variável linguística, ou indireta, no sentido de correlacionar as atitudes e aspirações gerais dos informantes com seu comportamento linguístico.

Em nosso trabalho, não utilizamos testes de atitude ou de avaliação para captar diretamente as reações positivas ou negativas dos falantes quanto aos itens em análise; o que poderá nos fornecer indícios sobre o nível de consciência social, ou seja, sobre o valor social atribuído aos itens *sabe?* e *entende?* pelo falante, será através dos resultados estatísticos obtidos em termos de frequência de uso para cada um dos marcadores.

- e) *Problema da implementação*: de modo geral, os processos de mudança envolvem estímulos e restrições de ordem social e linguística; é complexo explicar a implementação da mudança, considerando o número de fatores que condicionam os processos, além das mudanças no comportamento social que incidem diretamente na língua; a despeito destas constatações é válido o exame de todos os casos possíveis para explicar o processo de mudança linguística, uma vez que este problema consiste no cerne de toda a teoria.

Acerca disso, através das sucessivas etapas da pesquisa, a começar pela revisão literária e posterior tratamento estatístico, objetivamos elucidar aspectos de que tratam o problema da implementação e suas nuances a partir do uso dos itens *sabe?* e *entende?*.

Acreditamos que os resultados estatísticos possibilitarão algumas inferências quanto aos usos de *sabe?* e *entende?* na fala chapecoense.

Consoante a Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), Guy (2011) avalia que a variação é a face sincrônica da mudança e a mudança é nada mais do que a variação diacrônica. O que diferencia variação e mudança linguística são escalas de tempo. Neste sentido, vale destacar que se circunscrevem para o exame da mudança em curso duas perspectivas de análise: *tempo real*⁶⁵ (eixo diacrônico) e *tempo aparente* (eixo sincrônico). A análise em *tempo aparente* descreve os usos variáveis em recortes temporais específicos, em vista das faixas etárias dos informantes. Já, o estudo de variáveis em diferentes amostras ao longo do tempo encaixa-se na perspectiva em *tempo real*. Aportamo-nos aqui, na abordagem em *tempo aparente* (sincrônica).

Outro aspecto importante a ser destacado, segundo Eckert (2012), é que os estudos sociolinguísticos com enfoque no significado social são marcados por três ondas analíticas⁶⁶. Nota-se, segundo Collischonn e Monaretto (2012, p. 836), que o Banco de Dados VARSUL se insere na primeira onda de estudos sociolinguísticos propostos por Eckert (2012), também conhecida como “era dos inquéritos”. No entanto, a amostra de dados do Projeto VMPOSC enquadra-se à terceira onda (ROST SNICHELOTTO, 2012)⁶⁷.

Para Eckert (2005, 2012) o estudo pioneiro de Labov (1966), intitulado *The Social Stratification of English in New York City*, marca o início da primeira onda⁶⁸. De acordo com ela (2012, p. 87), os estudos variacionistas estabelecem amplas correlações entre as variáveis linguísticas e as “categorias macrosociológicas” (classe socioeconômica, gênero, etnia e idade). Esta onda caracteriza-se por: a) estudo de comunidades geograficamente definidas; b) hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social; c) variáveis como marcadores de categorias sociais primárias, conduzindo traços de prestígio/estigma; d) estilo como atenção prestada à fala, e controlado por orientação de prestígio/estigma (ECKERT, 2005).

Para o estabelecimento de padrões de correlação entre variáveis linguísticas e as categorias sociais como classe social, etnia, sexo e idade, toma-se como referência que a variação linguística é

⁶⁵ Os estudos em *tempo real* se dividem em estudos *de painel* (análise dos dados de um mesmo indivíduo em tempo aparente e real) e *de tendência* (sucessivos recortes populacionais em diferentes pontos do tempo real (gerações) (GUY, 2011).

⁶⁶ Para a autora, as ondas não são cronológicas. Na segunda onda são empregados métodos etnográficos em pequenas comunidades, com o objetivo de descobrir categorias sociais localmente salientes. O estudo desta onda proporciona uma visão de como o modo de falar está imbuído de significado social.

⁶⁷ Retomamos este assunto no Capítulo 4.

⁶⁸ Outros autores contribuíram com esta onda de estudo, como Wolfram, 1969; Trudgill, 1974; Macaulay, 1977; Cedergren, 1973; Modaresi, 1978 (ECKERT, 2012).

reflexo destes padrões de distribuição social. A virtude deste modelo está em proporcionar uma visão ampla da correlação entre comunidade e língua, embora não permite inferências mais detalhadas dos papéis dos informantes dentro de seus grupos. Dessa forma, a coleta de *corpora* em larga escala possui como atributo principal possibilitar o reconhecimento da distribuição de variáveis linguísticas, dentro de padrões socialmente pré-definidos (COLLISCHONN e MONARETTO, 2012).

Nesta onda de estudos (também na segunda), a variação é vista como marcador de categorias sociais. Eckert (2012) assinala que, na terceira onda, a principal mudança decorre da visão de que a variação não apenas reflete, mas constrói as categorias sociais e o significado social. Também, as variáveis ganham significado específico nos contextos de estilos. Para a autora, a variação ocorre nas comunidades de prática.

Eckert (2005) define comunidade de prática como um agregado de pessoas, que reunidas em uma base regular, se engajam em alguma iniciativa comum (uma família, uma classe linguística, até mesmo uma pequena vila). Os indivíduos não estão isolados na matriz social, pelo contrário, constroem uma identidade (um sentido de lugar no mundo social) equilibrando a participação em diferentes comunidades de prática, e em formas de participação em cada uma dessas comunidades. A chave para todo o processo dessa construção é a prática estilística. A autora explica que o estilo é o modo como o falante combina as variáveis, a fim de criar o seu jeito distintivo de falar. A maneira de falar constitui, segundo Eckert (2005) a *personae*, e a *personae* são tipos sociais que se localizam explicitamente na ordem social.

Em síntese, a terceira onda se caracteriza por estudos etnográficos de comunidades de prática; categorias locais construídas em posições comuns; variáveis como posições de indexação, atividades, características; estilo como construção da *persona* (ECKERT, 2005).

Tarallo (2007) descreve os passos metodológicos essenciais para o estudo da variação e/ou mudança linguística em uma dada comunidade de fala são⁶⁹:

- 1) um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;
- 2) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
- 3) análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não-linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);
- 4) encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade: em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada;

⁶⁹ Apresentamos mais informações no Capítulo 3.

5) projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico das comunidades [...] (p. 10-11)

Por fim, a sociolinguística variacionista nos fornece um aparato teórico-metodológico que possibilita-nos através de resultados estatísticos verificar hipóteses sobre a variação e/ou mudanças na língua. Também, a associação de pressupostos funcionalistas e variacionistas, a que submetemos nosso trabalho, convergem o entendimento sobre a língua, cuja acepção está intrinsecamente ligada aos seus variados contextos de uso. Veremos algumas noções funcionalistas que embasam nosso trabalho na próxima seção.

3.1.1 O estudo de fenômenos discursivos pela sociolinguística

A sociolinguística teve início com o estudo de fenômenos de nível fonético-fonológico, para os quais se aplica a premissa básica de que duas ou mais formas alternantes ocorrem no mesmo contexto e com o mesmo significado. As primeiras pesquisas de Labov tratam acerca da centralização dos ditongos na ilha de Martha's Vineyard e a realização do /r/ pós vocálico em lojas de departamento de Nova York (LABOV, [1972] 2008). Análises dessa natureza são tidas como altamente confiáveis na medida em que é possível captar e trabalhar com um grande número de dados fonológicos, contrariamente aos casos de variação sintática, semântica ou discursiva que são menos frequentes (SILVA, 2010).

No entanto, a evolução teórica e a abordagem de fenômenos de natureza diferente do campo fonológico foram naturalmente sendo ampliados. O problema central que decorre da aplicação variacionista a outros objetos de estudo é justamente sustentar a relação mútua entre significado e contexto. Este assunto foi alvo da polêmica discussão entre Labov e Lavandera, quanto à expansão da aplicação teórica e a manutenção das formas alternantes com o mesmo valor semântico (SILVA, 2010). Segundo Coelho et al. (2010, p.50), a questão levantada por Lavandera quanto à sinonímia absoluta das línguas é respondida por Labov no sentido do alargamento da noção de variável linguística para “*dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas e que têm o mesmo valor de verdade* (entendendo “estado de coisas” como significado representacional), relativizando assim a noção de ‘mesmo significado’”.

Estas noções foram estendidas às variáveis discursivas, por exemplo, também lexicais, morfológicas, entre outras. Dessa forma, o estudo de fenômenos discursivos pela sociolinguística, como os marcadores *sabe?* e *entende?*, além de permitir as convencionais correlações sociais,

também possibilita o estudo dos fatores internos ao sistema linguístico em seus contextos de realização (SILVA, 2010; BRAGA 2010).

3.1.2 A questão do estilo para a sociolinguística

Segundo Labov (2003), um dos princípios fundamentais da investigação sociolinguística é que *não existe falante de estilo único*. Todo o falante mostrará alguma variação linguística dependendo do contexto no qual se encontra. O grau de atenção prestada à fala é o principal aspecto desta proposta.

Dessa forma, as variações estilísticas são determinadas pelas: i) relações do falante, da audiência e do público, e em particular, as relações de poder ou solidariedade entre eles; ii) pelo contexto ou domínio social mais amplo, tal como escola, trabalho, casa, igreja, vizinhança; e, iii) pelo tópico discursivo (LABOV, 2003). Labov (2003) exemplifica que, a gama estilística e a competência podem variar no caso das crianças, devido ao fato de terem poucas opções linguísticas e contextos sociais disponíveis, e em pessoas mais velhas, que frequentemente mostram uma gama mais estreita de motivações para alternar o estilo.

Neste sentido, segundo Coelho et al. (2010), o que está em jogo são os papéis sociais que as pessoas desempenham na interação nos diferentes domínios sociais, os quais se alteram conforme a situação comunicativa. Assim, a variação estilística é uma adequação ao contexto em que ocorre a comunicação. Em contextos mais formais, usa-se uma fala mais monitorada e em situações informais usa-se uma fala mais coloquial. Estas linguagens configuram o registro formal e o registro informal. Contudo, sugere-se considerar a existência de um *continuum* entre estes dois polos, com diferentes graus de formalidade.

Dessa forma, para a operacionalização da análise da variação estilística são utilizadas as entrevistas sociolinguísticas, do tipo face a face e estruturadas. De acordo com Görski (2011), os pressupostos labovianos indicam que estas entrevistas são consideradas como de fala monitorada, contudo é possível identificar passagens de fala que se aproximem do estilo de fala casual, como por exemplo, em narrativas de experiência pessoal nas quais os informantes se envolvem mais com o que estão dizendo e conseqüentemente prestam menos atenção à fala. Esta metodologia possibilita quantificar o grau de atenção dispensado à fala e identificar as alternâncias estilísticas dentro de cada contexto.

Conforme Görski (2011, p. 5), dois modelos de análise estilística em entrevistas são sugeridos por Labov. No primeiro modelo, o autor “distribui os ‘estilos contextuais’ ao longo de um eixo de atenção prestada à fala, como um modo de organizar a variação intrafalante dentro da entrevista”. Neste caso, a identificação de pistas do canal comunicativo, tais como “modulações de voz (ritmo, altura), mudança na respiração, riso” são tomadas como contrastivas e auxiliam na demarcação de falas casuais. O segundo método é conhecido como “árvore da decisão”. Este modelo opera com dois parâmetros: “o eixo da fala casual e da fala cuidada, e uma escala de objetividade”. A este modelo são atribuídos 8 (oito) tipos contextuais, distribuídos conforme o decréscimo de objetividade, porém carecendo ainda de refinamentos⁷⁰.

As contribuições de Görski (2011, p. 7) sugerem uma redefinição do papel do contexto na pesquisa sociolinguística, considerando os seguintes aspectos:

Ao considerarmos o contexto imediato do ato de fala, a situação interativa torna-se central e, conseqüentemente, passam a ser significativos fatores como: o ato conversacional, incluindo diferentes tipos de alternância de turno; modos de dialogismo, envolvendo diferentes instâncias de discurso relatado; tipos de relações interpessoais, implicando aspectos como poder e solidariedade; intenções comunicativas, refletidas no tópico conversacional, em traços prosódicos e em outros mecanismos.

A partir destas questões, infere que a noção de contexto discursivo está relacionada com:

- (i) os aspectos pragmáticos que envolvem a interlocução na situação de entrevista – os elementos situacionais que a ancoram e as demais interações dialógicas que perpassam a entrevista refletindo diferentes relações interpessoais;
- (ii) os aspectos textuais que sustentam as trocas conversacionais;
- (iii) os próprios estilos contextuais delimitados na fala do informante (nos termos labovianos), podem ser vistos como integrando o *contexto discursivo* da entrevista.

Para Görski (2011) a dimensão discursiva é perpassada por fatores de natureza social, pragmática e textual. Em face destas considerações, propõe transpor os domínios da entrevista sociolinguística, a fim de operacionalizar a análise estilística. Com isso, sugere situar as entrevistas em relação aos gêneros discursivos (ou modos de textualização) e as relações interpessoais. Ancorada em Adam e Bakhtin indica a análise estilística das entrevistas baseada em sequências textuais. Menciona que a noção de sequências textuais já vem sendo discutida por pesquisadores da área, a exemplo de autores como Silva e Macedo (1996), Paredes Silva (1999), Valle (2001),

⁷⁰ Mais detalhes sobre os tipos metodológicos da variação estilística podem ser consultados em Görski (2011).

Tavares (1999, 2003), Freitag (2003), Freitag et al. (2009), Rost Snichelotto (2002, 2009), entre outros.

Desse modo, para tratarmos da variação estilística em nosso trabalho, aportamo-nos nas contribuições de Rost Snichelotto (2014), que se apropria da noção de *continuum* de formalidade dos estilos contextuais presentes na entrevista sociolinguística, para propor o modelo de análise estilística com base nas sequências discursivas. Os tipos de sequências a serem analisados são: narrativa, descritiva e dissertativa (ampliamos este assunto no capítulo 6)⁷¹.

3.2 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Primeiramente, cabe esclarecer que existem diversas facetas que revestem a abordagem funcionalista da língua. Segundo Nichols (1984 apud NEVES, 1997, p. 55) há três tipos de funcionalismos: o conservador, o extremado e o moderado. Tais orientações funcionais assinalam as grandes tendências de estudo em prol de uma *gramática funcional* e não propriamente dito, teorias funcionalistas. O que aproxima as diferentes vertentes de investigação é a visão compartilhada de que a língua sofre adaptações de suas formas para servir a funções comunicativas. O funcionalismo do tipo conservador não propõe análises da estrutura linguística, sendo que apenas manifesta as inadequações do formalismo e do estruturalismo⁷². Por outro lado, o tipo moderado não apenas aponta estas inadequações, como também propõe uma análise funcional da estrutura. A proposta de *gramática sistêmico-funcional* de Halliday, e outros como Van Valin e Simon Dik representam esta corrente. Além disso, Neves (1997) aponta que as obras mais recentes de Givón (1984; 1990; 1993) também são de cunho moderado. Já, o funcionalismo extremado nega a estrutura tal como ela é e confere que as regras se baseiam internamente na função, sem que haja restrições sintáticas. Integram este último grupo, funcionalistas como Sandra Thompson, Paul Hopper, Talmy Givón (com a obra *On Understanding Grammar* no qual postula a origem discursiva da sintaxe, 1979), Traugott e Bybee, conhecidos como os representantes da vertente teórica da Costa Oeste dos Estados Unidos, a partir da década de 1970. Nesse mesmo viés, na Alemanha, autores como Lehmann, Heine, Claudi, Hünemeyer também se destacam (GONÇALVES et al., 2007).

Nosso trabalho se insere nesta última corrente, cujas noções funcionalistas a serem apresentadas são atribuídas, principalmente, a Talmy Givón. Nesta direção, a concepção givoniana

⁷¹ Nota-se que este modelo tem como base as entrevistas sociolinguísticas do Banco de Dados VARSUL.

⁷² Enquadra-se nesta perspectiva, por exemplo, Susumu Kuno (1987) (VAN VALIN, 1990 apud NEVES, 1997).

de língua é tida como um instrumento de comunicação e sua estrutura não pode ser entendida sem referência ao contexto e às funções comunicativas⁷³.

Esta compreensão advoga uma linguística baseada no uso que, conforme Martelotta e Areas (2003), relaciona o contexto e as situações extralinguísticas. Nesta perspectiva

[...] a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída. (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 24) (grifos nossos)

Isso comprova que os falantes não inventam livremente sequências sonoras para os novos “rótulos” linguísticos, mas que tendem a utilizar os recursos já existentes na língua (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 25). Esta visão funcionalista da não-arbitrariedade da língua ancora-se no princípio da *iconicidade*, no qual as formas linguísticas refletem alguma motivação com base na experiência. Segundo Cunha (2009), como a linguagem é uma faculdade humana, tem-se a hipótese de que a estrutura linguística revela o funcionamento da mente e as propriedades da conceitualização humana do mundo. A iconicidade é definida como a correlação natural e motivada entre forma e função, ou seja, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo) (CUNHA, 2009)⁷⁴.

Givón (1993, apud ROST SNICHELOTTO, 2009)⁷⁵ propõe que as funções linguísticas compreendem: a função de natureza cognitiva (representação mental da experiência), função de

⁷³ No Brasil, os estudos funcionalistas ganham impulso a partir de 1980 e seguem diversas orientações teóricas de base funcionalista; o estudo pioneiro de Rodolfo Ilari, de 1987, marca o início dos trabalhos desta vertente. Vários grupos destacam-se com pesquisas desta orientação, como: Projeto Norma Urbana Culta (abrange várias capitais do país), Projeto de Estudo do Uso da Língua (PEUL-UFRJ), Grupo de Estudos e Gramática (sediado em várias universidades do país – Universidade Federal do Rio Grande no Norte, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Unversidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) (CUNHA, 2009).

⁷⁴ Segundo Cunha et al. (2003, p. 32), numa versão mais atenuada do princípio da iconicidade podemos encontrar três subprincípios: “*subprincípio da quantidade*, *subprincípio da integração* e o *subprincípio da ordenação linear*”. Nesta perspectiva é possível investigar detalhadamente as condições que governam o uso dos recursos de codificação morfossintática da língua. No *subprincípio da quantidade*, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma. Isso implica que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão. Já o *subprincípio da integração* prevê que os conteúdos mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação (o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto). Para o *subprincípio da ordenação linear* a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar na cadeia sintática e isso revela a ordem de importância dos elementos no enunciado para o falante.

⁷⁵ As discussões acerca da definição das funções linguísticas iniciaram no século XX, com o Círculo de Praga. Diversas tipologias foram propostas para descrever a noção do termo *função*, na tentativa de delinear as tarefas atribuídas à língua. Autores como Bühler, Jakobson, Halliday e Thompson postulam as classificações mais célebres para os estudos

natureza pragmática (comunicação do conhecimento/experiência); além das funções metacomunicativas que são: função de coesão sociocultural (assinala a identificação dos indivíduos com o grupo), função afetiva interpessoal (serve às relações na interação) e a função estética.

Assim, a estrutura da gramática está condicionada ao *continuum* da forma e da função no discurso. De acordo com Givón (1995), a língua e a gramática não podem ser descritas e nem explanadas adequadamente como um sistema autônomo. Para entender o que é a gramática devemos fazer referência a parâmetros naturais que formam a gramática e a língua, como: cognição e comunicação, processamento linguístico e cerebral, interação sociocultural, mudança e variação, aquisição e evolução. Dessa forma, a gramática e o discurso constituem uma simbiose, pois a estrutura gramatical se constrói nos arranjos e estratégias oriundas das necessidades de comunicação.

Além da iconicidade, outros princípios e categorias são centrais para a corrente funcionalista, tais como: a marcação, a transitividade e planos discursivos (figura e fundo), a informatividade, a discursivização e a gramaticalização. Em nosso trabalho, nos apropriamos do princípio da marcação e do processo de mudança linguística por gramaticalização para nos auxiliar na descrição dos usos de *sabe?* e *entende?*.

O princípio da marcação é contextualmente dependente “por excelência”, conforme atesta Givón (1995, p. 27), pois uma mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não marcada em outro. Por isso, o princípio da marcação deve ser explicado com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos. Segundo o autor, o princípio da marcação é constituído de três critérios para a distinção entre as categorias marcadas e não-marcadas: a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa que a correspondente não marcada; b) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente, assim cognitivamente mais saliente, que a correspondente não marcada; c) complexidade cognitiva: a categoria marcada

funcionalistas. Cabe a Bühler, em 1934, a primeira classificação. Para ele as estruturas linguísticas são explicáveis pelas funções da língua e postula três tipos de funções: a cognitiva, a expressiva e a conativa (apud PAVEAU, 2006, p. 124). Mais adiante, Jakobson, em 1963, retoma e aprimora a classificação proposta por Bühler estabelecendo seis tipos de funções ligadas a cada um dos fatores presentes no ato da comunicação verbal, respectivamente: ao contexto/função referencial, ao remetente/função expressiva, ao destinatário/função conativa, ao contato/função fática, ao código/função metalinguística e à mensagem/função poética (apud MOURA NEVES, 1997, P. 11). Para Halliday (2004, p. 31) a “funcionalidade é intrínseca à língua, adotando o termo metafunções ao sugerir que estas são componentes integrais da teoria”. Propôs uma tipologia funcional que estabelece relações entre as estruturas gramaticais de uma língua e suas funções. São elas: metafunção ideacional, interpessoal, textual.

tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento, que a não marcada.

Desse modo, Givón (1995) assevera que há uma tendência geral nas línguas de que estes três critérios de marcação coincidam. A correlação entre a complexidade estrutural, complexidade cognitiva e a distribuição de frequência é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática. Aplicaremos o princípio da marcação aos itens *sabe?* e *entende?*, a fim de averiguar os indícios de gramaticalização destes marcadores na fala chapecoense (ampliamos esta discussão no capítulo 6).

Nesta perspectiva, a visão funcionalista da linguagem pode ser resumida, segundo Givón (1995), a partir das seguintes premissas:

- a) a linguagem é uma atividade sociocultural;
- b) a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- c) a estrutura é não arbitrária, motivada e icônica;
- d) mudança e variação estão sempre presentes;
- e) o sentido é contextualmente dependente e não-atômico;
- f) as categorias não são discretas;
- g) a estrutura é maleável, não rígida;
- h) as gramáticas são emergentes;
- i) as regras de gramática permitem algumas exceções.

Portanto, situamos nosso trabalho em um campo em que a linguagem é entendida como um instrumento de interação social, que busca nos contextos discursivos-pragmáticos as motivações para os fatos da língua (CUNHA et al., 2003). Esta abordagem objetiva explicar as regularidades no uso linguístico a partir de seu contexto de realização. É neste terreno de constantes renovações linguísticas que Hopper (1991) define a noção de gramática emergente, no sentido de que a gramática de uma língua está em constante fazer-se, possibilitando o surgimento de novas funções, valores e usos para formas já existentes, ou seja, não existe uma gramática propriamente dita, mas sim, gramaticalização como um processo em direção à estrutura da gramática.

A seguir, trataremos dos conceitos de gramaticalização, considerada como um dos processos de mudança linguística pelo qual entendemos ser possível incluir *sabe?* e *entende?*.

3.2.1 Gramaticalização

Nota-se que as questões acerca do estudo da gramaticalização⁷⁶ perpassam a concepção de *processo* e de *paradigma*, bem como por perspectivas de cunho *sincrônico* e *diacrônico*. Segundo Gonçalves et al., (2007, p. 16) a gramaticalização é considerada *paradigma* quando focaliza o modo como as formas gramaticais e construções surgem e são usadas. É considerada *processo* quando o seu enfoque recai sobre a identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais. No caso da perspectiva *diacrônica*, volta-se à explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem e é *sincrônica* quando preocupa-se com os “graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir de deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático”. Os autores apontam que a combinação pancrônica também é metodologicamente desejável.

Nesse contexto, em nossa pesquisa, focalizamos a concepção de gramaticalização como um processo e também, situamo-nos numa perspectiva de estudo sincrônico dos marcadores *sabe?* e *entende?*⁷⁷. Pautados estes aspectos, dedicamos esta seção à apresentação de algumas das diversas noções de gramaticalização encontradas na revisão teórica, em especial, cunhadas por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Traugott e Heine (1991), Traugott (1995, 2003), Heine (2003), Bybee (2003), Hopper (1991), entre outros.

Para os autores Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 2) a gramaticalização ocorre quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical. Esses autores pontuam alguns dos aspectos mais comuns na definição da gramaticalização, como o entendimento de que é um processo de perspectiva sincrônica ou diacrônica e unidirecional, através do qual uma unidade menos gramatical passa a ser mais gramatical, não admitindo o inverso.

Em face desta acepção, cabe esclarecer que o conceito de unidirecionalidade não é um tema pacífico entre seus pesquisadores. Há dois pontos divergentes acerca desta proposta, citados por Campbell (2001 apud GONÇALVES et al., 2007). A primeira é a de que diz respeito a uma hipótese a ser testada empiricamente conforme o fazem Hopper e Traugott (1993) e a segunda é a de que trata de sua própria definição do processo como o fazem Heine et al. (1991). Também, há diversos

⁷⁶ O termo gramaticalização remete a Meillet (na França), em 1912. Para o autor a definição de gramaticalização repousa sobre o conceito de “atribuir caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma”, ou seja, constitui um processo de evolução gramatical das formas linguísticas, no sentido unidirecional da mudança (apud TRAUGOTT E HEINE, 1991; HOPPER, 1991). Contudo, é a partir de 1970 com a difusão das ideias funcionalistas que, os estudos sobre gramaticalização ganham força.

⁷⁷ Outros termos sinônimos de *gramaticalização* aparecem na literatura, como *gramaticização* e *gramatização*. Adotaremos em nosso trabalho o termo *gramaticalização* devido este ser de uso mais recorrente e difundido.

contra-exemplos em que elementos gramaticais passam a assumir valores lexicais, em sentido oposto ao depreendido pela unidirecionalidade, mas isso não invalida seu uso. Feitos estes esclarecimentos, seguimos à conceitualização da gramaticalização.

Traugott e Heine (1991, p. 1) expressam que

Gramaticalização é o processo linguístico, através do tempo e sincronicamente, de organização das categorias e de codificação. O estudo da gramaticalização, portanto, ressalta a tensão relativa entre a irrestrita expressão lexical e mais restrita codificação morfossintática, e aponta para a relativa indeterminação na língua e a base não-discreta das categorias.

Para Traugott e Heine (1991), a gramaticalização é um tipo de mudança linguística sujeita a certos processos gerais e mecanismos de mudança, caracterizados por determinadas consequências como as mudanças na gramática. A gramaticalização se incorpora gradualmente nos contextos linguísticos e através dos contextos sociais.

De acordo com Hopper e Traugott (2003, p. 18) a gramaticalização é a “mudança pela qual itens lexicais e construções passam, em certos contextos linguísticos, a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Destacamos que as noções de Traugott (1995, 2003) advogam pela inclusão dos marcadores discursivos no estudo da gramaticalização, por considerá-los componentes da gramática (não apenas a fonologia, a morfossintaxe e a semântica). Embora, os MDs sejam itens pragmáticos-discursivos, não há dúvidas quanto às suas restrições sintáticas e propriedades entonacionais. Traugott (1995) demonstra a interação existente entre sintaxe, pragmática e semântica, através da pesquisa desenvolvida com os MDs *indeed*, *in fact*, *besides*, visando à comprovação do papel que estes itens desempenham na teoria da gramaticalização, especialmente quanto a sua unidirecionalidade. Atesta que nos estágios iniciais de gramaticalização são salientes ao processo características como: decategorização, redução fonológica, generalização, fortalecimento pragmático e subjetivação.

Em nosso trabalho, aportamo-nos nas concepções de Traugott e Hopper (2003) e Traugott (1995) para descrever e explicar o uso de *sabe?* e *entende?* como MDs. Acreditamos que esta proposta de gramaticalização contempla o processo de mudança categorial e semântica pela qual passou os verbos plenos *saber* e *entender*.

A autora Bybee (2003) argumenta uma definição de gramaticalização com base no papel desempenhado pela repetição e a caracteriza como um processo através do qual as sequências de palavras ou morfemas frequentemente usados tornam-se automatizados como uma única unidade de

processamento. Com base nos aspectos relacionados à *ritualização* proposto por Haiman (1994) observa que

- (i) a frequência de uso leva ao enfraquecimento semântico por habituação – processo pelo qual um organismo cessa de responder no mesmo nível a um estímulo repetido;
- (ii) mudanças fonológicas – redução e fusão de construções – que estão passando por gramaticalização são condicionadas pela sua frequência alta;
- (iii) o aumento da frequência condiciona um aumento da autonomia da construção, ou seja, os elementos que compõem a construção enfraquecem semanticamente ou perdem a sua associação com outros exemplos do mesmo item;
- (iv) a perda da transparência semântica de construções em gramaticalização leva à ampliação do contexto de uso, estendendo a possibilidade de novas associações pragmáticas; e
- (v) a autonomia de uma expressão frequente cristalizada na língua condiciona a preservação de características morfossintáticas obsoletas. (BYBEE, 2003 apud FREITAG, p. 149, 2010)

Nesta perspectiva, o processo de gramaticalização é sempre acompanhado pelo aumento da frequência de uso de uma determinada construção.

No entendimento de Heine (2003), a gramaticalização oferece uma explicação de como e porque as categorias gramaticais surgem e se desenvolvem, com base na principal motivação que é a de assegurar o sucesso da comunicação. Postula que a gramaticalização é o desenvolvimento do léxico para a gramática e da gramática para estruturas mais gramaticais. Segundo ele, formas linguísticas de significado concreto vão em direção a um sentido menos concreto e para isso, o léxico ou expressões linguísticas menos gramaticalizadas são pressionadas a expressar funções mais gramaticalizadas.

Nesse sentido, Cunha et al. (2003) traz como exemplo da trajetória do léxico para a gramática, a mudança de *verbos plenos*>*verbos auxiliares* e a trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais, o exemplo de categorias invariáveis para categorias flexionais (*menos*>*menas*). Cunha (2009, p. 174) pontua que “substantivos, verbos e adjetivos são elementos lexicais e que preposições, conjunções, artigos, morfemas derivacionais e flexionais, entre outros têm valor gramatical”.

Para dar conta de como se desenvolvem as categorias gramaticais, Heine (1994 apud GONÇALVES et al., 2007, p. 42) defende que é necessário analisar a manipulação cognitiva e pragmática, através de dois mecanismos: “a transferência conceptual (metáfora), que aproxima domínios cognitivos diferentes; a motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia)”.

Segundo Gonçalves et al. (2007) a mudança semântica que ocorre no processo de gramaticalização está fortemente vinculada aos mecanismos de natureza metafórica (cf. Sweetser,

1990; Bybee et al., 1994, Heine e Reh, 1984, Heine et al., 1991). A metáfora está associada aos processos de (des)semantização, o qual envolve a abstratização de significados.

Heine (2003) explica que o modelo de natureza metafórica constitui um padrão de transferência, que se faz em uma escala de abstração crescente da esquerda para a direita: *pessoa* > *objeto* > *atividade* > *espaço* > *tempo* > *qualidade*. Esta hierarquia implica que as mudanças são sempre operadas de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo (mais concretas), para categorias mais distantes do indivíduo (menos concretas). Exemplos como *Costa Atlântica*, em que a parte do corpo “*costa*” passa à identificação de região geográfica num espaço físico e *braço direito* passa à denotação de *auxiliar/assistente* compõem formas abstratizadas (GONÇALVES et al., 2007).

Outro aspecto presente no *continuum* da gramaticalização é a metonímia. Assim como a metáfora, é um mecanismo visto como de extensão de significados, porém pela similaridade conceitual.

A metonímia, em gramaticalização, remete também a um tipo de inferência pragmática, uma “associação conceptual” fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contiguidade. É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto. (GONÇALVES et al., p. 47, 2007).

Citamos como exemplo de extensão semântica por contiguidade, usos relacionados ao verbo *ir*. A frase “*João vai comprar um carro*” proporciona a leitura de movimento “*Aonde João vai?*” quanto uma leitura vinculada ao sentido de futuridade “*O que João vai fazer?*” (GONÇALVES et al., 2007, p. 48).

Em suma, pode-se considerar que a metáfora está associada às transferências de domínios conceituais (mecanismo de analogia) e a metonímia está associada à contiguidade de significações devido à proximidade das formas (mecanismo de reanálise) (GONÇALVES et al., 2007). Conforme explicitado no capítulo 1, *sabe?* passou por um processo de natureza metafórica no qual o sentido de *ter gosto* (mais concreto) passa a expressar atividades mentais com o sentido de *conhecer* (mais abstrato). Do mesmo modo, *entender?* assume sentidos mais abstratizados em sua trajetória, partindo da ideia de *movimentação física* à proeminência de significados ligados à *compreensão*.

Traugott e Heine (1991 apud CUNHA et al., 2003) propõem a escala *espaço*>*(tempo)*>*texto* para representar o processo de abstratização gradativa no percurso de gramaticalização. Como exemplo, cita-se a crescente abstratização do pronome relativo *onde*. A escala de mudança

percorrida por este elemento passa do sentido de espaço físico, para desempenhar sentidos ligados ao espaço tempo e por último, a funcionar como marcador de pausas, auxiliando a planejar e organizar internamente os turnos.

Ademais, apresentamos os princípios sugeridos por Hopper (1991) para o estudo da mudança linguística, especialmente, relevantes no processo de gramaticalização. São cinco os parâmetros, os quais focalizam os estágios mais incipientes do processo e que assinalam tendências no uso linguístico. Para cada um dos princípios, observamos brevemente a sua associação com os MDs *sabe?* e *entende?*:

a) *estratificação (camadas)*: dentro de um amplo domínio funcional, novas camadas estão sempre emergindo e coexistindo com as camadas mais antigas; as novas formas funcionais não implicam em descartar as antigas, que podem permanecer em uso e interagindo com as formas mais recentes.

Este princípio reforça a ideia de que a variação está presente na gramaticalização, devido ao entendimento de que as formas variantes *sabe?* e *entende?* equivalem às “camadas” de que trata o autor. Podemos verificar no capítulo 1 deste trabalho, que estes MDs são formas que compartilham funções e similaridades de uso no domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*. Veremos adiante, os contextos de uso específicos das formas.

b) *divergência*: quando uma forma gramatical passa por gramaticalização para um clítico ou um afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo; na condição de elemento autônomo pode passar pelas mesmas mudanças como itens lexicais comuns; assim a gramaticalização ocorre apenas em alguns contextos de uso, deixando de o fazer em outros.

O princípio da divergência explica a existência de formas etimologicamente iguais, porém funcionalmente divergentes (GONÇALVES et al., 2007). Assim, este princípio aplica-se em nosso estudo, tendo em vista que os verbos plenos *saber* e *entender*, que dão origem aos MDs *sabe?* e *entende?*, respectivamente, mantêm seus traços semânticos originais no PB. Dessa forma, as formas-fonte coexistem com as formas gramaticalizadas *sabe?* e *entende?*.

c) *especialização*: dentro de um domínio funcional é possível identificar formas com diferentes nuances semânticas; conforme a gramaticalização acontece, a variedade de escolhas formais reduz e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais. Esse princípio tem relação com o “estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada

função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque mais gramaticalizada” (GONÇALVES et al., 2007, p. 82).

Apenas o processo de análise funcional dos dados nos permitirá inferir quanto à especialização dos MDs *sabe?* e *entende?* na fala chapecoense. Por ora, depreende-se que estes marcadores compartilham o domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*.

d) *persistência*: quando uma forma passa por gramaticalização de uma função lexical para uma função gramatical, alguns traços dos significados lexicais originais tendem a aderir a ela e se manter; detalhes da sua história lexical podem ser refletidos nas restrições de sua distribuição gramatical, ou seja, no seu uso como forma gramaticalizada.

Este princípio remete à manutenção dos traços semânticos da forma-fonte. No caso de *sabe?* e *entende?* seus usos permanecem associados às ações que envolvem o processamento mental, especialmente, à percepção de *conhecimento* e *compreensão*.

e) *decatégorização*: formas que passam por gramaticalização tendem a perder ou neutralizar marcas morfológicas e privilégios sintáticos característicos de toda a categoria verbo e substantivo, e assumir atribuições características de categorias secundárias como adjetivos, participípios, preposições.

Em relação aos MDs *sabe?* e *entende?* esses aspectos podem ser examinados em face das características distintas adquiridas pelo novo estatuto, na qual passam a apresentar contorno interrogativo, a assumir posições flexíveis na oração, a desempenhar multifunções, diferentemente de suas restrições verbais.

Em síntese, os princípios de Hopper (1991) possibilitam obter um diagnóstico de mudanças gramaticais e assinalam tendências de gramaticalização para os usos da língua. Segundo Gonçalves et al. (2007, p. 79) “esses princípios acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não à gramática”.

Contudo, a gramaticalização é um processo especial de mudança linguística ou de regularização do uso da língua, e tem sido expressivamente utilizado nos estudos sobre os MDs, tendo em vista sua relação com a variação e a mudança linguística, e a regularização das formas variáveis. Para Cunha et al. (2003) esse processo demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência da incessante criação de novas expressões e de novos arranjos na ordenação vocabular.

Na próxima seção, apresentamos a orientação de pesquisa denominada de sociofuncionalismo, dedicada à convergência entre os pressupostos da sociolinguística variacionista e da linguística baseada no uso. Nosso trabalho situa-se nesta interface teórica.

3.3 SOCIOFUNCIONALISMO

A combinação de aspectos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e do Funcionalismo de vertente norte-americana apresentam algumas confluências que resultam na interface Sociofuncionalista⁷⁸. Esta associação teórica vem sendo utilizada em pesquisas acerca de fenômenos discursivos no PB, a exemplo de Rost (2002), Rost Snichelotto (2009), Valle (2001), Dal Mago (2001), Tavares (1999, 2003). Para subsidiar nossa explanação acerca do assunto, aportamos em Naro (1998), Tavares (1999, 2003, 2013), Görski et al. (2003), Görski e Tavares (no prelo; 2013), entre outros.

Inicialmente, cabe mencionar a compreensão de Bybee (2010 apud TAVARES, 2013, p. 33) acerca da aproximação entre essas teorias:

Em uma teoria baseada no uso, os estudos quantitativos passam a ser extremamente importantes para a compreensão da amplitude da experiência com a língua. A tradição variacionista iniciada por Labov (1966, 1972), embora destinada à compreensão de como ocorre a interação de fatores sociais com a fonologia e a gramática, também fornece uma metodologia apropriada para o estudo da variação e da mudança gramatical.

Nesta linha, conforme demonstram as autoras Görski e Tavares (no prelo) é possível elencar aspectos convergentes na interface subjacente ao Sociofuncionalismo, quais sejam: a prioridade atribuída à língua em uso; a língua está em constante movimento, mudança e interação; a mudança é gradual e contínua; sincronia e diacronia são complementares no processo de mudança; a crença no princípio do uniformitarismo⁷⁹; a análise de aspectos fonológicos, morfológicos sintáticos e lexicais/semânticos; relação entre fatores sociais e linguísticos; a frequência é um fator relevante; entre outros.

⁷⁸ O termo *sociofuncionalismo* surgiu no PEUL/RJ (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), fruto da aproximação da teoria funcionalista e variacionista, que objetivavam explicar as tendências de uso variável como sendo reflexo da organização do processo comunicativo (NEVES, 1999 apud GÖRSKI E TAVARES, no prelo).

⁷⁹ De acordo com o princípio do uniformitarismo, as forças linguísticas e sociais que agem hoje sobre a variação e a mudança são em princípio as mesmas que atuaram em épocas passadas (TAVARES, 2013; GÖRSKI e TAVARES, no prelo).

Segundo as autoras, estes preceitos evidenciam que a sociolinguística pode não estar tão distante do funcionalismo como parece sugerir Labov. Neste sentido, Naro (1998, p. 118) considera que existem evidências abundantes sobre a natureza funcional de fenômenos variáveis em português e a favor da gramaticalização nos níveis morfológicos e sintático.

Outro aspecto convergente entre as teorias é relacionado ao princípio da estratificação proposto por Hopper (1991), conforme exposto neste capítulo. Considera-se que este princípio pode explicar a existência de funções gramaticais sobrepostas, que emergem no mesmo domínio funcional, sob a forma de camadas novas que coexistem com camadas antigas. Assim, para uma análise completa da gramaticalização, é imprescindível que sejam “levadas em conta as demais formas que competem com o elemento mais recente, pois são as inter-relações entre todas as camadas que definem os rumos do domínio como um todo e de cada elemento em particular” (GÖRSKI e TAVARES, no prelo). Nesta direção, para a sociolinguística, o fenômeno em variação, implica a existência de formas variantes, análogo ao que o funcionalismo denomina “camadas” (TAVARES, 2013; GÖRSKI e TAVARES, no prelo).

Assim, para a abordagem sociofuncionalista os termos estratificação (camadas) e variação convergem, pois ambos aludem a fenômenos em variação que podem ser resolvidos no curso tempo. Tavares (2013) explica que o princípio da persistência e o princípio da especialização, relacionados à gramaticalização, podem ajudar a esclarecer os padrões de variação das formas. Postulado por Hopper (1991), o princípio da persistência mantém matizes dos significados originais de uma forma linguística, mesmo quando esta forma assume significados distantes de seu uso fonte. Já o princípio da especialização pode se dar pela generalização ou especificação. No primeiro caso, a variação/estratificação é resolvida pela generalização de funções (uso reduzido) e o segundo pela especificação das funções (usos distintos de formas concorrentes) ligadas a um mesmo domínio funcional (TAVARES, 2013).

Entretanto, para Görski e Tavares (no prelo), embora a aproximação entre os quadros teóricos seja viável e frutífera, esta conciliação não está isenta de problemas. As autoras identificam alguns pressupostos difíceis de serem conciliados.

No que tange à sociolinguística, por exemplo, apontam que é complexo conciliar: (i) a visão de língua como um sistema regido por regras (in)variáveis entendidas como elementos estruturais e como parte da competência linguística dos falantes; (ii) a oposição à ideia de que a função exerce motivação sobre a constituição da estrutura; (iii) no âmbito metodológico, a busca por contextos

condicionadores do uso de uma dada forma variante, por meio de grupos de “fatores discretos”; (iv) as ocorrências ambíguas são descartadas (GÖRSKI e TAVARES, no prelo).

Por outro lado, na ótica funcionalista é complexo conciliar: (i) a ideia de que a gramática é funcionalmente motivada, sendo uma extensão e reflexo de procedimentos cognitivos, comunicativos e sociais; (ii) a ocorrência de sobreposição de significados/funções é inevitável, o que resulta em ambiguidade e indefinição do status categorial de certos itens; (iii) o processo de mudança é visto como lento e gradual e as categorias não são discretas; (iv) a noção de *continuum* é fundamental (GÖRSKI e TAVARES, no prelo).

Não obstante, a conversa entre ambas as teorias é plenamente possível. Segundo Görski e Tavares (no prelo), os procedimentos metodológicos com vistas a uma abordagem integrada levam em conta, especialmente, a relação entre o fenômeno de variação morfossintática e o processo de mudança por gramaticalização⁸⁰. As autoras pontuam as seguintes etapas metodológicas:

- identificação de situações de uso linguístico variável (a partir da observação do *continuum* multifuncional de certos itens em processo de mudança por gramaticalização);
- operacionalização da noção laboviana de variável, isolando formas variantes que cumpram uma mesma função dentro de um domínio funcional;
- testagem de grupos de fatores diversos para identificar os contextos (linguísticos/discursivos, estilísticos, sociais) de uso das formas;
- detalhamento de cada grupo de fatores linguísticos/discursivos buscando captar variações e mudanças em curso ainda sutis (considerando inclusive sobreposição de funções), e posterior amalgamação de fatores em busca de generalizações; [...]
- interpretação da frequência das formas em determinados contextos como indício (i) de perda de espaço de uma das variantes, ou (ii) de generalização de significado (os itens expandem seus contextos de uso), ou (iii) de especialização de uso (os itens adquirem significados mais específicos restritos a certos contextos dentro do domínio);
- averiguação, na análise, da possibilidade de motivações em competição [...].

Diante do exposto, embora existam divergências entre os pressupostos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico, é evidente a aplicação de uma metodologia de trabalho com base na interface sociofuncionalista. Portanto, é nesse contexto teórico que propomos o estudo dos MDs *sabe?* e *entende?*, objeto desta dissertação, sob o enfoque do processo de mudança por gramaticalização.

3.4 MARCADORES DISCURSIVOS

⁸⁰ Conforme Tavares (2013, p. 35), essa relação é apontada por diversos pesquisadores “como um dos pilares que sustenta a possibilidade de um duplo olhar funcionalista e sociolinguista”.

O estudo dos MDs recebe impulso na década de 1980, a partir de diferentes perspectivas teóricas no campo da linguística. As investigações contemplam um amplo espectro de línguas, como inglesa (cf. Fraser, 1998), francesa (cf. Cadiot et al., 1985; Hansen, 1998; Vincent, 1993), alemã (cf. W. Abraham, 1991), chinesa (cf. Biq, 1990), portuguesa (cf. Silva e Macedo, 1992), dentre tantas outras. Também, os MDs têm sido examinados em uma gama de gêneros e contextos interativos, como narrativas, entrevistas políticas, jornais, bem como, em diferentes situações de contato linguístico, em amostras sincrônicas e diacrônicas (SCHIFFRIN, 2003).

Com base em uma perspectiva sociolinguística, Schiffrin (1987, 2003) assume os MDs como elementos sequencialmente dependentes que agrupam unidades de fala. Para a autora, eles contemplam um quadro variado de classes de palavras, como conjunções, advérbios, interjeições, frases lexicalizadas, e funcionam no domínio cognitivo, expressivo, social e textual. Expressões como *well, but, oh* e *y'know*, são exemplos de itens considerados MDs.

Segundo a autora, a produção discursiva coerente é um processo que requer estratégias comunicativas do falante para complementar o seu conhecimento gramatical de base. Assim, no *domínio expressivo e social* os MDs são utilizados para demonstrar identidades pessoais e sociais, comunicar atitudes e ações, e negociar relações consigo próprio e os outros. No *domínio cognitivo* representam conceitos e ideias através da língua. Já, no *plano textual* possibilitam a organização das formas e a transmissão de sentidos.

Conforme Castilho (1989, p. 265) os marcadores possuem três propriedades principais: a) propriedades pragmáticas: sinalizam o modo como o falante monitora a interação, deixando claro a tomada, passagem e manutenção de turnos ou solicitação de atenção do ouvinte; b) propriedades semânticas: balizam os sucessivos subtemas selecionados pelo falante no desenvolvimento do assunto; c) propriedades sintáticas: interligam as unidades discursivas, atuando de modo anafórico e catafórico.

Nesta direção, também, Marcuschi (1989) define que os marcadores operam simultaneamente, como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, assumindo aspectos multifuncionais. Destaca as seguintes propriedades: a) propriedades interacionais: na condução dos atos ilocutórios e das relações interpessoais; b) propriedades intratextuais: estruturação da cadeia linguística.

As autoras Silva e Macedo (1996) congregam a concepção de que os marcadores são elementos envolvidos em macrofunções discursivas, tais como, na organização interna do discurso (referindo-se às posições que ocupam), na manutenção da interação dialógica (referindo-se à

organização dos turnos) e no processamento da fala na memória. Para elas é possível sistematizá-los em subgrupos, de acordo com suas compatibilidades semânticas, funcionais e posicionais. As autoras distribuem os marcadores em nove grupos, conforme apresentado no capítulo 2 deste trabalho.

Na mesma direção, Urbano (1997) apresenta contribuições para definir o estatuto dos marcadores, com base no aspecto formal, semântico, sintático e funcional⁸¹ dos itens. Observemos algumas considerações:

- a) Quanto ao aspecto formal, o autor constata que os marcadores podem ser linguísticos de natureza verbal e prosódica; e, marcadores não linguísticos ou paralinguísticos. Os marcadores verbais podem ser lexicalizados como *sabe?* (forma simples), *eu acho que*, *quer dizer*, *no fundo* (forma composta), *tenho a impressão de que* (oracional) e não lexicalizados como *ahn*, *ahn*, *eh*, *eh*. Os marcadores de natureza prosódica constituem as pausas, entonação, ritmo, por exemplo, enquanto que os marcadores não linguísticos compreendem olhares, risos, gestos.
- b) Quanto ao aspecto semântico, Urbano (op. cit., p. 87) observa “que a maioria desses elementos são vazios ou esvaziados de conteúdo semântico”, porém valem “como estratégias para o falante testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor”. O grau de sentido pode ser observado de forma escalar, do menor para o maior grau, a partir dos elementos prosódicos, verbais não lexicalizados e elementos lexicalizados (por exemplo, *sabe?*).
- c) Quanto ao aspecto sintático, os marcadores verbais lexicalizados ou não possuem total independência sintática (*sabe? certo? né? ah, uhn*). Pelo fato de haver certa liberdade posicional, os marcadores podem ser classificados, a partir de suas ocorrências mais frequentes, como iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais estão envolvidos.
- d) Sobre as funções comunicativo-interacionais, neste trabalho, Urbano (op. cit.) restringe-se em apontar funções gerais: a função ideacional e a função interacional.

⁸¹ O *corpus* para análise trata-se de parte do Inquérito número 360, do Projeto NURC/SP, Núcleo SP, que compreende um diálogo no qual interagem uma Documentadora (Doc.) e duas informantes, a Locutora 1 (L1) com 37 anos, casada, pedagoga, e a Locutora 2 (L2) com 36 anos, casada, advogada. Os tópicos desenvolvidos versaram sobre atividades profissionais do marido de L1; avaliação de L1 em relação ao seu afastamento profissional; e, os projetos para o futuro de L1.

Martelotta (2004) apresenta as seguintes contribuições acerca do estatuto dos marcadores:

- a) *tendem a se encaixar em final de cláusula ou de sintagma*, característica que persiste de sua origem como pergunta referencial, em que o falante pede a concordância ou aceitação do ouvinte em relação ao que acabou de dizer;
- b) *tendem a ocorrer em momentos de modalização e hesitação*, preenchendo a pausa surgida nesse contexto;
- c) *predominam em plano discursivo de fundo*, que, por ser caracterizado pelas argumentações relativas às informações de figura, constitui o ambiente ideal para modalizações, hesitações e reformulações;
- d) *podem marcar um sintagma nominal ou oracional, fazendo-o tópico* para o que vai ser dito posteriormente;
- e) *tendem a ocorrer mais em relatos de opinião*, tipo de discurso em que o informante disserta de improviso sobre temas diversos, valendo-se, com frequência, de marcadores que refletem suas inseguranças, reformulações e pausas. (MARTELOTTA, 2004, p. 89) grifos nossos

A concepção de Risso et al. (2006, p. 403) quanto à definição dos MDs pode ser observada a seguir:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.

Estes autores realizaram uma análise detalhada dos parâmetros centrais dos marcadores, a fim de identificar propriedades básicas, regularidades e tendências para o enquadramento dos MDs⁸². Para a constituição das matrizes básicas e a identificação de um núcleo-piloto dos traços, focalizaram a análise de marcadores linguísticos verbalizados como palavras de fundo lexical (*claro*) ou gramatical (*mas*), locuções (*quer dizer*), contrações (*né*), reduções (*tá*), ou mesmo segmentos fônicos não dicionarizados (*uhn uhn*), além de outros itens consensualmente apontados como marcadores, como por exemplo, vocativos e interjeições, exemplares de modalizadores (*realmente*), operadores argumentativos (*inclusive*), advérbios e conjunções (*agora, e*).

⁸² Os autores adotam a designação *marcadores discursivos* por lhes parecer mais adequada e abrangente frente à denominação *marcadores conversacionais*, além de reconhecer que este último termo alude ao comprometimento exclusivo com a língua falada.

Em síntese, apresentamos no Quadro 4, as variáveis e os traços definidores mais frequentes no estatuto de um MD, segundo Risso et al. (2006). A análise apresenta a combinação de traços proeminentes em relação a dez variáveis⁸³:

Variáveis	Traços definidores
1. Padrão de recorrência	Alta recorrência caracterizando o estatuto de marcador.
2. Articulação de segmentos no discurso	Dividem-se em elementos sequenciadores tópicos, que estabelecem aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechados de tópicos; sequenciadores frasal que atam orações e não-sequenciadores.
3. Orientação da interação	Basicamente orientadores ⁸⁴ , secundariamente orientadores e fragilmente orientadores.
4. Relação com o conteúdo proposicional	A alta frequência de exterioridade ao conteúdo proposicional constitui um traço forte de MD.
5. Transparência semântica	A tônica recai sobre a transparência parcial, pois em geral são portadores de uma significação canalizada para a sinalização de relações dentro do espaço discursivo, sem prejuízo total dos aspectos da referência denotativa, em alguns casos.
6. Apresentação formal	São normalmente cristalizações usadas automaticamente no discurso, e não propriamente unidades formuladas <i>ad hoc</i> .
7. Relação sintática com a estrutura oracional	Possuem independência sintática.
8. Demarcação prosódica	Comumente acusa a presença de alguma pauta prosódica demarcativa.
9. Autonomia comunicativa	As formas são comunicativamente não-autônomas, ou seja, não-portadoras de conteúdo proposicional em si próprias.
10. Massa fônica	Predominam formas mais curtas, correspondente ao limite de até três sílabas tônicas.

Quadro 4: Síntese dos traços definidores dos MDs
Fonte: Adaptado de Risso et al. (2006).

A partir deste trabalho, os autores Risso et al. (1996, 2006) sumarizaram dois grandes subconjuntos de MDs, agrupados por traços comuns e funções semelhantes que sinalizam as

⁸³ Neste estudo os autores analisaram as ocorrências dos traços definidores dos MDs em 15 minutos de cada Inquérito do NURC (Projeto Norma Linguística Urbana Culta) que integra o *corpus* mínimo estabelecido para o PGPF (Projeto Gramática do Português Falado), num total de 225 minutos observados. Nesse levantamento constitui-se um total bruto de 1.298 ocorrências. Os Inquéritos examinados compreendem Diálogo entre Dois Informantes (D2), Diálogo entre o Informante e Documentador (DID) e Elocução Formal (EF).

⁸⁴ Os autores propuseram o cruzamento da variável 2 (articulação de segmentos do discurso) e a variável 3 (orientação da interação) e identificaram que os exemplares basicamente orientadores da interação provêm, em 77,4% dos casos, dos não-sequenciadores. Esta informação mostra-se relevante para a análise subsequente de nossos fenômenos discursivos, por considerar que as formas orientadoras da interação não desempenham nenhum papel sequenciador, no âmbito do tópico ou da frase.

articulações textuais e relações interpessoais, respectivamente: os *basicamente sequenciadores* e os *basicamente interacionais*. Como exemplo de MDs *basicamente interacionais* temos as formas: *ah, certo, é, entende?, entendeu?, mas, não é verdade? olha/olhe, pois é, sabe?, tá?, viu?, né. .* Nosso trabalho, especificamente, circunscreve-se neste último subconjunto no qual encontram-se os itens *sabe?* e *entende?*.

Nota-se que estes autores esclarecem que quando há uma projeção maior do fator interacional na atuação dos MDs, significa que normalmente isso se deve à diluição do papel articulador dos itens e que inversamente, o aumento da atuação sequenciadora convive com um grau mais atenuado das manifestações interpessoais.

Dessa forma, em face dos variados aspectos em torno do estatuto dos MDs, assumimos em nosso trabalho que *sabe?* e *entende?* são marcadores que atuam no domínio funcional *da manutenção do contato discursivo* e que, a partir desta condição, manifestam-se através de diferentes contextos de atuação discursiva. Ampliamos este assunto no Capítulo 5.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, relacionamos os procedimentos metodológicos a que submetemos a pesquisa, sob a perspectiva de análise qualitativa e quantitativa. Na sequência, descrevemos brevemente os *corpora* da pesquisa. Também, apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes a serem controladas na análise dos dados. Por último, descrevemos como será realizado o tratamento dos dados, utilizando o programa estatístico GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005).

4.1 A ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA

A análise qualitativa será empreendida na delimitação dos contextos de atuação discursiva dos MDs *sabe?* e *entende?* e possibilitará averiguar o estágio de gramaticalização destes marcadores na fala chapecoense, em especial, a partir da aplicação do Princípio da Marcação (GIVÓN, 1995) e no levantamento bibliográfico realizado.

A análise quantitativa possibilitará dispensar um tratamento estatístico aos dados, a fim de verificarmos a sua distribuição em termos linguísticos e extralinguísticos (sociais e estilísticos).

4.2 OS *CORPORA*

Os *corpora* desta dissertação são provenientes da cidade de Chapecó⁸⁵, do Banco de Dados VARSUL e do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”. O total da amostra a ser estudada compreende 36 entrevistas, cujo detalhamento da distribuição passamos a apresentar.

Em relação ao Banco de Dados VARSUL, destacamos que é um projeto desenvolvido por uma parceria interinstitucional que reúne a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), além da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O Banco abrange entrevistas

⁸⁵ Chapecó está localizada no Oeste do Estado de Santa Catarina e atualmente possui uma população de 183.530 habitantes (IBGE Cidades, 2010). Criada em 1917, foi colonizada por descendentes de imigrantes italianos e alemães vindos, principalmente, do Rio Grande do Sul. À época da colonização, indígenas Kaingang e caboclos que aqui habitavam foram gradativamente expropriados de suas terras pelas companhias colonizadoras e expulsos da região, a partir da década de 20 (GUISOLPHI, 2007).

dos três estados do sul do país, representados por quatro cidades cada um (cada cidade possui 24 entrevistas). No caso de Santa Catarina, Chapecó foi uma das cidades escolhidas como representativa. O critério de escolha das cidades levou em conta a presença de etnias culturalmente expressivas na formação de cada um dos estados, como alemã, italiana, açoriana, polonesa, etc. Os dados foram coletados entre 1990 e 1996, e totaliza um acervo de 288 entrevistas, com aproximadamente sessenta minutos de duração cada uma. Para a definição do perfil dos informantes seguiu-se a metodologia laboviana e a estratificação por faixa etária (25 a 50 anos e de 50 anos acima), sexo/gênero (feminino e masculino), e escolaridade (nível fundamental I: de 1 a 4 anos de escolaridade; nível fundamental II: de 5 a 8 anos de escolaridade; nível médio: de 9 a 11 anos de escolaridade). Observa-se que analfabetos e universitários foram excluídos da amostra, bem como informantes com menos de 25 anos. De acordo com Bisol (2005, p. 151), para Labov (1981), a amostra ideal deveria ser constituída de cinco informantes por célula. O projeto VARSUL contempla somente dois indivíduos, em razão da falta de recursos e tempo no momento de sua organização⁸⁶. Vejamos a distribuição da amostra:

	Nível Fundamental I		Nível Fundamental II		Nível Médio	
	M	F	M	F	M	F
Idade / Sexo						
A = 25 a 50 anos	2	2	2	2	2	2
B = mais de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total parcial	4	4	4	4	4	4
Total	8		8		8	
Total de 24 informantes						

Quadro 5: Distribuição da amostra VARSUL

O Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” encontra-se em desenvolvimento por pesquisadores (professores, graduandos e pós-graduandos) da Universidade Federal da Fronteira Sul e integra as iniciativas do grupo de pesquisa Estudos GeoSociolinguísticos. A proposta integral do projeto prevê o total de 32 entrevistas, distribuídas entre os níveis de escolaridade: Ensino Fundamental 1º Ciclo, Ensino Fundamental 2º Ciclo, Ensino Médio e Ensino Superior; faixas etárias: de 7 até 14 anos, de 15 a 24 anos, de 25 a 49 anos e mais de 50 anos; para cada uma das células estão previstos informantes do sexo/gênero feminino (2) e masculino (2). Em

⁸⁶ Para a cidade de Florianópolis o Banco VARSUL dispõe de amostras complementares da zona urbana e rural. Informações disponíveis em <http://www.varsul.org.br/>. Acesso em 18 de junho de 2014.

virtude do andamento da coleta das entrevistas, trataremos aqui de apenas 12 entrevistas, realizadas até o momento⁸⁷. Apresentamos a seguir a distribuição das células disponíveis até aqui⁸⁸:

	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F
Idade / Sexo						
C = 7 a 14 anos	2	2	2	2	-	-
A = 25 a 49 anos	-	-	-	-	2	2
Total parcial	2	2	2	2	2	2
Total	4		4		4	
	Total de 12 informantes					

Quadro 6: Distribuição das células coletadas - Projeto VMPOSC

Fonte: Adaptado de Rost Snichelotto (2012, p. 6)

Vale ressaltar que a presente amostra traz como proposta inédita a coleta de dados linguísticos de crianças (de 7 a 14 anos), de jovens estudantes (de 15 a 24 anos)⁸⁹ e de adultos com escolaridade de nível superior no município de Chapecó. A amostra é constituída de acordo com a metodologia da sociolinguística variacionista, com informantes da zona urbana do município de Chapecó, monolíngues em português, estratificados em idade, sexo e escolaridade. Cabe destacar, que a amostra de dados do Projeto VMPOSC enquadra-se à terceira onda dos estudos sociolinguísticos propostos por Eckert (2005, 2012), tendo em vista a ênfase às questões estilísticas e ao indivíduo (ROST SNICHELOTTO, 2012).

4.3 VARIÁVEL DEPENDENTE

Partimos da hipótese de que os MDs *sabe?* e *entende?* atuam como variantes intercambiáveis nos mesmos contextos linguísticos e constituem uma variável linguística. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 141) este modelo consiste em uma variável dependente binária e “isso significa que a variável dependente é tratada em termos das probabilidades e percentuais de acontecimento de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa”. Os autores explicam que esta ausência pode incluir apenas uma alternativa ou várias, de modo que, no caso de

⁸⁷ As amostras foram coletadas pelos entrevistadores: Kelly Trapp, André Fabiano Bertozzo, Eliane Scherer (acadêmicos do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na UFFS) e Eduardo Berger (entrevistador voluntário).

⁸⁸ Os traços na tabela indicam que estas células não foram contempladas pelo Projeto VMPOSC.

⁸⁹ Para esta pesquisa não foi possível trazer as entrevistas dos jovens de 15 a 24 anos.

várias alternativas a análise binária dispensa um tratamento único a todas elas em um só conjunto. Para Guy e Zilles (2007, p. 144), as análises binárias são uma tendência dos estudos variacionistas que trabalham com variáveis linguísticas com mais de duas realizações, sugerindo o agrupamento destas formas em subconjuntos. Vejamos a seguir as ocorrências em que podemos verificar os itens e sua intercambialidade:

(63a) Ent: E qual que é o lugar mais bonito daqui?
 Inf: Que eu acho daqui é o parque, sabe? (VMPOSC 11)

(63b) Ent: E qual que é o lugar mais bonito daqui?
 Inf: Que eu acho daqui é o parque, entende? (VMPOSC 11)

Nota-se em (63a) e (63b) que ao forjamos a intercambialidade de *sabe?* e *entende?* na mesma ocorrência, não há perda de sentidos do enunciado. Assim, ratificamos a ideia de que estes MDs tratam de uma variável linguística que atua no domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*.

Para aferirmos o comportamento de *sabe?* e *entende?* como uma variável dependente, empreendemos o controle e análise de 12 variáveis independentes.

4.4 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Para averiguar os fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais e estilísticos) que condicionam os contextos de uso dos MDs em variação, propomos o controle da variável dependente em relação às variáveis independentes delimitadas no quadro a seguir:

Variáveis independentes	
Linguísticas	Extralinguísticos (sociais e estilística)
Apresentação formal	Idade
Posição no turno conversacional	Sexo/gênero
<i>Feedbacks</i> junto aos itens	Escolaridade
Outros MDs junto aos itens	Informante
Conectores junto aos itens	Sexo/gênero dos pares conversacionais ⁹⁰
Contextos de atuação discursiva	
Sequência discursiva	

Quadro 7: Distribuição das variáveis independentes

Estes fatores serão abordados detalhadamente no Capítulo 6. Neste capítulo do trabalho vamos apresentar as hipóteses relacionadas a cada uma das variáveis independentes arroladas acima, bem como discutir e comparar os resultados em face de pesquisas já realizadas sobre o assunto.

4.5 TRATAMENTO DOS DADOS

O tratamento dos dados é realizado inicialmente pela audição e transcrição dos trechos das entrevistas onde ocorrem os MDs *sabe?* e *entende?*, no que refere à amostra do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” e pela leitura e audição da amostra do VARSUL. Posteriormente, são selecionados os contextos em que aparecem os itens discursivos *sabe?* e *entende?* em ambas as amostras. A seguir, procedemos a codificação dos dados e as rodadas estatísticas pelo programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005)⁹¹ para o cálculo das frequências, percentuais e pesos relativos, além da identificação da ordem de significância dos grupos de fatores inicialmente previstos.

⁹⁰ Conforme mencionado anteriormente, esta variável será observada em relação à amostra do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”, o qual previu o controle estilístico quanto ao sexo/gênero do entrevistador e do informante na metodologia de coleta das entrevistas. Assim, a coleta das entrevistas implica uma distribuição proporcional das células entre entrevistadores do sexo/gênero feminino e masculino, a fim de verificar possíveis influências nos usos linguísticos dos informantes.

⁹¹ Informações disponíveis em <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 17 de maio de 2014.

5 OS CONTEXTOS DE USO DE *SABE?* E *ENTENDE?* NA FALA DE INFORMANTES CHAPECOENSES

Neste capítulo apresentamos os resultados da análise e descrição dos contextos de uso dos itens *sabe?* e *entende?* em amostras de fala de 36 informantes de Chapecó, Santa Catarina, sendo 24 do VARSUL e 12 do Projeto VMPOSC. É importante notar que, nesta fase da pesquisa, foi necessário ajustar nossa lente de observação, pois, segundo Martelotta (2004, p. 99), as funções, aqui denominadas de contextos de atuação discursiva, tendem a se confundir ou mesmo a se sobrepor por não apresentarem valores discretos, podendo haver interseções, uma vez que uma mesma ocorrência pode desempenhar mais de uma subfunção e/ou função. O autor alega que isto é uma consequência da funcionalidade dos itens que se manifestam a partir de uma mesma macrofunção, ou ainda, nos termos de Hopper (1991) através de um domínio funcional comum.

Portanto, diante do hibridismo das formas e de possíveis sobreposições, nossa decisão metodológica para a análise e descrição dos contextos de atuação discursiva dos MDs *sabe?* e *entende?* partiu da observação dos traços semântico-pragmáticos mais salientes produzidos no discurso e da audição das entrevistas, em especial, dos trechos nos quais ocorrem os marcadores. Neste sentido, verificamos no percurso de averiguação da amostra que os itens podem atuar ora marcando o que está anteposto à sua ocorrência, ora assinalando relações entre uma cláusula e as informações que a seguem, ora atuando especificamente em pequenos contextos ou enunciados, ou até mesmo referindo-se a contextos mais longos. Este comportamento linguístico é contemplado pela visão funcionalista da linguagem, nos termos de Givón (1995), quanto ao caráter dinâmico entre as formas e suas funções comunicativas.

Desse modo, dedicamos este capítulo à exposição e à descrição do domínio funcional da *manutenção do contato discursivo* dos MDs *sabe?* e *entende?*, a partir do qual postulamos a existência de um *continuum* contextual para os itens. Para Hopper (1991), a existência de um domínio funcional para as formas se explica através do princípio da estratificação, no qual as novas formas funcionais não implicam em descartar as mais antigas, mas sim, atuam como camadas que coexistem. Identificamos 5 (cinco) contextos de atuação proeminentes no uso de *sabe?* e *entende?*: contexto causal/conclusivo, contexto de especificação, contexto de opinião, contexto de contraste e contexto de reformulação. A seguir, apresentamos individualmente cada um destes, exemplificando os usos de *sabe?* e *entende?*, a fim de observarmos em quais contextos os itens atuam como

variantes de uma mesma variável, constituindo uma variável linguística, ou como camadas, seguindo os postulados de Hopper (1991).

5.1 O DOMÍNIO FUNCIONAL DA MANUTENÇÃO DO CONTATO DISCURSIVO DE *SABE?* E *ENTENDE?*

Tratamos os contextos em que *sabe?* e *entende?* atuam como representativos do domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*. Dessa forma, com base nas análises realizadas, os contextos de atuação discursiva dos MDs *sabe?* e *entende?* se manifestam através deste domínio funcional devido a duas propriedades básicas, denominadas por Marcuschi (1989) como *propriedades interacionais* e *intratextuais* (já mencionadas no Capítulo 4). As propriedades interacionais recaem sobre os atos ilocutórios e as relações interpessoais assinaladas pelos marcadores, enquanto que as propriedades intratextuais estão voltadas para a construção textual. São estas características, que na visão do autor, tornam os marcadores multifuncionais, e com o qual concordamos em face dos tipos contextuais delimitados neste estudo.

Com isso, assumimos que *sabe?* e *entende?* são marcadores que atuam no domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*, e que a partir de suas propriedades básicas, assumem simultaneamente atuações textuais e interacionais. Contudo, a depender dos contextos podem se sobressair nuances mais voltadas à interação ou mais voltadas ao texto. No âmbito em que as propriedades interacionais são mais salientes, delimitados que os contextos dos itens assinalam as relações interpessoais, mantendo o contato com o ouvinte, com a finalidade de assegurar o ato comunicativo e a recepção discursiva, podendo testar/checar a participação do interlocutor. No âmbito em que as propriedades textuais estão ressaltadas, delimitamos que os contextos de atuação dos itens demarcam/chamam a atenção para as partes do texto que são relevantes para a compreensão do ouvinte ou para a organização do falante, além de atuarem como recursos de coesão discursiva.

Avaliamos que a macrofunção de viabilizar o processamento da fala e a recepção do ouvinte atribuída aos marcadores por Martelotta (2004), também contempla o viés textual e interacional das propriedades de *sabe?* e *entendeu?*. Esta macrofunção pressupõe que os MDs são primariamente utilizados para organizar as informações no momento da produção discursiva e subsidiariamente organizam as relações no texto. No entanto, o autor não examina o comportamento funcional dos itens em relação a esta proposta, detendo-se aos aspectos mais gerais, conforme a citação a seguir:

Os marcadores discursivos apresentam funções relacionadas, por um lado, a estratégias voltadas para a viabilização do processamento da fala no contexto de improviso, que caracteriza essa modalidade de comunicação e, por outro lado, à indicação dessas estratégias para o ouvinte. Suas funções, portanto, têm caráter pragmático-discursivo, sendo mais subjetivas e mais difíceis de se caracterizarem estruturalmente. (MARTELOTTA, p. 85, 2004)

Ademais, com base nos aspectos levantados, aferimos que o domínio funcional da *manutenção do contato discursivo* de *sabe?* e *entende?*, recobre os respectivos contextos de atuação discursiva de modo a constituir um *continuum*, no seguinte sentido:

contextos de reformulação > de opinião > de especificação > causal/conclusivo > de contraste

Situamos à esquerda do *continuum* contextos de atuação discursiva dos MDs, os quais acreditamos estarem mais voltados à interação, ou seja, com propriedades interacionais mais salientes, tal como o contexto de reformulação e de opinião, passando por um estágio intermediário, representado pelo contexto de especificação, seguindo uma ordenação crescente em direção ao texto, representado pelo contexto causal/conclusivo e de contraste, em que as propriedades de caráter textual dos MDs são proeminentes. Destacamos que a ênfase de uma das propriedades nos contextos de atuação discursiva não faz cessar a outra.

Vejamos a síntese do que estamos propondo:

Domínio funcional da <i>manutenção do contato discursivo</i>	
Propriedades mais interacionais	Propriedades mais textuais
Contexto de reformulação	Contexto de especificação
Contexto de opinião	Contexto causal/conclusivo
	Contexto de contraste

Quadro 8: Contextos de atuação discursiva de *sabe?* e *entende?*

Passamos agora, à caracterização de cada um destes contextos de atuação discursiva, bem como de ocorrências que elucidam seus usos.

5.1.1 Contexto de reformulação

Os contextos de reformulação são caracterizados pela busca do item lexical mais adequado à situação comunicativa através da reparação e/ou correção da informação nos enunciados⁹². Ações desta natureza demonstram o esforço do falante em tornar o seu discurso inteligível ao ouvinte. Nestes casos, observamos que o item tem escopo sobre informações específicas, auxiliando a compreensão do ouvinte por meio de reformulações. Notamos estes aspectos na ocorrência abaixo:

(64) Ent: E qual o trabalho dele, lá?
 Inf: É, ele é mais a parte de cortar, tirar carne, assim, dos ossos, **sabe?** desossar, que dizem.
 (est) Então, [na]- [na]- desossar, tirar juntas, né? assim, da- Tira a carne, depois, daí, na junta, assim, daí corta tudo fora, né? (SC CHP 01)

Na ocorrência (64), o item *sabe?* assinala a reformulação da expressão linguística “*tirar carne dos ossos*”, através da reparação lexical “*desossar*”. Percebe-se que o falante fica receoso quanto à apreensão do ouvinte sobre o procedimento explicado e reformula, como estratégia de assegurar a absorção sobre o que está sendo enunciado.

É importante salientar que no mapeamento dos contextos de reformulação, apenas identificamos a atuação do item *sabe?*. Cremos que isso se deve ao princípio da especialização das formas (HOPPER, 1991), no qual as opções linguísticas passam por estreitamentos dentro do domínio funcional, devido a um estágio mais avançado de gramaticalização.

Ainda, nestes contextos nota-se que o cuidado do informante recai sobre o ouvinte, o que nos leva a postular que, nestes casos, as propriedades mais interacionais dos itens estão ressaltadas. Lembramos, conforme pontuado inicialmente, que a ênfase de características mais interacionais não faz cessar os aspectos de organização textual dos marcadores, deixando-os apenas em um plano subsidiário.

5.1.2 Contexto de opinião

Os MDs *sabe?* e *entende?* atuam em contextos marcados pela exposição pessoal, por meio de opiniões e avaliações emitidas pelo falante sobre determinados assuntos, fatos ou pessoas (ROST SNICHELOTTO, 2009)⁹³. *Sabe?* e *entende?*, geralmente, coocorrem com MDs de opinião tais como *(eu) acho (que)*, *(eu) acredito (que)* e *(eu) sinto (que)*, segundo a classificação proposta por

⁹² O contexto de reformulação que estamos propondo foi abordado por Martelotta (2004), porém sem uma definição específica. Este contexto também é semelhante à função de “falsa partida ou reparação” proposta por Müller (2005).

⁹³ O contexto de opinião que estamos apresentando assemelha-se às funções de “foco na avaliação do falante” e “foco na opinião do falante”, segundo Valle (2001).

Rosa (1992). De modo geral, os contextos são marcados por situações de incerteza, nos quais os itens, frequentemente, aparecem cercados por expressões (como por exemplo, *como é que eu posso dizer; sei lá*) que visam abrandar a exposição do falante, diminuindo o seu comprometimento com a assertividade da fala. Observam-se algumas ocorrências:

(65) Ent: Como é que a senhora, assim, imagina que seja a Itália hoje, assim?
 Inf: Ah! Eu imagino, assim, a Itália, [uma]- [uma]- assim, pessoas alegres, pessoas [bem]-bem falantes, bem- **sabe?** *eu acho que*, assim, uma cidade (hes) [com]- sem violência. Sei lá, eu imagino assim. (SC CHP 16)

(66) Ent: E como é que é na tua casa Mari, essa questão de italianos, você fala italiano?
 Inf: [...] E [eu]- *eu sinto que* na minha família ainda isso tá bem enraizado, **entende?** (est) o italiano porque a gente dá muito valor. (est) Tanto meu irmão, tenho um irmão que estuda fora, ele quer ver se ele se naturaliza italiano. (SC CHP 19)

Nas ocorrências (65) e (66)⁹⁴, os contextos estão marcados pela coocorrência de MDs típicos de opinião, como (*eu*) *acho (que)* e (*eu*) *sinto (que)*. Em (65) o tópico discursivo incita o falante a dissertar sobre a Itália e em (66) o assunto em pauta é sobre a língua italiana. Ambas as temáticas requerem que o falante se posicione e emita avaliações, o que pode gerar certa exposição à sua boa imagem. Nestes casos, o uso dos MDs *sabe?* e *entende?* auxiliam o falante a amenizar e controlar possíveis julgamentos desfavoráveis ao que está sendo dito.

No que diz respeito ao *continuum* que apresentamos acima, classificamos os contextos de opinião como voltados à interação, em virtude da nítida preocupação do falante acerca da preservação de sua face. A diminuição da força ilocutória do enunciado através da inserção dos MDs *sabe?* e *entende?* nos contextos é uma estratégia que atenua a sua exposição e comprometimentos frente ao ouvinte e suas eventuais críticas.

Nestes contextos a intercambialidade entre *sabe?* e *entende?* é claramente possível, uma vez que se ratificam suas atuações como variantes de uma mesma variável.

5.1.3 Contexto de especificação

Os MDs *sabe?* e *entende?* atuam em contextos em que a função de especificação é caracterizada pela presença de informações particulares, antepostas ou pospostas à ocorrência dos

⁹⁴ É importante notar que na ocorrência (66) *sabe?* atua de forma híbrida, de modo que este contexto de atuação também pode ser classificado como um contexto causal/conclusivo.

itens *sabe?* e *entende?*⁹⁵. Estas informações podem atuar semelhantes aos adjuntos adnominais e podem conter descrições, ênfases, características ou detalhes sobre o que está sendo dito pelo falante, a fim de proporcionar uma melhor apreensão ao ouvinte.

As especificações fornecidas pelos falantes servem para esclarecer e/ou ampliar a compreensão dos tópicos (trabalho, família, etc). Ao exprimir uma ideia, um conceito, bem como relatar fatos de vida, o falante lança desta estratégia para tornar sua fala mais informativa, o que segundo Valle (2001, p. 66) sinaliza o “propósito de ativar na memória do interlocutor, ou apenas destacar, referentes conhecidos ou disponíveis”. Vejamos as ocorrências:

(67) Ent: E em relação a Chapecó tu acha que tem um ponto turístico que é referência aqui, qual é o lugar mais bonito de Chapecó? Que fosse na tua opinião?
 Inf: Como referência é o Goio-en. Mas o lugar mais bonito que eu acho da cidade é na cascata do Ibama, que é um lugar mais reservado assim que não vai muita gente lá, vai pouca gente, dificilmente eu encontro alguém.
 Ent: Onde que fica?
 Inf: Fica na gleba um da Floresta Nacional que é em Guatambu, uma gleba, um pedaço e o outro pedaço é lá no Distrito do Bormann aí, lá no Amazon, sabe?(est) (VMPOSC 02)⁹⁶

(68) Inf: [...] Porque tem uma família assim com muito afeto entende? (SC CHP 19)

Na ocorrência (67) o marcador *sabe?* está enfatizando a descrição construída pelo falante, a fim de tornar acessível a compreensão do ouvinte quanto à localização da gleba florestal situada “no Amazon”. A situação apresentada na ocorrência (68) é bastante semelhante à primeira, em que o marcador *entende?* está enfatizando uma particularidade da família, qualificando-a como afetuosa a partir do uso da expressão “*muito afeto*”.

Em nosso *continuum* situamos este contexto como de caráter mais textual, porém salientamos que, a nosso ver, se encontra em um estágio intermediário de suas propriedades textuais-interativas. Notamos que este contexto de atuação, ao passo que está fortemente atrelado a demarcações particulares no texto, também seleciona e especifica as partes relevantes ao ouvinte. Assim, embora estas características bidirecionais, acreditamos que a preocupação com o ouvinte e sua assimilação discursiva possui espaço subsidiário na fala.

⁹⁵ O contexto de especificação que apresentamos assemelha-se, à função de “introduzir uma explicação” de Müller (2004), e às funções de “focalizar as características dos participantes” e “relacional de especificação” de Valle (2001).

⁹⁶ A sigla VMPOSC identifica a amostra do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” e o número subsequente indica o número da entrevista.

Quanto à intercambialidade dos itens, nota-se que não há alterações contextuais ao forjarmos as trocas entre *sabe?* e *entende?*.

5.1.4 Contexto causal/conclusivo⁹⁷

Os MDs *sabe?* e *entende?* atuam em contextos em que uma das orações contém a causa e a outra acarreta a consequência, explicação ou conclusão. O contexto causal/conclusivo também pode compreender cláusulas que apresentam justificativas, sínteses ou desfecho para os fatos, assim como o encadeamento de ideias assinalado pelos itens⁹⁸. Neste tipo de ocorrências observa-se, frequentemente, a presença de conectores junto aos MDs, como *e*, *então*, *aí*, *daí*, *porque*, *pois*. Vejamos algumas ocorrências:

(69) Inf: [...] E outras coisas do quartel, é ir passear, né? tirar foto pra trazer pra casa mostrar. Eu não sofri no quartel, **sabe?** porque eu [não]- [não]- não fiquei nessa infantaria que eles dizem, com arma ali [...] (SC CHP 18)

(70) Inf: [...] Aí, ele se enfureceu, né? (est) se enfureceu e, no outro [<di->]- dia, de manhã cedo, chegou lá, [entrou]- entrou [no]- no posto, depois [de]- que o posto estava aberto, que estava [e]- funcionando e (hes) sem (hes) dizer nada, sem fazer comentários, né? sem dizer nada, ele puxou do revólver e matou, **entende?** Matou ele. (SC CHP 22)

Na ocorrência (69), a relação assinalada pelo marcador *sabe?* diz respeito a um contexto nitidamente relacionado à causa e consequência. O fato do informante não ter ficado na infantaria do quartel (causa) fez com que ele não sofresse durante o período do exercício militar (consequência). Na ocorrência (70), o MD *entende?* possui escopo sobre todo o contexto que o antecede. Além disso, o item assinala a finalização do tópico discursivo, ao passo que funciona como um gatilho para a introdução da situação conclusiva “*matou ele*”, que configura o desfecho da sequência narrada anteriormente.

Entende? na ocorrência (70), segundo sugere Martelotta (2004), alude a uma questão considerada distintiva entre os marcadores *sabe?* e *entende?* que é a quantidade de informação que cada um deles pode referir anaforicamente. Para o autor, *sabe?* está ligado semanticamente ao

⁹⁷ Decidimos por agrupar as ocorrências de natureza causal e conclusiva devido ao tratamento estatístico a ser dispensando à amostra.

⁹⁸ Assemelha-se ao contexto causal/conclusivo por nós proposto, a função “relacional de conclusão” descrita por Valle (2001).

sintagma imediatamente anterior a ele; e *entendeu?* e *entende?* podem se referir a uma sequência discursiva mais ampla.

Em relação ao *continnum* que postulamos, avaliamos que este contexto possui atuação mais voltada ao texto, uma vez que a preocupação do falante volta-se à construção e sequenciação das próprias idéias, conforme atesta-se em (69) e (70).

Além disso, observamos que nestes contextos é plenamente possível intercambiar os MDs, de modo que os traços semântico-pragmáticos das ocorrências permanecem inalterados. Isso se deve, certamente, à expansão semântica sofrida por estes marcadores desde sua origem latina, em que convergem atualmente os sentidos voltados às atividades mentais.

5.1.5 Contexto de contraste

Os MDs *sabe?* e *entende?* atuam em contextos marcados por informações de natureza adversativa⁹⁹. Nestes casos, os MDs em foco, assinalam o contraste de idéias, que pode estar subentendido no contexto discursivo ou delimitado por expressões conjuntivas adversativas a exemplo da conjunção *mas*. Podemos observar nas ocorrências a seguir:

(71) Ent: Como que é o trânsito na cidade?

Inf: É bem movimentado no centro, no centro é bem movimentado. Daí ali perto, na frente de casa tem uma rua aqui que ela não é muito movimentada e nem a rua da dona Ana **sabe?**, mas ali bem na frente da Refinattus é muito movimentado que passam uns carros.(VMPOSC 11)

(72) Ent: E o que que poderia melhorar aqui na cidade, que que a senhora acha?

Inf: [Assim]- nós aqui [<assi->]- que poderiam melhorar, né? mas é que a parte financeira também, né? [não]- [<nunc->]- [<nunc>]- não tem muito, assim, né? mas, (hes) no caso, eles precisariam ter um parque, né? Não precisaria ser tão [<gran->]- (hes) aquele em São Paulo, né? São Paulo tem parques bons que tu podes ir passar, às vezes, o domingo com a família, **entende?** mas aqui não. (SC CHP O9)

Nas ocorrências (71) e (72) os MDs *sabe?* e *entende?* coocorrem junto à conjunção *mas*. Nestes contextos, nossos itens operam como mais um elemento contrastivo das informações. Na primeira ocorrência, embora a informante relata que perto da sua casa as ruas não são muito movimentadas, estabelece o contraste de suas idéias dizendo que em frente a Refinattus é bastante movimentado. Na segunda ocorrência, a informante relata que em São Paulo há parques bons para passear, no entanto, Chapecó não dispõe desta infraestrutura.

⁹⁹ Contexto equivalente à função “relacional de contraste” proposta por Valle (2001).

Em relação ao *continuum* textual-interativo dos contextos de atuação discursiva dos MDs, proposto no início deste capítulo, avaliamos que os contextos contrastivos atuam mais no âmbito do texto, privilegiando a articulação das informações e suas relações de oposição, conforme visto nas ocorrências demonstradas.

Também, verifica-se que nestas situações a intercambialidade dos MDs não implica em alterações semântico-pragmáticas no contexto de atuação, quando simulamos a alternância entre as variantes *sabe?* e *entende?*.

5.2 FECHANDO O CAPÍTULO, NÃO O ASSUNTO

Nota-se que estas considerações tratam de conclusões parciais de nosso estudo e são decorrentes do aparato e das decisões metodológicas utilizadas no trabalho. Dessa forma, acreditamos que muitos outros contextos podem emergir no uso dos MDs *sabe?* e *entende?*, em diferentes amostras de fala, bem como em face de diferentes modelos analíticos.

Mais uma vez, a partir de Martelotta (2004), registramos a tarefa desafiante em se caracterizar os contextos de atuação discursiva dos MDs e incluí-los em uma trajetória linear de mudança, visto que suas regularidades não são tão sensíveis. Ao fecharmos este capítulo, com certeza, o assunto está longe de se esgotar, visto que estes são os fatos imbricados no tratamento de variáveis de natureza discursiva. De acordo com o autor, o caráter pragmático-discursivo das funções, a que chamamos de contextos de atuação discursiva, as tornam mais subjetivas e mais difíceis de se classificar estruturalmente.

6 OLHANDO PARA OS DADOS: IDENTIFICANDO OS FATORES LINGUÍSTICOS E SOCIAIS QUE ATUAM NO USO DE *SABE?* E *ENTENDE?*

O objetivo deste capítulo é analisar quais fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais e estilísticos) podem estar condicionando os usos dos MDs *sabe?* e *entende?* nas amostras de fala de informantes chapecoenses. Para tanto, organizamos nossa exposição em três subseções. Na primeira subseção, relatamos brevemente como realizamos o tratamento dos dados utilizando o programa estatístico GoldVarb X. Na segunda e terceira subseções, apresentamos os fatores de natureza linguística e extralinguística que aventamos estarem condicionando o uso dos MDs *sabe?* e *entende?*. Ao final de cada grupo de fatores, para as variáveis que foram possíveis de serem observadas na amostra VMPOSC, trazemos algumas considerações de ordem qualitativa e quantitativa.

Delimitamos para controle as seguintes variáveis independentes, sendo 7 relacionadas a fatores linguísticos e 5 a fatores extralinguísticos. O quadro, a seguir, sistematiza os grupos investigados:

Variáveis independentes	
Linguísticas	
1. Apresentação formal	<i>Sabe?</i> <i>Entende?</i>
2. Posição no turno conversacional	Medial Final
3. <i>Feedbacks</i> junto aos itens	Presença Ausência
4. Outros MDs junto aos itens	Presença Ausência
5. Conectores junto aos itens	Presença Ausência
6. Contextos de atuação discursiva	Causal/conclusivo Especificação Opinião Contraste Reformulação
7. Sequência discursiva	Narrativa Descritiva Dissertativa
Extralinguísticas	
1. Idade	25 a 49 anos mais de 50 anos

2. Sexo/gênero	Feminino Masculino
3. Escolaridade	Nível fundamental I (de 1 a 4 anos de escolaridade) Nível fundamental II (de 5 a 8 anos de escolaridade) Nível médio (de 9 a 11 anos de escolaridade)
4. Informante	24 informantes: Chapecó/SC
5. Sexo/gênero dos pares conversacionais ¹⁰⁰	Entrevistadores do sexo/gênero feminino e masculino com informantes de ambos os sexos/gêneros

Quadro 9: Variáveis independentes

6.1 O TRATAMENTO DOS DADOS

Conforme mencionado no Capítulo 4, utilizamos para o tratamento dos dados o programa estatístico GoldVarb X. Salientamos que somente os dados pertencentes ao VARSUL puderam ser tratados pelo programa, uma vez que a amostra do Projeto VMPOSC está em fase de coleta das entrevistas, com apenas 12 entrevistas efetivamente realizadas até o momento. Deste total, somente 4 informantes foram produtivos para os itens *sabe?* e *entende?*, enquanto que para a amostra VARSUL, do total de 24 entrevistas, somente 14 informantes produziram os MDs. Assim, após a codificação dos dados a serem tratados pelo programa GoldVarb X, realizamos as primeiras rodadas estatísticas para a verificação da frequência de uso dos MDs na amostra VARSUL/Chapecó e constatamos um total de 259 ocorrências, das quais 140 correspondem ao marcador *sabe?* e 119 ao *entende?*. Porém, notou-se que o informante n°. 9 apresentou alta produtividade dos marcadores, representando cerca de 50% dos itens da amostra. Consultamos a ficha social deste informante e percebemos que se trata de uma mulher, de escolaridade de nível fundamental II, com idade entre 25 a 49 anos. A fim de não desviar os resultados, optamos por excluí-la da rodada estatística e passamos a contar com 13 informantes, totalizando 135 ocorrências, das quais 115 são realizações de *sabe?* e 20 são de *entende?*. Destacamos que, para a aplicação da regra, elegemos como referência o MD *sabe?*, o qual apresenta maior frequência no *corpus*. Na primeira rodada, identificamos os valores percentuais dos fatores controlados, bem como aqueles que tiveram nocautes. Os grupos que apresentaram nocautes foram: os informantes, a posição no turno

¹⁰⁰ Variável observada apenas em relação aos dados do Projeto VMPOSC.

conversacional, o contexto de reformulação e a escolaridade. Na sequência, após a eliminação destes nocautes, realizamos uma nova rodada estatística para a identificação dos grupos de significância e seus pesos relativos. Dos 11 grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, apenas dois foram selecionados como estatisticamente relevantes pelo programa: *idade* e *contextos de atuação discursiva* (nesta ordem de significância)¹⁰¹.

Ressaltamos que algumas rodadas cruzadas foram realizadas, a fim de identificarmos possíveis interferências e comportamentos no uso destes marcadores, cujos casos serão apresentados pontualmente a seguir.

Para apresentação dos resultados e de sua respectiva análise, adotamos os seguintes procedimentos: primeiramente, descrevemos cada um dos fatores linguísticos e extralinguísticos, acompanhados, sempre que possível, de resultados de outros estudos sobre os MDs *sabe?* e *entende?*, tais como Silva e Macedo (1996), Valle (2001), Martelotta (2004), Urbano (1999, 2006) Görski e Valle (2013); na sequência, levantamos nossas hipóteses para o uso dos itens; em seguida, passamos à apresentação, sob a forma de tabelas, das frequências e dos percentuais e, quando possível, dos pesos relativos; por fim, passamos à discussão de cada resultado da amostra para o fator controlado¹⁰². Com base nestes resultados estatísticos, pretendemos ter uma projeção do uso dos MDs *sabe?* e *entende?* na fala dos chapecoenses.

6.2 FATORES LINGUÍSTICOS

Em relação aos fatores linguísticos que podem condicionar o uso dos MDs, consoante à Valle (2001) e Rost (2002), é possível agrupá-los em três blocos, totalizando sete grupos: i) relacionado ao aspecto morfossintático temos as variáveis *apresentação formal* e *posição no turno conversacional*; ii) relacionados aos aspectos circundantes temos as variáveis *feedbacks*, *outros MDs* e *conectores junto aos itens*; iii) relacionado ao contexto discursivo temos as variáveis *sequência discursiva* e *contextos de atuação discursiva*. Destacamos que o fator linguístico selecionado como relevante neste grupo foi a variável *contextos de atuação discursiva*.

¹⁰¹ Para fins de checagem e comparação, realizamos uma rodada estatística cuja aplicação da regra foi atribuída ao marcador *entende?*, na qual obtivemos como resultado os mesmos grupos de significância e ordem de seleção no que refere aos pesos relativos.

¹⁰² Ressaltamos que nesta etapa do trabalho, não seguiremos a ordem cronológica das pesquisas a serem citadas, tendo em vista as análises de cunho comparativo.

6.2.1 Apresentação formal

Na amostra VARSUL, encontramos apenas a forma *sabe?*, *entende?* e uma realização da variante *entendeu?*. Vejamos as ocorrências a seguir:

(73) Ent: E teve algum filho, assim, da senhora que foi mais doente, que deu mais trabalho com doença? A senhora lembra?

Inf: Olha, [mais]-o o mais doente mesmo foi um dos gêmeos, né? que eram dois e fracos, né? esses me deram trabalho bastante. Se não os outros vieram, embora bem tudo [(inint).]

Ent: [o que eles tinham, assim,] de doença?

Inf: Sim, eles eram fracos, acho, daí eles ficavam com desarranjo, assim, **sabe?** (est) Não era tudo que ele podia mamar, que ele podia comer, no caso, né? (est) Esse me deu trabalho, Deus o livre! (SC CHP 06)

(74) Inf: [...] E então (hes) eu vejo por mim, né? no caso, a minha mãe. Minha mãe não é de ficar, você faz isso, você faz aquilo, quero que você estude, quero que você trabalhe, não porque [tanto antigamente se]- claro que a minha mãe incentivou que eu não parasse de estudar no caso, né? mas eu não fui pressionada, (est) **entende?** a ficar. "Não, [você vai, eu vou]- você é obrigada a estudar". (SC CHP 19)

(75) Ent: É, e muita gente não sabia mesmo falar o português, né?

Inf: Não, não, não, não, não. (est) E [(hes)] [<Princ->]- principalmente de origem alemã né? Porque o alemão tem mais dificuldade para falar a língua brasileira, né? O italiano tem [<ma->]-[mais<dif->]-mais facilidade porque [sendo que<porq->]-a língua italiana e a portuguesa têm semelhanças, né? São línguas coirmãs, né? (est) Provêm do latim, né? Tanto faz o português [como]-como [o<fran->]-o italiano e o francês, provêm do latim, né? (est) (hes) Mas o alemão [j]- ,uma língua totalmente diferente, né? **entendeu?** tem uma outra raiz. (est) (SC CHP 22)

Estudo como o realizado por Valle (2001) descreve um amplo leque de variantes para estes itens, bem como o de Messa (2013)¹⁰³. Valle (2001) verifica que *entende?* possui como subformas as variantes *entendeu?*, *entendes?*, *entendesse?*, *tá entendendo?*, *tás entendendo?*, enquanto que o RAD *sabe?* dispõe da subforma *sabes?*. O trabalho de Messa (2013) corrobora com esta proposição e identifica as seguintes subformas derivadas de *saber* e *entender*: *sabe*; *entende*, *entendeu*, *entendesse* e *tendesse*; respectivamente.

Valle (2001) localizou 521 dados, dos quais 203 correspondem a *sabe?* (39%), 113 a *entende?* (22%) (os outros 205 dados da amostra foram realizações do item *não tem?*=39%). Por outro lado, Messa (2013) obteve em sua amostra 66 ocorrências de MDs derivadas do verbo

¹⁰³ Neste trabalho, o autor analisou o verbo *saber*, *entender* e *ver*. A pesquisa foi desenvolvida à luz da Teoria da Variação Linguística laboviana e da Perspectiva Textual-Interativa. O *corpus* utilizado compreende 170 ocorrências provenientes de uma amostra do Banco de Dados Sociolinguísticos por Classe Social (VarX), da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Foram analisadas 20 entrevistas, sendo 10 informantes da classe social média-alta e 10 informantes da classe social baixa, distribuídos por sexo/gênero feminino e masculino.

entender (39%), 103 ocorrências de MDs derivadas do verbo *saber* (1 ocorrência=1% para o verbo *ver*).

Especificamente, sobre a apresentação formal de *sabe?* e *entende?*, Urbano (1999)¹⁰⁴ observa como característico desses marcadores a não disposição à flexão número, gênero, modo e tempo. No entanto, constata em suas análises que o verbo *entender* apresenta as variantes *entende?* e *entendeu?*, com uso mais frequente de *entendeu?* sobre *entende?* em 77,77% dos casos. Quanto à forma *sabe?*, esta apresenta-se apenas no presente do indicativo¹⁰⁵.

Também, Risso et al. (1996, p. 57), no que refere às formas dos MDs, avaliam que, geralmente, são “mais ou menos fixas, pouco propensas a variações fonológicas, flexionais ou de construção”. Observam que as poucas alterações encontradas nos marcadores são restritas quase sempre, no caso dos verbos, à manifestação de uma variante flexional específica. Verificam que há uma forte tendência à cristalização das formas e citam como exemplo a inexistência de variantes flexionais como *entendia?* e *entendes?*, em relação aos marcadores *entende?* e *entendeu?*. Esses autores (op. cit., p. 57) consideram que, comumente, as formas cristalizadas passam a ser usadas no discurso como fórmulas já prontas e com certo grau de automatismo, sem a necessidade de uma “elaboração léxico-sintática mais palpável”.

Considerando, os diversos posicionamentos e resultados de pesquisas já realizadas com estes marcadores, tínhamos como hipótese geral que *sabe?* e *entende?* apresentariam formas variantes, tais como *sabes?* e *entendeu?*. Porém, conforme citado na abertura desta subseção, registramos apenas uma ocorrência de *entendeu?*, sendo que para o item *sabe?* não houve variação. Embora estas constatações iniciais, sustentamos a hipótese que entre os dois MDs, *sabe?* será a forma mais recorrente que *entende?*.

Os resultados de nossa pesquisa revelaram que 85% dos itens são representações de *sabe?* (115 ocorrências) e 15% são representativos da forma *entende?* (20 ocorrências), conforme podemos observar no gráfico a seguir:

¹⁰⁴ Os resultados deste trabalho são derivados da pesquisa *Marcadores Discursivos: Traços Definidores*, realizada por Risso, Silva e Urbano para o PGPF (URBANO, p. 195).

¹⁰⁵ Segundo Urbano (1999) foi identificado um uso moderno de *sabia?* fora do *corpus*, principalmente na linguagem dos jovens, mas este marcador já acusa declínio.

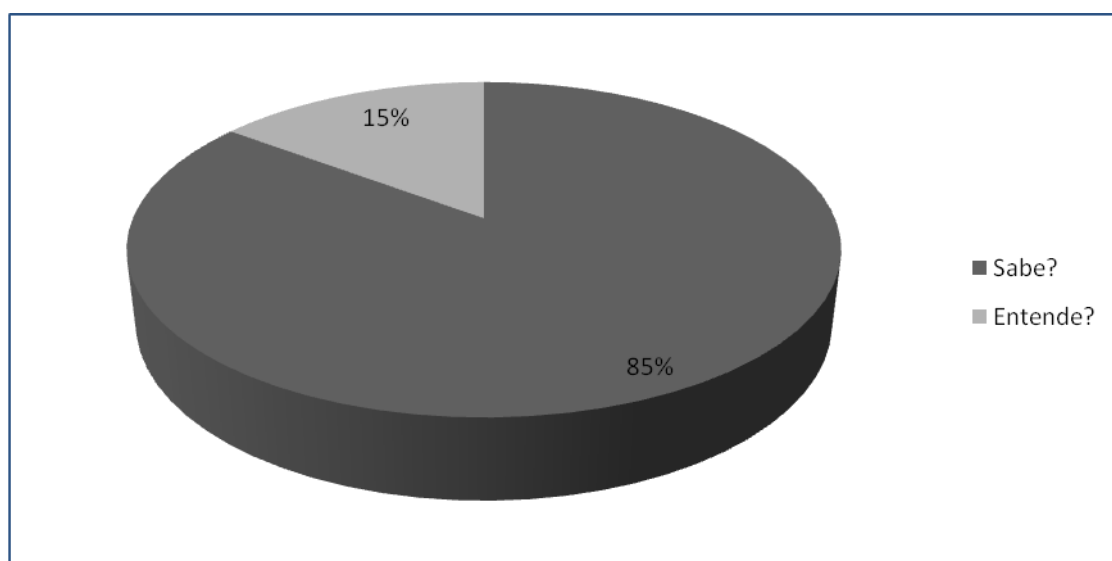


Gráfico 1: Frequência das formas *sabe?* e *entende?* na amostra VARSUL/Chapecó

Os resultados obtidos por nós, consoante aos demais autores citados, apontam que o item mais recorrente é *sabe?* seguido do marcador *entende?*, o que confirma nossa hipótese inicial sobre a frequência dos itens. Porém, diferentemente de Valle (2001) e Messa (2013), por exemplo, do total de 135 dados analisados, registramos uma única ocorrência da variante *entende?*, correspondente à forma *entendeu?*, apresentada na ocorrência (3) acima (no gráfico *entendeu?* está representado pelo item *entende?*).

Neste sentido, é importante relatar nossas observações quanto ao preenchimento do sujeito pronominal desses marcadores. Em vista da apresentação formal dos itens, temos como hipótese que estes MDs estão, praticamente, fixados na segunda pessoa do singular do indicativo mas com a morfologia não marcada. Na averiguação do *corpus* apenas uma realização de *sabe?* apresenta-se acompanhada do pronome *tu*¹⁰⁶. Observemos a ocorrência:

(76) Inf: [...] O que eu sei, no caso, através dos meus pais, essa região aqui, sempre rica em madeira, eles sempre tiravam madeira. E madeira, **tu sabe?**, antigamente, o meio de transporte deles, que eles tinham, era tudo a carroça, né? carroções. Aquelas rodas, mas o pai disse que era roda mesmo, de ferro, né? [...] (SC CHP 18)

¹⁰⁶ Loregian-Penkal (2005) analisa a distribuição dos pronomes de segunda pessoa *tu/você* na amostra Chapecó, do Projeto VARSUL e constata que dos 24 informantes, 6 fazem uso exclusivo do pronome *tu*, 2 do pronome *você* e 16 informantes alternam suas escolhas entre os dois tipos pronominais. Segundo a autora, há um equilíbrio no uso dos dois pronomes em Chapecó, mas com pesos relativos elevados de uso de *tu*.

Na ocorrência (76) nota-se que embora o informante utiliza o pronome de segunda pessoa *tu*, o verbo está flexionado na 3º. pessoa do singular. Desse modo, com base nas constatações de Loregian-Penkall (2005), quanto ao alto índice de pronome *tu* na fala chapecoense, avaliamos que os MDs *sabe?* e *entende?* tendem a fixar suas formas na segunda pessoa do presente do indicativo, diferenciando-se da conjugação tradicional do pronome *tu* apenas pela eliminação do “s” final.

Sobre este assunto, Valle (2001) considera que devido à natureza verbal dos itens, eles podem aparecer antecidos por pronomes retos de segunda pessoa, como *tu* e *você*. Entretanto, na amostra testada pela autora, não foram registrados quaisquer casos em que houvesse o pronome *você* antecidendo o RAD, sendo que a ocorrência de *tu* associado aos itens mostrou-se extremamente baixa (uma ocorrência junto à forma *sabe?* e quatro ocorrências junto à *entende?*, sendo duas destas junto à variante *entendes?*). Esse fato comprova, segundo a autora, a existência de um alto grau de distanciamento dos itens em relação às suas formas verbais, aventando a hipótese de que estes RADs já teriam fixado a sua forma e estariam mais abstratizados.

Por conseguinte, Valle (2001, p. 20) infere, de modo geral, que as formas *sabe?* e *entende?* “não se fixaram na terceira pessoa do singular [...], mas sim na segunda pessoa do discurso não marcada, já que se constituem como mecanismos de interlocução”, semelhante ao que observamos em nossa pesquisa. Também, atesta que não há ligação entre o uso dos RADs com o contexto temporal das seqüências discursivas (presente, passado e futuro), devido ao seu descomprometimento com a estrutura sintática.

Igualmente, corrobora nossas observações acerca do item *sabe?*, Martelotta (2004), que identifica usos categóricos deste marcador no tempo presente do indicativo. Já os MDs derivados do verbo *entender* aparecem mais frequentemente no pretérito perfeito do indicativo *entendeu?* e menos frequente no presente *entende?*, divergindo dos nossos resultados. Para o autor, o fato de *entender* aparecer no pretérito perfeito e no presente do indicativo pode ser explicado através do conceito de telicidade¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Para Martelotta (2004, p. 102) o conceito de telicidade está ligado à existência ou não de um ponto terminal na oração, ou seja, uma situação é *télica* quando implica um ponto terminal necessário e *atélica* quando isso não ocorre. Explica que uma pergunta plena, que dá origem ao MD *sabe?*, implica uma situação *atélica*, pois, neste caso, o sentido do verbo origem aparece como *ter conhecimento* e, dessa forma, não implica um ponto terminal. Já a situação que origina o MD *entendeu?* ou *entende?* é considerada *télica*, pois o verbo *entender* aparece com o sentido de *receber conhecimento*, o que implica um ponto terminal.

Para a amostra VMPOSC observa-se que, conforme exposto no Capítulo 5, do total de entrevistas previstas para este Projeto, somente 12 foram coletadas até o momento¹⁰⁸. No entanto, deste total, apenas 4 informantes realizaram os MDs em análise, totalizando 11 ocorrências. Com base no *corpus* disponível, identificamos que 91% dos itens são realizações de *sabe?* (10 ocorrências) e 9% são representativos da forma *entende?* (1 ocorrência). Vejamos no gráfico a distribuição dos marcadores:

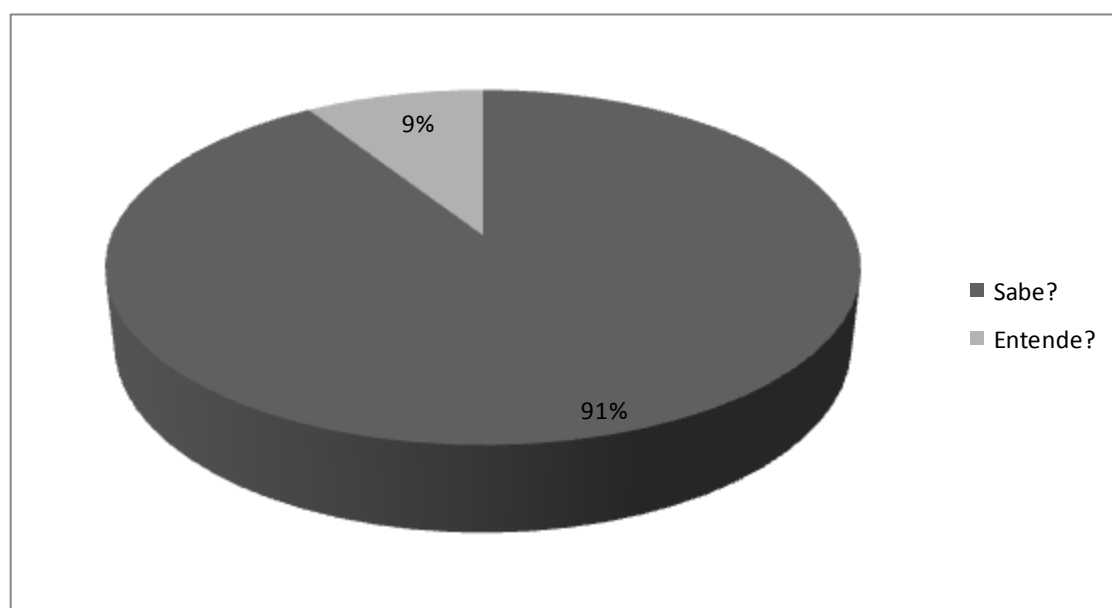


Gráfico 2: Frequência das formas *sabe?* e *entende?* na amostra VMPOSC

Cabe destacar, de modo geral, que as realizações de *sabe?* e *entende?* observadas até aqui, não possuem acompanhamento pronominal, além de se mostrarem fixadas, exclusivamente, nas formas *sabe?* e *entende?*. Acreditamos que o exame integral da amostra a ser coletada ainda pode apontar resultados bastante produtivos para estes itens.

6.2.2 Posição no turno conversacional

O controle desse fator possibilita identificar a posição preferencial de uso dos MDs *sabe?* e *entende?*. Para isso, elegemos como unidade de análise o turno conversacional e as posições medial e final. Na conversação os participantes revezam os papéis de falante e ouvinte, constituindo os

¹⁰⁸ As entrevistas foram coletadas proporcionalmente por entrevistadores do sexo/gênero feminino e masculino em relação a cada uma das células.

diálogos. De acordo com Galembeck (1999, p. 60) “pode-se caracterizar a conversação como uma série de turnos, entendendo-se por turno qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão”. Esta definição implica incluir todas as intervenções dos interlocutores, tanto aquelas que possuem valor referencial, nas quais se desenvolvem diálogos, como aquelas intervenções mais breves, nas quais os interlocutores sinalizam o acompanhamento do parceiro conversacional (como por exemplo, *uhn, uhn, certo*). No entanto, para os propósitos de nosso trabalho e controle da posição dos MDs *sabe?* e *entende?* nos turnos, nos apropriamos apenas das intervenções com valor referencial, que julgamos ser mais significativas por contribuírem com o desenvolvimento e organização discursiva. As intervenções de natureza mais breve serão tratadas neste trabalho pelo fator *feedbacks*, apresentado adiante.

Nas ocorrências a seguir, podemos visualizar a posição medial e final dos itens no turno conversacional:

(77) Ent: E teve algum filho, assim, da senhora que foi mais doente, que deu mais trabalho com doença? A senhora lembra?

Inf: Olha, [mais]-0 o mais doente mesmo foi um dos gêmeos, né? que eram dois e fracos, né? esses me deram trabalho bastante. Se não os outros vieram, embora bem tudo [(inint).]

Ent: [o que eles tinham, assim,] de doença?

Inf: Sim, eles eram fracos, acho, daí eles ficavam com desarranjo, assim, **sabe?** (est) Não era tudo que ele podia mamar, que ele podia comer, no caso, né? (est) Esse me deu trabalho, Deus o livre! (SC CHP 06)

(78) Inf: [...] Em quarenta e oito a gente veio pra Chapecó. Daí o pai comprou essa loja dum outro cidadão que morava aqui. Daí a mãe sempre trabalhou com ele, né? sempre ajudou ele, na loja, e meus irmãos também, e eu também. Começamos cedo [daí no]- em comércio, **sabe?**

Ent: E (hes) é uma tradição na família, sempre falar o dialeto italiano ou vocês nunca falavam, [<en->]- os seus pais, entre eles- a senhora não lembra? (SC CHP 16)

Podem ser verificadas duas estratégias de gestão de turno nas ocorrências acima. A primeira realização de *sabe?* corresponde à posição medial, favorecendo à sustentação da fala. A segunda realização corresponde à posição final, assinalando a passagem do turno e, conseqüentemente, a transição dos papéis discursivos entre os interlocutores.

Urbano (1999) observa que das 191 ocorrências dos marcadores BAD examinadas, apenas 26 deles localizam-se em finais de turno, em oposição a 165 itens em posição medial. Para o autor (p. 230), “isso sinaliza que o falante normalmente produziu os BAD de forma mecânica, automática e despreziosa, em posição desfavorável” para que o ouvinte produzisse mecanismos de aprovação. Urbano (1999) sugere que no interior do turno ocorre a abstração das nuances de busca

de aprovação dos ouvintes, ou seja, a entoação interrogativa é neutralizada a ponto de não ser correspondida.

Já as análises realizadas por Silva e Macedo (1996) e Valle (2001) são bastante pormenorizadas, no que diz respeito às posições desses marcadores. De acordo com Silva e Macedo (1996), *sabe?* e *entendeu?* são mais recorrentes entre orações e em posição final de enunciado. Além destas posições, as autoras controlaram outras três: meio de sintagma, entre sintagmas e fim de turno. Valle (2001), com base nos resultados obtidos pelas autoras citadas, a fim de detalhar ainda mais esta variável, redefiniu o quadro de posições conforme: final de turno, entre orações coordenadas, entre principal e subordinada, entre constituintes, intraconstituintes e indefinida. Diante disso, verifica que a maioria dos RADs concentram-se em posição inter-oracional (77%), preferencialmente, entre orações coordenadas justapostas, lugar típico para a ocorrência de conectores.

Assim, sustentamos como hipótese geral que os MDs *sabe?* e *entende?* tendem a preferir a posição medial nos turnos, visto que nesta posição os itens favorecem à sustentação das falas. Individualmente, esperamos que o item *sabe?* seja mais frequente na posição medial devido à sua menor massa fonética, e *entende?* mais recorrente em posição final, assinalando as passagens de turno.

Vejamos os resultados estatísticos obtidos para esta variável:

Posição no turno conversacional	Sabe?		Entende?		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Medial	109/129	85	20/129	15	129/135	96
Final	6/6	100	0/6	0	6/135	4
Total	115/135	85	20/135	15	135/135	100

Tabela 1: Posição de *sabe?* e *entende?* no turno conversacional na amostra VARSUL/Chapecó

De modo geral, os dados apontam que nossa hipótese geral se confirma integralmente para ambos os MDs, pois 96% das ocorrências (129) estão localizadas em posição medial no turno, ao passo que apenas 4% localizam-se em posição final (6). *Sabe?* totaliza 109 realizações (85%) em posição medial, corroborando com nossa hipótese para o item, sendo que para *entende?* foram totalizadas somente 20 realizações (15%) nesta posição. Das 6 ocorrências em posição final, todas são atinentes a *sabe?*, contrariando nossas expectativas iniciais para *entende?* nesta posição. Desse modo, o item *sabe?* varia entre as duas posições (medial e final) e *entende?* se fixa na posição medial.

A partir destes resultados, acreditamos que há forte tendência posicional assinalada para o meio do turno conversacional, o que pode justificar, inclusive, a atitude não responsiva dos interlocutores, conforme apontam os resultados de Urbano (1999) para esta variável.

6.2.3 *Feedbacks* junto aos itens

Os *feedbacks* são “partículas retroalimentadoras, como heteromonitoramentos, em que o ouvinte demonstra estar acompanhando e entendendo as colocações do falante” (URBANO, 2006, p. 506). Para delimitar os *feedbacks* a serem observados nesta pesquisa, utilizamos a classificação proposta por Urbano (1999, p. 228), a saber: *ah, ahn, ahn ahn, uhn, uhn uhn, certo, claro, exato, é, é claro, é verdade, sei, sim, pois é*¹⁰⁹. Para o controle deste fator, consideramos a presença ou a ausência de *feedbacks* produzidos, no máximo, até quatro palavras subsequentes aos marcadores *sabe?* e *entende?*¹¹⁰. No *corpus*, identificamos a presença das seguintes formas de *feedbacks*: *ah, ahn, ahn ahn, uhn, é, sim e sei*.

Vejamos algumas ocorrências:

(79) Ent: E os seus pais, de onde eles vieram?

Inf: É, eles vieram de Caxias do Sul, né? Município de São Marcos, meu pai sempre fala. Só que [os]- os avós, pais dele, que vieram da Itália, né? (est) (interrupção da gravação) É o pai sempre conta, (hes) né? que quando que ele casou, também, [com a]- com a mãe, lá em Caxias do Sul, diz que ele [tinha]- tinha que trabalhar longe, né? Porque era tudo diferente, né? [de]- de agora. (inint) quando que era bastante frio, ele saía às quatro horas da madrugada pra ir pro serviço, sabe? (est) Era longe [as]-0 as roças pra ir trabalhar. (SC CHP 01)

(80) Inf: [...] E [eu]- eu sinto que na minha família ainda isso tá bem enraizado, entende? (est) o italiano porque a gente dá muito valor. (SC CHP 19)

Vale notar, que para a identificação dos *feedbacks* nas entrevistas, realizamos as audições dos trechos em que coocorrem estes elementos junto aos itens, a fim de decodificá-los, pois, nas transcrições do VARSUL, os *feedbacks* foram codificados como (est), que equivale à palavra *estímulo*. Esclarecido este aspecto metodológico, identificamos nas ocorrências (79) e (80) a realização do *feedback* “*uhn*”.

¹⁰⁹ Este é o único conjunto de marcadores produzidos pelo ouvinte, os quais desacompanhados de qualquer sequência, não só retroalimenta a própria produção do falante, como o mantém no seu papel conversacional de falante, consequentemente mantendo-se como ouvinte (URBANO, 1999, p. 228).

¹¹⁰ Destacamos que em virtude do material analisado dispor apenas do áudio das entrevistas, foi possível observar apenas os *feedbacks* verbais. Consideramos que estímulos como olhares, meneios de cabeça, gestos corporais são formas não verbais de *feedbacks*, importantes para observação.

Sobre este assunto, Urbano (1999) constata que do total de 191 ocorrências de marcadores BAD, 87% deles, correspondente a 166 realizações, possuem ausência de *feedbacks* e apenas 13% dos casos, equivalente a 15 itens, estão acompanhados de *feedbacks*. Segundo o autor, estes resultados revelam que não há uma “busca de aprovação discursiva”, conforme o termo BAD significa. A baixa frequência de *feedbacks* implica dizer que o ouvinte abstrai as realizações dos BADs, não reconhecendo a condição de busca e asserção na maioria das ocorrências, ou se o faz, não manifesta através de *feedbacks* verbais (URBANO, 1999).

Consoante, Valle (2001) atesta que 71% dos RADs apresentam ausência de estímulos¹¹¹. Em pesos relativos os contextos com ausência de estímulos favorecem 0,55 para *sabe?* e 0,51 para *entende?*. A autora avalia que os resultados em pesos relativos para *entende?* se comportam de modo neutro. Neste sentido, em termos percentuais, os resultados atestam que *sabe?* é o mais cercado por estímulos (27%) e *entende?* é o menos rodeado por estímulos (21%)¹¹².

Por outro lado, Silva e Macedo (1996) obtiveram resultados opostos, com 24% de presença de estímulos após os RADs. Dessa forma, as autoras (1996, p. 25) concluem que os RADs “mantêm sua função interrogativa, já que os interlocutores respondem a eles e não os utilizam quando já está explícito o seu entendimento ou o acompanhamento do que vem sendo exposto no discurso”. Nesse sentido, os resultados indicam que os ouvintes sentem-se requeridos no discurso devido à função interrogativa dos itens.

Nossa hipótese para esta variável prevê que haverá pouca recorrência de *feedbacks* junto aos itens. A nosso ver, no atual estágio categorial destes elementos, não há uma expectativa de resposta para a maioria de suas realizações. Temos a suposição de que o contorno interrogativo de *sabe?* e *entende?*, que *a priori* sinalizaria a busca de *feedbacks*, não está isento de variação entonacional. Acreditamos que há um progressivo enfraquecimento da carga entonacional destes MDs, pois nota-se que suas realizações não requerem, obrigatoriamente, quaisquer manifestações do ouvinte, embora pressupõe o contorno interrogativo. Dos itens, esperamos que *sabe?* esteja mais

¹¹¹ A variável *feedbacks* apresentada neste trabalho é denominada por Valle (2001) e Silva e Macedo (1996) de *estímulo*. Valle (2001) considerou os estímulos realizados anteriores aos RADs e posteriores, até 2 palavras. Silva e Macedo (1996) consideraram os estímulos produzidos até 5 palavras anteriores e posteriores aos RADs.

¹¹² Lembramos que esta autora também analisou o item *não tem?* e obteve como peso relativo 0,63 para a presença de estímulos. A rodada estatística entre *entende?* e *não tem?* demonstra que este foi o segundo grupo de fatores selecionado como relevante, porém, indicando que o uso de *entende?* é privilegiado pela ausência de estímulos (0,55). Apesar de não ter sido selecionado na rodada de *entende?* x *sabe?*, os resultados em PR mostram um quadro inverso, sendo *entende?* preferido em contextos com presença de estímulos (0,58). Estas rodadas mais específicas indicam que, devido à grande diferença no comportamento de *entende?* em relação a *sabe?* e *não tem?*, a união destes dois itens em oposição a *entende?* pode ter interferido nos resultados (VALLE, 2001, p. 137).

acompanhado de *feedbacks*, devido ao seu uso estar mais rotinizado entre os falantes, ao passo que *entende?* será menos acompanhado de *feedbacks*.

Observemos os resultados obtidos:

<i>Feedbacks</i> junto aos itens	Sabe?		Entende?		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Ausência	84/99	85	15/99	15	99/135	73
Presença	31/36	86	5/36	14	36/135	27
Total	115/135	85	20/135	15	135/135	100

Tabela 2: *Feedbacks* junto aos itens na amostra VARSUL/Chapecó

De modo geral, a tabela indica a confirmação de nossa hipótese geral, visto que do quantitativo de 135 ocorrências de MDs, 99 se realizam sem *feedbacks* ao passo que apenas 36 estão acompanhados de algum tipo de *feedbacks*, de modo que, em nossa opinião, este último número representa um percentual relativamente baixo, equivalente a 27% para a presença de *feedbacks* em face de 73% para a ausência. Das 99 ocorrências que não possuem o acompanhamento de *feedbacks*, 84 são do MD *sabe?* (85%) e 15 do MD *entende?* (15%). Do total de itens que apresentaram *feedbacks*, 31 realizações correspondem ao item *sabe?* e 5 estão relacionadas a *entende?*, cujos resultados confirmam nossas expectativas para cada um destes MDs. Entre os dois itens, *sabe?* é mais sensível à presença de *feedbacks*¹¹³.

O decréscimo de *feedbacks* junto a *sabe?* e *entende?* possibilita-nos inferir acerca dos níveis da força ilocutória assinalada pelos itens, pois, conforme apontamos acima, acreditamos que existe um forte abrandamento no contorno entonacional desses MDs. A nosso ver, os resultados indicam um índice elevado para a ausência de *feedbacks*, o que pode nos auxiliar a justificar a hipótese quanto ao progressivo enfraquecimento da carga interrogativa desses MDs e a atitude não responsiva dos falantes¹¹⁴.

6.2.4 Outros MDs junto aos itens

¹¹³ Não podemos esquecer, que estamos trabalhando com dados provenientes do Projeto VARSUL, no qual a orientação ao grupo de entrevistadores era para deixar o informante discorrer sobre os temas abordados, sem muita interferência linguística, justamente para tentar minimizar a artificialidade da situação (COELHO et al., 2008). Dessa forma, apesar deste aspecto subjacente à metodologia de coleta das amostras, acreditamos ser plenamente viável nossas considerações acerca da variável *feedbacks*.

¹¹⁴ Notamos que estas constatações referem-se ao contorno interrogativo e as expectativas de resposta, e não à interatividade dos MDs. Também, julgamos necessário o estudo prosódico destes elementos, para avaliações mais concretas de sua força ilocutória.

A partir das observações dos dados, percebemos que coocorrem junto aos itens *sabe?* e *entende?* outros MDs. Para tanto, controlamos este fator em relação à ausência e presença de outros marcadores, localizados antes ou depois dos itens de referência, cuja forma mais frequente foi do marcador *assim* (observamos também a coocorrência de *né?*, *(eu) acho (que)*, *tipo* e *que nem*).

Vejam as ocorrências a seguir:

(81) Ent: [Vieram trabalhar] de quê?

Inf: Ele [começou a trabalhar]- primeiro trabalhava de carpinteiro, assim, **sabe?** (SC CHP 06)

(82) Ent: É, e muita gente não sabia mesmo falar o português, né?

Inf: Não, não, não, não, não. (est) E [(hes)] [<Princ->]- principalmente de origem alemã né? Porque o alemão tem mais dificuldade para falar a língua brasileira, né? O italiano tem [<ma->]-[<mais<dif->]-mais facilidade porque [sendo que<porq->]-a língua italiana e a portuguesa têm semelhanças, né? São línguas coirmãs, né? (est) Provêm do latim, né? Tanto faz o português [como]-como [o<fran->]-o italiano e o francês, provêm do latim, né? (est) (hes) Mas o alemão [j]- ,uma língua totalmente diferente, né? **entendeu?** tem uma outra raiz. (est) (SC CHP 22)

Na ocorrência (81) observamos a coocorrência do MD *assim* junto ao item *sabe?* e na ocorrência (82) do marcador *né?* junto ao item *entendeu?*.

Valle (2001) observou 54 ocorrências de outros MDs associados às formas de referência, sendo que *assim* é o marcador mais produtivo, conforme apontam nossas observações. O item *assim* esteve presente em 46 casos do total da amostra e em 31 deles junto ao item *sabe?* e apenas 2 casos com o item *entende?* (13 formas estavam associadas a *não tem?*). No entanto, Valle (2001) não aprofunda a análise, embora acredita que a coocorrência de marcadores como *assim* e *né?* possam interferir nas funções dos RADs.

Nossa hipótese geral é a de que *sabe?* e *entende?* apresentam uma baixa frequência de formas coocorrentes. Em termos específicos, postulamos que *sabe?* tende a ser o item mais sensível à coocorrência de outros MDs, contrário a *entende?* que tende a ser menos sensível.

Vejam os resultados obtidos na rodada estatística:

Outros MDs junto aos itens	Sabe?		Entende?		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Ausência	99/118	84	19/118	16	118/135	87
Presença	16/17	94	1/17	6	17/135	13
Total	115/135	85	20/135	15	135/135	100

Tabela 3: Outros MDs junto aos itens na amostra VARSUL/Chapecó

De modo geral, o índice percentual para a ausência de MDs coocorrentes é alto com 87% das ocorrências (118), o que ratifica nossa hipótese geral para esta variável, pois foram localizadas apenas 13% das ocorrências (17) acompanhadas de outros MDs. Deste total, 16 ocorrências foram junto a *sabe?* (94%) e apenas 1 junto ao MD *entende?* (6%), cujos resultados se alinham às nossas expectativas para cada um dos itens. Em relação à ausência de MDs coocorrentes, *sabe?* compreende 99 realizações e *entende?* 19. De modo específico, *sabe?* é mais sensível à coocorrência de outros marcadores, enquanto *entende?* é sensível às ausências.

Em nossa pesquisa, não quantificamos a frequência particular dos MDs coocorrentes, porém acreditamos ser válida uma investigação mais precisa sobre o assunto, a fim de identificar os contextos de uso e aspectos comportamentais subjacentes a estas situações. Para este trabalho, não foi possível averiguar com maior rigor estas características.

6.2.5 Conectores junto aos itens

Observamos que os marcadores *sabe?* e *entende?* aparecem com relativa frequência junto a diferentes conectores, principalmente, *mas* e *então*. Para melhor identificar esta variável, focalizamos a ausência ou a presença de conectores junto aos itens, localizados antes e depois dos MDs *sabe?* e *entende?*.

Observam-se algumas ocorrências encontradas no *corpus*:

(83) Ent: Naquela época [devia ser difícil]

Inf: [Bá! aí eu] levei um susto. Levei um susto bem grande. (est) Mas, graças a Deus, foi bem, foi tudo bem. (est) Eu já tenho uma irmã também que tem gêmeos, **sabe?** (est) Mas, nem com isso [eu não]- me passou pela cabeça que eu podia ter gêmeos. (SC CHP 16)

(84) Inf: Então tanto assim em termos de trabalho, tu não tens assim um, né? [Um]- uma oportunidade. Ou você faz o que te oferecem pra trabalhar, aquela coisa assim, você não tem, né? [uma]- uma, digamos assim, [<co->]- como escolher, e o que tem pra te oferecer, **entende?** Então acredito assim que, de repente, num centro maior eu vou ter mais oportunidade, talvez não, mas acho que, né? (SC CHP 19)

Percebe-se que em (83) temos a presença do conector *mas* e em (84) coocorre junto ao MD *entende?* o conector *então*.

Valle (2001) também analisou esta variável e verificou a presença de 5 dados acompanhados de conectores, em posição anterior aos RADs, associados exclusivamente a *sabe?*. Em posição posterior, verificou a seguinte gradação: *entende?* (33/88=37%) e *sabe?* (52/145=36%)¹¹⁵.

Temos como hipótese para este fator que os MDs *sabe?* e *entende?* apresentarão um número considerável de conectores junto às suas formas, tendo em vista que a maioria de suas ocorrências estão localizadas na posição medial no turno, ambiente comum à ocorrência de conectivos. Individualmente, cremos que *sabe?* será mais sensível à presença dos conectores, e *entende?* menos sensível. Estas suposições levam em conta os resultados obtidos individualmente para cada item no controle da posição destes no turno conversacional, sendo que *sabe?* possui 85% dos usos em posição medial, enquanto *entende?* possui apenas 15% dos usos.

Vejamos os resultados obtidos:

Conectores junto aos itens	Sabe?		Entende?		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Ausência	76/93	82	17/93	18	93/135	69
Presença	39/42	93	3/42	7	42/135	31
Total	115/135	85	20/135	15	135/135	100

Tabela 4: Conectores junto aos itens na amostra VARSUL/Chapecó

De modo geral, os resultados revelam o percentual de 31% de presença de conectores junto a *sabe?* e *entende?*. Portanto, do total de 42 conectores encontrados juntos aos MDs na amostra, 39 situam-se junto ao item *sabe?* (93%) e 3 junto ao item *entende?* (7%). Em 93 ocorrências de ausência, 76 referem-se ao item *sabe?* (82%) e 17 ao item *entende?* (18%). Os valores para a presença de conectores mostraram-se bastante polarizados entre os MDs em foco, de modo que *sabe?* é a forma mais sensível à coocorrência dos conectores, confirmando nossa hipótese inicial para este marcador. Conforme esperávamos, *entende?* é mais sensível à ausência destes elementos.

Em face dos resultados, avaliamos que não há uma fronteira nítida nos papéis desempenhados pelos MDs. O fato de *sabe?* e *entende?* comporem o grupo de MDs denominado por Urbano (2006) de basicamente interacionais, não exclui o papel articulador destes itens na condição de sequenciadores, nos termos de Risso (2006), conforme demonstrou o controle desta variável, na qual 31% dos itens coocorrem junto a conectores. Risso (2006) considera os marcadores sequenciadores (*agora, então, depois, aí, mas,* entre outros) como unidades

¹¹⁵ Estes dados foram considerados em relação à posição inter-oracional, referente ao total de ocorrências de cada RAD. Mais informações vide Valle (2001, p. 126).

articuladoras do texto. Contudo, não estamos afirmando que *sabe?* e *entende?* são MDs sequenciadores, mas sim, que suas propriedades coesivas são realçadas quando estão em posição coocorrente a dos conectores.

Desse modo, observamos que há um caráter bidirecional no comportamento de *sabe?* e *entende?*, que simultaneamente estabelecem o contato com o interlocutor, realçando suas propriedades interpessoais/interacionais, e também, atuando textualmente no encadeamento discursivo. O estudo desta variável reforça nossa proposta quanto ao *continuum* contextual de *sabe?* e *entende?*.

6.2.6 Contextos de atuação discursiva

A descrição dos cinco contextos de atuação discursiva de *sabe?* e *entende?* constam no Capítulo 5 desta dissertação. Restringimo-nos, aqui, à apresentação dos resultados da análise quantitativa para os dados do VARSUL/Chapecó, reservando aos comentários as observações da amostra VMPOSC. Conforme já mencionado, este foi o segundo grupo de fatores selecionado em ordem de significância.

O trabalho de Valle (2001), cuja síntese funcional apresentamos no Capítulo 1, indica que as funções selecionadas como relevantes aos RADs são: função de focalização na avaliação do falante (0,77) para *sabe?*; função de focalização na opinião do falante (0,64) e na situação passada (0,56) para *entende?*. As demais funções foram selecionadas para o item *não tem?*. Quanto à distribuição dos RADs entre as relações que assinalam, os percentuais mais significativos foram para as relações de sequenciação, especificação e conclusão ($374/521=72\%$)¹¹⁶.

Para a formulação de nossas hipóteses para o quadro contextual dos MDs, tomamos como referência o domínio funcional da *manutenção do contato discursivo* postulado a *sabe?* e *entende?*, bem como o *continuum* de atuação sugerido aos itens. Dessa forma, esperamos que estes MDs sejam mais frequentes em contextos de especificação, visto que nesta condição preservam aspectos textuais bastante salientes. Esperamos que *sabe?* seja mais frequente entre os contextos voltados à atuação textual e *entende?* seja mais recorrente entre os contextos voltados à interação.

Vejamos os resultados em termos de percentual e de PR na tabela a seguir:

¹¹⁶ Para maiores detalhes da análise sugerimos consultar Valle (2001, p. 112-116, 127-129).

Contextos de atuação discursiva	Sabe?		
	Ap/T	%	PR
Contraste	15/16	94	0,74
Especificação	52/59	88	0,54
Causal/conclusivo	36/41	88	0,44
Opinião	6/13	46	0,18
Reformulação	6/6	100	0
Total	115/135	85	
	Input: .092 Sig.: .045 2°. Selecionado		

Tabela 5: Contextos de atuação discursiva na amostra VARSUL/Chapecó

De modo geral, os valores em pesos relativos nos mostram que o uso de *sabe?* é mais sensível aos contextos de contraste (0,74), que desfavorece *entende?* (0,16), e bastante desfavorecido em relação aos contextos de opinião (0,18), que favorece o uso de *entende?*. O contexto de reformulação se mostrou categórico para o uso de *sabe?*, enquanto que os contextos causal/conclusivo (0,44) e de especificação (0,54) revelaram-se como os de maior ocorrência de variação entre *sabe?* e *entende?*. No que tange à polaridade do peso relativo inerente ao contexto de opinião, acreditamos que este é um aspecto que pode ser examinado em relação ao tipo de sequência discursiva (veremos este cruzamento na próxima subseção). As sequências discursivas dissertativas privilegiam situações expositivas e a avaliação dos falantes (ROST SNICHELOTTO, 2014), sendo que o baixo PR do contexto de opinião pode estar relacionado à frequência das sequências dissertativas na amostra.

Vejamos o que nos mostram os resultados percentuais e de frequência.

De modo geral, os totais percentuais e de frequência indicam que o contexto de reformulação é categórico para os usos de *sabe?*. Na sequência, o contexto de contraste possui 94% dos usos para este item, seguido do contexto de especificação e causal/conclusivo com 88% das ocorrências para *sabe?*. O contexto de opinião é representativo de 46% das realizações de *sabe?*. Comparando os dois itens, a leitura horizontal da tabela revela que no contexto de contraste, do total de 16 ocorrências, 15 são para o item *sabe?* e apenas 1 para *entende?*. No contexto de especificação está concentrado o maior número de ocorrências dos MDs, visto que *sabe?* corresponde a 52 realizações e *entende?* a 7. Estes dados confirmam nossa hipótese geral para *sabe?* e *entende?* no que diz respeito aos contextos de especificação. A seguir, no contexto causal/conclusivo encontramos 41 ocorrências, sendo 36 para o item *sabe?* e 5 para o item *entende?*. Para o contexto de opinião foram registradas 13 ocorrências, sendo 6 para o MD *sabe?* e 7 para o *entende?*.

Entre os itens, a leitura vertical da tabela possibilita-nos verificar a seguinte distribuição: além do uso categórico no contexto de reformulação, *sabe?* apresenta-se mais favorável entre os contextos de contraste > especificação > causal/conclusivo; e *entende?* é mais sensível ao contexto de opinião e inibido pelos contextos de reformulação. Dessa maneira, nossa hipótese individual para *sabe?* se confirma parcialmente, uma vez que a reformulação está situada no *continuum* anteriormente apresentado como um contexto de caráter mais interacional, contudo os contextos voltados ao texto revelaram-se integralmente mais frequentes para *sabe?*, conforme esperávamos. *Entende?* é mais sensível ao contexto de opinião, o que confirma parcialmente nossa hipótese. O contexto de opinião está situado no *continuum* destes MDs como de caráter mais interacional, junto à reformulação que inibe a realização do item *entende?*.

No que refere à amostra VMPOSC, embora o número reduzido de MDs encontrados nesta fase do Projeto, decidimos observar quais contextos de atuação discursiva estão envolvidos, atualmente, no uso de *sabe?* e *entende?*, pelos chapecoenses. Tomamos como referência o quadro de contextos de atuação discursiva apresentado no Capítulo 5 e também atentamos para a possibilidade de identificar novos tipos contextuais, principalmente, pelo fato de estarmos trabalhando com um perfil distinto de informantes, incluindo ocorrências de crianças e adultos, estes últimos com escolaridade superior. No entanto, verificamos que os resultados da análise convergem para três tipos contextuais inicialmente previstos para *sabe?* e *entende?*, a saber: *contexto de opinião, de especificação e de contraste*. Observam-se os usos na tabela:

Contextos de atuação discursiva	Sabe?	Entende?	Total	
	Ap/T	Ap/T	Ap/T	%
Opinião	4/5	1/5	5/5	45
Especificação	5/5	0	5/5	45
Contraste	1/1	0	1/1	10
Total	10/11	1/11	11/11	100

Tabela 6: Contextos de atuação discursiva de *sabe?* e *entende?* na amostra VMPOSC

Assim sendo, por ora, observa-se que o quadro contextual parece ser bastante semelhante ao da amostra VARSUL.

6.2.7 Sequência discursiva

Primeiramente, caracterizamos os diferentes tipos de sequências discursivas observadas na pesquisa com base na proposta de identificação de sequências discursivas de Rost Snichelotto (2014), as quais podem ser do tipo narrativa, descritiva e dissertativa.

Rost Snichelotto (2014) considera a correlação entre MDs de base verbal, tal qual é o nosso caso, em vista dos tipos de sequências discursivas proeminentes nas entrevistas sociolinguísticas do Banco de Dados VARSUL¹¹⁷. De acordo com a autora (2014, p. 228, cf. FREITAG et al., 2009; GÖRSKI E VALLE, 2014; FREITAG, 2014), o tipo de sequência discursiva pode ser desencadeado pela pergunta do entrevistador. É possível ordená-las em um *continuum* de formalidade em que as sequências do tipo dissertativa estão mais associadas ao estilo com maior grau de formalidade e as de caráter narrativo e descritivo estão associadas a um estilo menos formal dos falantes.

Desse modo, consideramos em nossa análise, as sequências conforme apresentadas a seguir:

i) sequência discursiva narrativa:

[...] se constitui por relatos (predominantemente) de fatos ou fenômenos organizados em episódios. Remetem a acontecimentos ocorridos no passado, que podem se prolongar por um determinado tempo em que aparecem ambientes e pessoas. Nesse tipo de sequência, o falante/informante se coloca na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo. (ROST SNICHELOTTO, 2014, P. 231)

A autora salienta que neste tipo de sequência a condição do ouvinte/entrevistador é aparentemente passiva, pois estes interlocutores manifestam reações que o falante não pode deixar de considerar. Além disso, a referência temporal é o da sucessão de fatos. Outro aspecto importante, segundo a autora (2014, p. 232-233), é que perguntas como “*que histórias vocês ouvem da família? quando você era criança, você lembra de algum fato marcante? conte algum fato muito marcante na sua vida, como foi sua infância?*” são comumente desencadeadoras deste tipo de sequência.

ii) sequência discursiva descritiva:

[...] se constitui “[...] por trazer a localização do objeto de descrição (não obrigatoriamente), características (cores, formas, dimensões, texturas, modos de ser etc.) e/ou componentes ou partes do objeto descrito” (TRAVAGLIA, 2007, p. 43). Nesse tipo de sequência, o falante/informante se coloca na perspectiva de quem conhece o ser/objeto/espaco descrito.

¹¹⁷ Segundo Knies e Costa (1996 apud ROST SNICHELOTTO, 2014) o entrevistador era orientado a estimular o entrevistado a produzir basicamente sequências narrativas e descritivas, permeadas de trechos dissertativos, sobre assuntos diversos (história familiar e pessoal, rede de integração, rede de difusão, entre outros).

Visa-se, ao caracterizar, materializar concretamente, de modo positivo ou negativo, o objeto do dizer. (ROST SNICHELOTTO, 2014, P. 234)

De acordo com a autora (2014, p. 234), no tipo de sequência descritiva o tempo referencial é o da simultaneidade das situações, sendo o ouvinte co-participativo na interação. Perguntas a exemplo de *“como é, como tu/você/ele era, como se faz/prepara tal coisa”* desencadeiam o tipo descritivo.

iii) sequência discursiva dissertativa:

[...] se constitui por entidades, as proposições sobre elas e as relações entre essas proposições, sobretudo as de condicionalidade, causa/consequência, de oposição (ou contração), de adição (ou conjunção), de disjunção, de ampliação, de comprovação etc. Nesse tipo de sequência, objetiva-se “[...]o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber associando-se à análise e à síntese de representações” (TRAVAGLIA, 2007, p. 60). Assim, nos contextos recobertos por sequências dissertativas, o falante/informante expõe determinado assunto político-social, religioso etc., explicita uma tese e apresenta argumentação favorável ou contrária, com a intenção de atuar sobre o outro (o ouvinte/entrevistador) e obter dele certa posição, aceitando ou rejeitando o que é transmitido etc. (ROST SNICHELOTTO, 2014, P. 234-235)

Nas sequências dissertativas a referência temporal é presente. Rost Snichelotto (2014, p. 236) verifica que perguntas como *“o que tu/você/o(a) senhor(a) acha? o que pensa dessa situação? qual a sua/tua opinião?”* desencadeiam sequências dissertativas.

Estudos como o das autoras Silva e Macedo (1996) verificam que os RADs são mais frequentes em gêneros argumentativos. Explicam que a argumentação consiste em trechos “em que o informante fundamenta suas opiniões ou defende seus pontos de vista” (op. cit., p. 15). Contudo, defendem que os marcadores em geral, não se restringem apenas a um gênero discursivo, mas tendem a ser mais frequentes em determinados tipos. No caso da entrevista, esta pode ser considerada um grande gênero, com trechos distintos de argumentação, diálogos, descrições de vida, receitas (SILVA e MACEDO, 1996, p. 14).

Martelotta (2004) constata que os marcadores *sabe?* e *entendeu?* ocorrem com maior frequência em sequências de relato de opinião. Segundo ele, isso reforça a hipótese de que tais marcadores interrogativos tendem a ser prototípicos em tipos discursivos que o levam a expressar, de modo improvisado, opiniões pessoais. Nestas situações, os marcadores servem de apoio no processamento das falas, indicando reformulação, topicalização, além de preenchimento de pausas.

Por outro lado, os resultados obtidos por Valle (2001), de maneira geral, demonstram uma frequência significativa dos RADs em sequências factuais (155/521=30%), narrativas

(105/521=20%) e de descrição de vida (97/521=19%). Segundo a autora, isso se deve ao fato de que na coleta das entrevistas do Projeto VARSUL, os entrevistadores são orientados a fazer perguntas que conduzam o informante a produzir sequências variadas. Porém, entre os informantes de maior idade as “sequências narrativas e de descrição de vida costumam ser as mais recorrentes, ocupando na maioria das vezes mais da metade da entrevista” (VALLE, 2001, p. 119). Em termos específicos, *sabe?* é mais sensível às sequências descritivas (peso relativo 0,65) e *entende?* às sequências argumentativas (peso relativo 0,64).

A partir das considerações trazidas, apresentamos nossas hipóteses para esta variável. De modo geral, acreditamos que os contextos de uso de *sabe?* e *entende?* correlacionam-se em maior grau com as sequências discursivas do tipo narrativo. Acreditamos que isto se deve à metodologia adotada na coleta das entrevistas do Banco de Dados VARSUL, pois “buscou-se obter narrativas sobre assuntos que fossem, ao mesmo tempo, de interesse do entrevistado e que pudessem ter pontos em comum com os relatos de outros informantes, como histórias que os pais contavam, um momento de raiva/alegria, etc” (COLLISCHONN e MONARETTO, 2012, p. 842). Individualmente, avaliamos que *entende?* será mais sensível às sequências dissertativas e *sabe?* às sequências narrativas e descritivas.

Cabe notar que, para a verificação das sequências discursivas não foi possível classificar as diferentes tipologias somente a partir da pergunta do entrevistador (conforme apontado anteriormente), mas sim, frequentemente, fez-se necessário examinar a ocorrência no âmbito do enunciado. Diante disso, para o diagnóstico desta variável, delimitamos como unidade de referência, em primeira instância, os enunciados em que ocorrem os itens, ampliando nosso olhar, quando necessário.

Apresentamos algumas sequências discursivas:

i) sequência discursiva narrativa:

(85) Ent: (hes) E aí, (hes) [como é que]- o senhor lembra de alguma festa italiana- Festas?
 Inf: [...] Entao, [os]- os membros [da]- da comunidade [que]- que faziam parte da diretoria: presidentes, secretários, [<sa->]- **sabe?** esse pessoal, né? (est) eles iam cedo lá [pra]- pra capela, né? [Pra]- pra capela, a igreja. (SC CHP 22)

(86) Inf: [...] Aí, ele se enfureceu, né? (est) se enfureceu e, no outro [<di->]- dia, de manhã cedo, chegou lá, [entrou]- entrou [no]- no posto, depois [de]- que o posto estava aberto, que estava [e]- funcionando e (hes) sem (hes) dizer nada, sem fazer comentários, né? sem dizer nada, ele puxou do revólver e matou, **entende?** Matou ele. (SC CHP 22)

ii) sequência discursiva descritiva:

(87) Ent: Era bastante cansativo, né? Dona [Maria?]

Inf: [É] Era cansativo sim. [(inint).] [E sempre] trabalhei fora, sempre, sempre. Teve um tempo aí que eu lavava as toalhas [do]- dum hotel assim, **sabe?** Eram oitenta, noventa toalhas, três vezes por semana, que eu lavava. (SC CHP 06)

(88) O meu pai já não. Meu [<p->]- quer dizer, meu pai contava histórias assim, mas ele é tipo de pessoa assim bem, ele é mais fechado, **entende?** (SC CHP 19)

ii) sequência discursiva dissertativa:

(89) Ent: É, talvez foi isso, que hoje as pessoas não se toleram muito, né? porque é muito fácil se separar da outra pessoa, né?

Inf: Exatamente, por isso eu acho, **sabe?** Então, eu acho que o casamento perdeu muito o sentido dele, (est) né? (SC CHP 16)

(90) Inf: [...] Eu não sei se vai levar a alguma coisa essa greve, essa paralisação, **entende?** (SC CHP 19)

Vejamos os resultados em termos de frequência e percentual:

Sequência discursiva	Sabe?		Entende?		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Descritiva	48/58	83	10/58	17	58/135	43
Narrativa	52/54	96	2/54	4	54/135	40
Dissertativa	15/23	65	8/23	35	23/135	17
Total	115/135	85	20/135	15	135/135	100

Tabela 7: Sequências discursivas de *sabe?* e *entende?* na amostra VARSUL

De modo geral, os resultados obtidos na rodada estatística apontam que nossa hipótese geral não se confirma, considerando que 43% dos marcadores foram produzidos em sequências do tipo descritivo. Do total de 58 ocorrências, 48 são representativas de *sabe?* (83%) e 10 de *entende?* (17%). Em segundo lugar, com percentuais próximos, temos as sequências narrativas representando 40% da amostra. Individualizando este resultado, obtivemos 52 realizações de *sabe?* (96%) e 2 para *entende?* (4%). As sequências dissertativas foram identificadas em 17% das ocorrências do *corpus*, visto que 15 realizações são relativas ao marcador *sabe?* (65%) e 8 ao marcador *entende?* (35%). De modo específico, *sabe?* é mais sensível às sequências narrativas e descritivas, conforme supúnhamos inicialmente. No entanto, é necessário relativizar estes resultados, visto que este

marcador é o mais recorrente na amostra. *Entende?* possui maior distribuição entre as sequências descritivas, com um total de 10 ocorrências, o que contraria nossas expectativas para este item.

Conforme exposto anteriormente, as sequências dissertativas estão, supostamente, atreladas aos níveis mais elevados de formalidade e as sequências narrativas e descritivas estão vinculadas aos níveis de menos formalidade. Em face disso, tomando os resultados percentuais de modo isolado para cada um dos itens, sugerimos o seguinte *continuum* de formalidade dos estilos contextuais:

<i>narrativas > descritivas > dissertativas</i>	<i>narrativas > dissertativas > descritivas</i>
<i>sabe?</i>	<i>entende?</i>

Desse modo, verificam-se indícios de que o grau de formalidade das sequências discursivas pode estar influenciando o uso dos MDs. A distribuição de *sabe?* no *continuum*, permite-nos aferir que este item possui, primariamente, um estilo menos formal em sequências narrativas e descritivas, e secundariamente, denota estilos mais formais em sequências dissertativas. *Entende?* mostra-se instável no *continuum*, visto que parte do estilo menos formal para o estilo mais formal, voltando-se novamente aos estilos de menos formalidade.

A fim de verificar outras nuances comportamentais dos MDs, realizamos um cruzamento entre as diferentes sequências discursivas e os contextos de atuação discursiva. Especificamente, neste cruzamento, objetivamos verificar nossa hipótese quanto à distribuição do contexto de opinião em sequências dissertativas para *sabe?* e *entende?*, visto que os itens concorrem neste contexto e estas sequências são caracterizadas pelas exposições e avaliações dos falantes. Além disso, esperamos que *entende?* seja o marcador, cujos contextos tenham a distribuição mais equilibrada entre as sequências discursivas, devido ao comportamento verificado no *continuum* acima. Tendo em vista que *sabe?* concentra-se em sequências narrativas, acreditamos que a distribuição de seus contextos de atuação discursiva se dê em maior grau nestas sequências. Observemos a seguir:

Contextos de atuação discursiva	Sequências discursivas							
	Narrativa		Descritiva		Dissertativa		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Reformulação	1/1	100	5/5	100	0	0	6/6	100
Contraste	8/8	100	4/5	80	3/3	100	15/16	94
Especificação	20/20	100	29/36	81	3/3	100	52/59	88
Causal/conclusivo	23/25	92	10/11	91	3/5	60	36/41	88
Opinião	0	0	0/1	0	6/12	50	6/13	46
Total	52/54	96	48/58	83	15/23	65	115/135	85

Tabela 8: Contextos de atuação discursiva e sequências discursivas na amostra VARSUL/Chapeçó

De modo geral, a leitura vertical da tabela nos mostra que os contextos de reformulação, contraste, especificação e causal/conclusivo do MD *sabe?* se concentram nas sequências narrativas em 96% das ocorrências (52/54). A seguir, as sequências discursivas preferenciais dos contextos de reformulação, contraste, especificação e causal/conclusivo de *sabe?* estão relacionadas às sequências descritivas com 83% das realizações (48/58). Por último, aparecem as sequências dissertativas com 65% dos contextos de atuação discursiva de *sabe?* (exceto para o contexto de reformulação).

De modo específico, temos para o MD *sabe?* usos categóricos do contexto de reformulação, contraste e especificação nas sequências narrativas; uso categórico do contexto de reformulação nas sequências descritivas; sendo que o total dos contextos de contraste e especificação se concentram nas sequências dissertativas. Ademais, o contexto causal/conclusivo é o que melhor está distribuído entre as sequências, pois, privilegia 23 realizações em sequências narrativas, 10 em sequências descritivas e 3 em contextos dissertativos. Os contextos de contraste com 4 realizações e de especificação com 29 são privilegiadas pelas sequências descritivas. O contexto de opinião do marcador *sabe?* é sensível apenas às sequências dissertativas. Por outro lado, os contextos de *entende?* (exceto o de reformulação) estão melhor distribuídos nas sequências descritivas (17%). Apenas o contexto causal/conclusivo deste item é sensível às sequências narrativas. Já as sequências dissertativas são sensíveis aos contextos causal/conclusivo (2 ocorrências) e de opinião (7 ocorrências).

Em face destes resultados conclui-se que, conforme esperado, nossa hipótese geral para *sabe?* e *entende?*, quanto à frequência do contexto de opinião em sequências dissertativas, se confirma. Também, supúnhamos que os contextos de atuação discursiva de *sabe?* estariam melhor distribuídos nas sequências narrativas, o que não se confirma, pois a tabela indica que as sequências descritivas são mais adeptas à sua distribuição. Por fim, imaginávamos que os contextos de atuação

discursiva de *entende?* estariam distribuídos de forma equilibrada entre as sequências, o que não ratifica nossa hipótese, visto que seus contextos de atuação são beneficiados pelas sequências descritivas.

6.2.8 Aplicando o Princípio da Marcação

Com base nos fatores linguísticos percorridos até aqui e nos pressupostos inerentes ao Princípio da Marcação (expostos no Capítulo 2), apresentamos a correlação deste princípio aos MDs *sabe?* e *entende?*, a exemplo de outros trabalhos realizados com fenômenos discursivos, tais como Valle (2001), Rost (2002) e Rost Snichelotto (2009). O princípio meta-icônico da marcação prevê que categorias cognitivamente mais marcadas, também são estruturalmente mais marcadas.

Conforme aludido anteriormente, retomamos os três critérios básicos utilizados para a distinção entre as categorias marcadas e não-marcadas, quais sejam: a) complexidade estrutural; b) distribuição de frequência; c) complexidade cognitiva (GIVÓN, 1995).

Os resultados da análise quantitativa e qualitativa de *sabe?* e *entende?* possibilitam a seguinte correlação: o item *sabe?* devido à sua maior distribuição de frequência na amostra (85%) ocupa uma posição menos marcada em relação a *entende?* (15%). Em termos de complexidade cognitiva e estrutural acreditamos não ter encontrado distinções suficientes para categorizá-los. Atentamos para alguns aspectos convergentes: no percurso de mudança semântica *sabe?* e *entende?* apresentam sentidos ligados às ações que envolvem o processamento mental, tais como *conhecer* e *compreender*; também, possuem indícios de que a mudança categorial para o estatuto de MD origina-se em perguntas plenas, que perdem o sentido referencial e passam a assumir funções voltadas para o ato comunicativo; além disso, ambos os itens não apresentam variação morfológica na amostra, concentrando-se na forma *sabe?* e *entende?*¹¹⁸; a ausência de acompanhamento pronominal junto aos itens também indica um comportamento similar entre eles¹¹⁹. Dessa forma, neste trabalho, é possível aplicar apenas o critério de distribuição de frequência. Vejamos a síntese desta proposta:

¹¹⁸ Embora registramos uma forma variante para *entende?* (*entendeu?*) julgamos que uma ocorrência é insuficiente para definir os critérios de marcação do item.

¹¹⁹ Conforme citado na nota anterior, registramos uma única ocorrência com acompanhamento pronominal (*tu sabe?*), dado que julgamos insuficiente para definir os critérios de marcação do item.

<i>Sabe?</i>	<i>Entende?</i>
Distribuição de frequência (+)	Distribuição de frequência (-)

Quadro 10: *Sabe?* e *entende?* e o Princípio da Marcação

É importante notar que nossas considerações destoam parcialmente dos resultados obtidos por Valle (2001)¹²⁰. No caso da amostra examinada pela autora, *sabe?* possui maior frequência e menor complexidade estrutural em relação a *entende?*. No que refere à complexidade estrutural, *entende?* é mais marcado por abarcar formas como *tá entendendo?* e *entendesse?*. Desse modo, evidenciam-se diferenças no uso desses MDs entre as comunidades de Chapecó e Florianópolis (ambas em Santa Catarina).

6.3 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Apresentamos nesta subseção os fatores sociais delimitados para análise de *sabe?* e *entende?*: *idade*, *escolaridade*, *sexo/gênero*, além de observarmos o comportamento do grupo de informantes. Destacamos que dentre os fatores sociais, a variável *idade* foi selecionada como relevante, em primeiro lugar na ordem de significância.

Cabe destacar que Silva e Macedo (1996) e Valle (2001) não obtiveram resultados significativos para as variáveis sociais, o que segundo as autoras sugere que os padrões sociais são pouco influentes no uso dos itens, estando mais relacionado a atitudes individuais dos falantes. Por outro lado, exemplificamos o trabalho de Rost (2002) que identificou forte influência das variáveis sociais no uso dos marcadores *olha* e *veja*. Desse modo, temos como objetivo verificar quais fatores extralinguísticos podem estar condicionando os usos dos MDs *sabe?* e *entende?* nas amostras de fala de informantes chapecoenses.

6.3.1 Informante

Do Banco de Dados VARSUL foram analisadas 24 amostras de fala de informantes chapecoenses, divididos proporcionalmente por sexo/gênero, faixa etária A e B, nos diferentes níveis de escolaridade (o quadro demonstrativo das células sociais coletadas está disponível no Capítulo 4).

¹²⁰ Valle (2001) exclui o critério “complexidade cognitiva” das análises.

Destacamos que a observação desta variável permite-nos identificar se a variação de *sabe?* e *entende?* está relacionada a atitudes pessoais dos indivíduos ou se é um comportamento representativo da comunidade de fala. Em face das discussões empreendidas até aqui, temos como hipótese que os usos destes marcadores encontram-se incorporados na comunidade de fala.

Vale lembrar, que para estas observações, incluímos a informante de nº. 9. Visualizamos na tabela abaixo, a distribuição dos dados por informante¹²¹:

Informante	Sabe?		Entende?		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
CHP 01 (FAP)	8/8	100	-	-	8/259	3
CHP 02 (MAP)	-	-	-	-	-	-
CHP 03 (MAP)	1/1	100	-	-	1/259	0,4
CHP 04 (FAP)	4/4	100	-	-	4/259	1,5
CHP 05 (MBP)	-	-	-	-	-	-
CHP 06 (FBP)	21/21	100	-	-	21/259	8,1
CHP 07 (FBP)	-	-	-	-	-	-
CHP 08 (MBP)	1/1	100	-	-	1/259	0,4
CHP 09 (FAG)	25/124	20	99/124	80	124/259	47,9
CHP 10 (MAG)	-	-	-	-	-	-
CHP 11 (MAG)	-	-	-	-	-	-
CHP 12 (FAG)	2/2	100	-	-	2/259	0,8
CHP 13 (FBG)	18/18	100	-	-	18/259	6,9
CHP 14 (MBG)	-	-	-	-	-	-
CHP 15 (MBG)	-	-	-	-	-	-
CHP 16 (FBG)	30/30	100	-	-	30/259	11,6
CHP 17 (FAC)	-	-	-	-	-	-
CHP 18 (MAC)	6/6	100	-	-	6/259	2,3
CHP 19 (FAC)	14/32	44	18/32	56	32/259	12,4
CHP 20 (MAC)	2/2	100	-	-	2/259	0,8
CHP 21 (FBC)	-	-	-	-	-	-
CHP 22 (MBC)	5/7	71	2/7	29	7/259	2,7
CHP 23 (FBC)	3/3	100	-	-	3/259	1,2
CHP 24 (MBC)	-	-	-	-	-	-
Total	140/259	54	119/259	46	259/259	100

Tabela 9: Distribuição de *sabe?* e *entende?* por informante na amostra VARSUL/Chapecó

¹²¹ Para melhor visualização da tabela 9 e 10 inserimos traços para as ausências dos itens e seus percentuais. Na tabela 9, as siglas que acompanham o número do informante indicam: F (sexo/gênero feminino); M (sexo/gênero masculino); A (faixa etária de 25 a 49 anos); B (faixa etária de 50 anos ou mais); P (Nível Fundamental I); G (Nível Fundamental II); C (Nível Médio).

O exame da amostra revela que do total de 24 informantes, 3 foram produtivos na variação dos MDs *sabe?* e *entende?*,¹⁰ não produziram nenhuma das formas, sendo que 11 deles foram produtivos apenas do marcador *sabe?*. Dos informantes que apresentaram variação entre os dois itens temos os seguintes perfis: duas mulheres da faixa etária A, com ensino fundamental II e de nível médio; um homem, com 50 anos ou mais, com escolaridade de nível médio. Estas duas informantes fizeram maior uso do MD *entende?*. De modo geral, nossos resultados podem ser, parcialmente, relacionados ao pressuposto de Valle (2001), que atesta que os informantes geralmente são fiéis a uma das formas e a escolha por uma, praticamente, faz cessar o uso das outras, uma vez que os resultados apontam que 11 informantes foram fiéis à forma *sabe?*.

Quanto aos informantes que não produziram os MDs *sabe?* e *entende?*, observamos no processo de audição das entrevistas, que a maioria deles faz uso do marcador *né?* (dentre outros). O marcador *né?* possui características semelhantes aos itens que estamos analisando, principalmente pelo contorno interrogativo. Observa-se a ocorrência a seguir em que podemos verificar este uso:

(91) Ent: E na sua família teve muitas brigas, assim, de irmãos? Era uma família de italianos, como é que era?

Inf: Sim, era uma família de italianos, mas (hes) quanto briga essas coisas não existia, a família sempre se dava bem. (est) É a família (inint) meu avô, por exemplo, teve (hes) quatorze filhos, né? (SC CHP 02)

A partir deste panorama, temos indícios de que *sabe?* compreende usos relativamente mais associados à comunidade de fala, sendo realizado por 14 informantes (pouco mais da metade dos informantes da amostra) e *entende?* está mais relacionado às atitudes individuais dos falantes (conforme visto, apenas 3 informantes alternam o uso deste MD com *sabe?*).

Na amostra VMPOSC temos a seguinte distribuição de *sabe?* e *entende?* entre os informantes¹²²:

¹²² Na tabela 10, as siglas que acompanham o número do informante indicam: F (sexo/gênero feminino); M (sexo/gênero masculino); A (faixa etária de 25 a 49 anos); C (crianças de 7 até 14 anos); S (Ensino Superior); I (Ensino Fundamental – 1º. Ciclo); II (Ensino Fundamental – 2º. Ciclo).

Informante	Sabe?	Entende?
	Ap/T	Ap/T
VMPOSC 01 (FAS)	2/2	-
VMPOSC 02 (MAS)	2/2	-
VMPOSC 03 (MAS)	3/4	1/4
VMPOSC 04 (FAS)	-	-
VMPOSC 05 (MCII)	-	-
VMPOSC 06 (MCI)	-	-
VMPOSC 07 (MCII)	-	-
VMPOSC 08 (MCI)	-	-
VMPOSC 09 (FCII)	-	-
VMPOSC 10 (FCI)	-	-
VMPOSC 11 (FCI)	3/3	-
VMPOSC 12 (FCII)	-	-
Total	10/11	1/11

Tabela 10: Distribuição de *sabe?* e *entende?* na amostra VMPOSC

A tabela acima, conforme já mencionado, confere o diagnóstico de que dos 12 informantes, apenas 4 produziram os marcadores. O total de ocorrências é relativamente baixo com 11 realizações, sendo que o MD *sabe?* é o mais frequente, totalizando 10 ocorrências, e *entende?* é realizado apenas uma vez.

6.3.2 Idade

As faixas etárias controladas neste estudo são: faixa A (25 a 49 anos) e faixa B (50 anos ou mais), disponíveis no Banco de Dados VARSUL para o município de Chapecó¹²³. Conforme citado, a variável faixa etária dos informantes foi o primeiro grupo de fatores selecionado em ordem de significância.

Silva e Macedo (1996) investigaram a variável idade e constataram usos equilibrados de *sabe?* e *entendeu?* entre as diferentes faixas etárias (7 a 14 anos; 15 a 25 anos; 26 a 49 anos). Por outro lado, Valle (2001) obteve um resultado crescente no uso dos RADs, da faixa etária mais jovem para a mais velha.

¹²³ Trata-se de uma amostra em tempo aparente, que de acordo com Paiva e Duarte (2010), embora sustentável, se depara com dificuldades. A análise em tempo aparente considera a distribuição dos fenômenos linguísticos em função das faixas etárias, na medida em que aumentam ou diminuem, para inferir sobre a mudança ou variação. Nestes casos, a idade cronológica dos indivíduos representa a passagem do tempo e este tipo de observação não permite identificar se se trata de uma mudança em progresso ou não (FREITAG, 2005). No entanto, a maneira mais adequada de contornar estas limitações é associar o exame de amostras em tempo aparente com amostras em tempo real, a fim de se obter correlações etárias mais significativas (PAIVA e DUARTE, 2010).

Valle (2001) identifica que o item *sabe?* é o melhor distribuído entre os informantes. Esta é a forma mais frequente entre os jovens, com 45% das ocorrências (informantes de 15 a 21 anos); na faixa etária intermediária possui 32% dos usos (informantes de 25 a 49 anos) e 23% corresponde aos usos de informantes mais velhos (faixa etária superior a 50 anos). Para *entende?* houve um grande salto entre a faixa etária jovem (51%) e os informantes da faixa etária intermediária (28%), sendo que os mais velhos representam 21% dos dados¹²⁴.

Em termos gerais, temos como hipótese que *sabe?* e *entende?* serão mais recorrentes entre os informantes da faixa etária B, visto que os informantes com idade entre 25 a 49 anos estão bastante suscetíveis às pressões do mercado de trabalho e por isso, tendem a usar formas mais prestigiadas de linguagem. Esperamos que *sabe?* seja o marcador mais frequente entre os indivíduos da faixa B e *entende?* mais frequente entre os da faixa A.

Antes de passarmos aos resultados, notamos que dos 24 informantes da amostra Chapecó/VARSUL, distribuídos igualmente entre as faixas etárias A e B, apenas 13 informantes produziram os itens e foram selecionados para nossa pesquisa, sendo 7 da faixa A e 6 da faixa B.

Vejamos os resultados estatísticos obtidos para este fator:

Idade	Sabe?		
	Ap/T	%	PR
Faixa B (50 anos ou mais)	78/80	97	0,76
Faixa A (25 a 49 anos)	37/55	67	0,15
Total	115/135	85	
	Input: .092 Sig.: .045 1º. selecionado		

Tabela 11: Influências da idade sobre o uso de *sabe?* e *entende?* na amostra VARSUL/Chapecó

Os pesos relativos são bastante polarizados entre as duas faixas etárias. O marcador *sabe?* é mais favorecido (0,76 de PR) entre os informantes com 50 anos ou mais. Por outro lado, o marcador *entende?* é mais favorecido (0,85 PR) entre os informantes mais jovens, de faixa etária entre 25 a 49 anos. Estes resultados probabilísticos desfazem parcialmente nossas expectativas iniciais para estes MDs, visto que esperávamos que *sabe?* e *entende?* seriam mais produtivos entre os informantes da

¹²⁴ Valle (2001) acredita que a diferença nos resultados entre os dois itens se deve a uma interferência de dois informantes mais jovens que concentram um alto número de ocorrências destes itens. No caso do item *entende?* ao retirar um dos informantes altamente produtivo desta forma, verifica a inversão dos resultados: 40% dos dados na faixa etária intermediária, 31% na faixa mais velha e 29% entre os mais jovens. Avalia que este resultado dificulta as conclusões acerca do uso desta forma.

faixa B. No entanto, confirmam-se nossas hipóteses individuais para os itens. Os resultados em percentuais mostram que há um aumento de 30% na frequência de uso de *sabe?* entre a faixa etária A para a B (*mais jovens > mais velhos*).

Os valores de frequência e percentuais mostram que a faixa de 50 anos ou mais apresenta alta frequência do marcador *sabe?*, o que equivale a 97% das ocorrências. Estes números indicam que há uma expressiva preferência no uso de *sabe?* pelos informantes da faixa etária mais avançada em comparação ao MD *entende?*. Verificamos que na faixa etária de 25 a 49 anos as preferências de uso correspondem a 67% para o item *sabe?* e 33% para *entende?*.

A amostra VMPOSC coletada até o momento está distribuída entre crianças de 7 a 14 anos (8 informantes), e adultos de 25 a 49 anos (4 informantes). Do total de 12 informantes, apenas 4 produziram os itens, sendo 3 adultos e somente 1 criança.

É importante destacar que são poucos os materiais disponíveis na literatura acerca de pesquisas sobre o uso dos itens *sabe?* e *entende?* por crianças. Macedo (1997) apresenta resultados da produção de *né?*, *sabe?* e *viu?* entre crianças de 4 a 6 anos (26 dados) e de 8 a 10 anos (94 dados)¹²⁵. Martelotta e Leitão (1996) observam não ter encontrado nenhuma realização de *sabe?* entre crianças em processo de alfabetização. Gibbon e Valle (2000) observam a realização dos RADs *né?*, *sabe?*, *tá?* e *não tem?*, em narrativas orais de crianças de 4, 5 e 6 anos¹²⁶. O item *sabe?* apresentou apenas uma ocorrência. As autoras atestam que o uso dos RADs por crianças é proporcional ao aumento da idade, o que corrobora os resultados de Macedo (1997), que afirma que marcadores desta natureza exigem um nível de maturidade maior por parte das crianças.

Não há evidências empíricas convincentes, segundo Naro (2010), que comprovem até que ponto a língua falada pelo indivíduo pode realmente mudar no decorrer dos anos, no entanto, há duas posições teóricas sobre o assunto. A primeira, reconhecida como “clássica”, por ser a mais aceita entre os linguistas, defende que o processo de aquisição linguística se encerra mais ou menos no começo da puberdade, e que após este período a língua do indivíduo torna-se estável. Nesta fase da vida, a gramática dos indivíduos não pode sofrer mudanças significativas devido às restrições aos dispositivos cognitivos que servem à manipulação da linguagem. Por isso, as mudanças nesta fase seriam de cunho esporádico. De acordo com a hipótese “clássica”, o estado de língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida até os seus 15 anos de idade.

¹²⁵ Os dados são da amostra Macedo e da amostra Censo do Rio de Janeiro (Macedo, 1996; Silva e Scherre, 1996).

¹²⁶ A amostra compreende 743 dados, de narrativas orais infantis, de trinta informantes, pertencentes ao Projeto Narratividade em Crianças e os Processos de Leitura (Scliar-Cabral, 1982).

Com isso, acreditamos que entre a faixa etária A e C, *sabe?* e *entende?* serão mais frequentes entre os informantes com maior idade, tendo em vista a hipótese de que a língua tende a se estabilizar após a puberdade e que os usos linguísticos anteriores a esta fase tratam de casos esporádicos. Ainda, em face dos resultados encontrados na amostra VARSUL, esperamos que *sabe?* seja mais frequente entre os informantes da faixa A e *entende?*, possivelmente, será inibido entre os informantes da faixa C. Vejamos os dados da tabela:

Idade	Sabe?	Entende?	Total	
	Ap/T	Ap/T	Ap/T	%
A = 25 a 49 anos	7/8	1/8	8/8	73
C = 7 até 14 anos	3/3	-	3/3	27
Total	10/11	1/11	11/11	100

Tabela 12: Influências da idade sobre o uso de *sabe?* e *entende?* na amostra VMPOSC

Em linhas gerais, os informantes da faixa etária de 25 a 49 anos foram responsáveis por 8 ocorrências, sendo 7 para o item *sabe?* e 1 para *entende?*. Dos informantes da faixa etária C, apenas um deles foi responsável pelas 3 ocorrências de *sabe?*. Assim sendo, nossas hipóteses se confirmam integralmente, visto que os itens são mais recorrentes entre os indivíduos da faixa A. *Sabe?* é o MD mais recorrente entre os adultos, e *entende?* é inibido pelos informantes de 7 a 14 anos. Entretanto, é necessário relativizar estes resultados, em vista do número de informantes e de dados encontrados até o momento.

A seguir, apresentaremos os cruzamentos da variável idade com as variáveis sexo/gênero e escolaridade.

6.3.3 Sexo/gênero

Inicialmente, a análise desta variável pressupunha 24 informantes da amostra Chapecó/VARSUL, distribuídos igualmente entre o sexo/gênero feminino e masculino. No entanto, deste total apenas 13 informantes apresentaram dados de MDs para nosso estudo sendo 5 do sexo/gênero feminino e 8 do sexo/gênero masculino.

Os resultados esperados por Silva e Macedo (1996) para o fator sexo/gênero voltavam-se à ideia de que as mulheres usariam mais rodeios para falar do que os homens, por considerarem que o estilo de fala feminino é menos assertivo. No entanto, no estudo de *sabe?* e *entendeu?*, as autoras

constatarem valores equilibrados na distribuição desses RADs entre os informantes masculinos e femininos.

Da mesma forma, Valle (2001) examina que não há diferenças na frequência de uso dos RADs em geral, entre homens e mulheres. Porém, isoladamente, analisa que o item *sabe?* concentra-se mais entre as mulheres (72%), e o item *entende?* é mais frequente entre os homens (63%).

Pesquisa como a de Labov (2001) demonstra que as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio e são consideradas as líderes dos mecanismos de mudança linguística devido a um estilo de interação social diferente daquele usado pelos homens. Contudo, Paiva (2010) argumenta que a análise da correlação entre sexo/gênero e variação linguística deve levar em conta não apenas o prestígio de uma variante linguística, mas também a forma de organização social de uma dada comunidade de fala. O conservadorismo linguístico atribuído às mulheres emerge de estudos variacionistas em comunidades de fala ocidentais, cujos valores socioculturais são partilhados entre homens e mulheres. Esta premissa não pode ser aplicada, por exemplo, a comunidades de língua árabe que possuem valores culturais e sociais distintos, na qual as mulheres tem menos participação na vida pública (PAIVA, 2010). Com isso, mais que fatores biológicos, é necessário considerar o processo de socialização e os papéis dos homens e mulheres na comunidade, a ser relativizado em função dos grupos sociais.

Frente a estas considerações, postulamos que *sabe?* e *entende?* tendem a ser mais recorrentes entre as mulheres. Individualmente, acreditamos que *sabe?* será mais recorrente entre as mulheres e *entende?* será mais frequente entre informantes do sexo/gênero masculino.

Visualizamos os resultados na tabela a seguir:

Sexo/gênero	Sabe?		Entende?		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Feminino	100/118	85	18/118	15	118/135	87
Masculino	15/17	88	2/17	12	17/135	13
Total	115/135	85	20/135	15	135/135	100

Tabela 13: Influências do sexo/gênero sobre o uso de *sabe?* e *entende?* na amostra VARSUL/Chapecó

De modo geral, os resultados obtidos para esta variável indicam que nossa hipótese para *sabe?* e *entende?* se confirma, visto que embora as mulheres sejam em menor número na amostra, elas são responsáveis por 87% das realizações na amostra (118/135). *Entende?* representa 13% das ocorrências. Das 118 ocorrências das informantes femininas 85% das realizações correspondem ao

marcador *sabe?* (100) e 15% ao marcador *entende?* (18). Por outro lado, observamos que apenas 17 ocorrências foram produzidas pelos informantes masculinos. Ao marcador *sabe?* correspondem 15 ocorrências (88%) e ao *entende?* 2 (12%) entre os homens. De modo específico, homens e mulheres são mais produtivos do marcador *sabe?*, com 85% e 88% de frequência, respectivamente. Estes resultados confirmam nossa hipótese para o MD *sabe?*, superando nossas expectativas para o item *entende?*.

Com o intuito de verificar as correlações entre as variáveis sexo/gênero e idade, realizamos o cruzamento entre estes fatores e obtivemos os seguintes resultados:

Sexo/gênero	Idade					
	Faixa A (25 a 49 anos)		Faixa B (50 anos ou mais)		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Feminino	28/46	61	72/72	100	100/118	85
Masculino	9/9	100	6/8	75	15/17	88
Total	37/55	67	78/80	98	115/135	85

Tabela 14: Influências do sexo/gênero e idade sobre o uso de *sabe?* e *entende?* na amostra VARSUL/Chapecó

De modo geral, as mulheres da faixa B usam mais MDs (72 ocorrências) em comparação à faixa A. Homens de ambas as faixas apresentam baixa frequência (17 dados apenas) para os dois MDs. De modo específico, temos a seguinte correlação entre os grupos: o marcador *sabe?* é categórico entre as mulheres de 50 anos ou mais e entre os homens mais jovens; entre a faixa etária de 25 a 49 anos, o sexo/gênero feminino possui 61% de frequência do marcador *sabe?* (28/46), e entre a faixa etária de 50 anos ou mais, o sexo/gênero masculino representa 75% dos usos (6/8). Inversamente, *entende?* está distribuído entre as mulheres mais jovens (39%) e os homens mais velhos (25%). Notamos que os 20 dados de *entende?* estão com as mulheres da faixa A (18 ocorrências) e entre os homens da faixa B (2 ocorrências). A partir destes resultados, avaliamos que as mulheres lideram os usos dos dois MDs.

Para o Projeto VMPOSC, do total de 12 informantes, 6 são do sexo/gênero feminino e 6 do sexo/gênero masculino. Conforme comentado anteriormente, apenas 4 informantes apresentaram os MDs, dos quais 2 são do sexo/gênero feminino e 2 do sexo/gênero masculino.

A hipótese subjacente a esta variável se mantém em relação aos resultados encontrados nas análises dos dados do VARSUL. Acreditamos que as mulheres serão mais sensíveis aos usos dos MDs *sabe?* e *entende?*. Entre os dois, cremos que as mulheres permanecem na liderança de ambos.

Sexo/gênero	Sabe?	Entende?	Total	
	Ap/T	Ap/T	Ap/T	%
Masculino	5/6	1/6	6/6	55
Feminino	5/5	0	5/5	45
Total	10/11	1/11	11/11	100

Tabela 15: Influências do sexo/gênero sobre o uso de *sabe?* e *entende?* na amostra VMPOSC

Notamos que, das 11 ocorrências de *sabe?* e *entende?*, 5 foram realizadas por informantes do sexo/gênero feminino e 6 por informantes do sexo/gênero masculino, contrariando nossa hipótese geral para os itens. *Sabe?* foi igualmente produtivo entre homens e mulheres (5 ocorrências), e *entende?* foi produzido por um informante masculino. Individualmente, nossas hipóteses não se confirmam, pois, *sabe?* apresentou usos equilibrados entre ambos os sexos/gêneros, e *entende?* foi privilegiado pelo sexo/gênero masculino. Lembramos que é necessário relativizar estes resultados, em vista do número de informantes e de dados encontrados.

6.3.4 Escolaridade

A estratificação da escolaridade nas amostras do Banco de Dados VARSUL, considera três níveis: nível fundamental I (de 1 a 4 anos de escolaridade), nível fundamental II (de 5 a 8 anos de escolaridade) e nível médio (de 9 a 11 anos de escolaridade). Do total de 24 informantes inicialmente previstos na amostra VARSUL, apenas 13 apresentaram os MDs em análise, sendo 5 pertencentes ao nível fundamental I, 3 ao nível fundamental II e 5 ao nível médio.

A variável escolaridade foi analisada por Silva e Macedo (1996) que verificam que os usos dos RADs são estáveis entre os diferentes níveis de escolaridade (1ª a 4ª série, 5ª a 8ª série e 2º grau). Por sua vez, a autora Valle (2001) observa que os itens *sabe?* e *entende?* são mais frequentes em informantes de níveis de escolaridade mais elevados¹²⁷. *Sabe?* está distribuído em 43% das ocorrências no nível ginásial e 42% no nível colegial. *Entende?* está distribuído em 31% no nível primário, 27% no nível ginásial e 42% no nível colegial.

Para esta variável esperamos encontrar um número mais elevado de ocorrências de *sabe?* e *entende?* entre os informantes de maior escolaridade. Acreditamos que os critérios de marcação dos

¹²⁷ Para obter este resultado, a autora explica que houve a necessidade de relativizar a análise, devido às interferências de dois informantes mais jovens que concentram um alto número de ocorrências destes itens (conforme ocorreu na análise da variável idade).

itens nos auxiliam a sustentar esta hipótese. Individualmente, supomos que *sabe?* será mais frequente entre os informantes de menor escolarização e *entende?* será mais frequente entre os mais escolarizados.

Passamos à apresentação dos resultados estatísticos:

Escolaridade	Sabe?		Entende?		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Nível Médio	30/50	60	20/50	40	50/135	37
Nível Fundamental II	50/50	100	0	0	50/135	37
Nível Fundamental I	35/35	100	0	0	35/135	26
Total	115/135	85	20/135	15	135/135	100

Tabela 16: Influências da escolaridade sobre o uso de *sabe?* e *entende?* na amostra VARSUL/Chapecó

De modo geral, nossas expectativas iniciais se confirmam, pois há concentração maior de *sabe?* e *entende?* nas faixas mais elevadas de escolarização, com 50 ocorrências no nível médio, e 50 no nível fundamental II, ao passo que o nível fundamental I apresentou 35 ocorrências para *sabe?*. De modo mais específico, o MD *sabe?* é mais frequente entre os informantes com menor escolaridade. Este item mostrou-se categórico entre os informantes do nível fundamental I e II, apresentando 30 ocorrências no nível médio. O marcador *entende?*, por sua vez, é privilegiado apenas entre os informantes mais escolarizados, de nível médio (40%). Com esta análise é possível inferir que as suposições formuladas individualmente para *sabe?* e *entende?* se confirmam integralmente.

Por último, efetuamos o cruzamento entre as variáveis escolaridade e sexo/gênero a fim de identificar possíveis correlações entre os grupos. Vejamos os resultados:

Escolaridade	Sexo/gênero					
	Feminino		Masculino		Total	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
Nível Fundamental I	33/33	100	2/2	100	35/35	100
Nível Fundamental II	50/50	100	0	0	50/50	100
Nível Médio	17/35	49	13/15	87	30/50	60
Total	100/118	85	15/17	88	115/135	85

Tabela 17: Influências da escolaridade e o sexo/gênero sobre o uso de *sabe?* e *entende?* na amostra VARSUL/Chapecó

O cruzamento entre a escolaridade dos informantes e o sexo/gênero possibilita-nos verificar um comportamento mais preciso no uso dos MDs. Assim, notamos que as mulheres sugeridas como líderes no uso do MD *sabe?* possuem escolaridade fundamental I e II. Entre o sexo/gênero masculino percebemos que os homens de escolaridade fundamental I são categóricos no uso de *sabe?*. Por outro lado, os informantes de nível médio produziram 87% dos itens. Portanto, percebe-se que a variação entre os MDs ocorre entre homens e mulheres com escolaridade de nível médio. Nos demais níveis há entre os sexo/gêneros, usos categóricos, mas poucas ocorrências entre os homens para fazermos generalizações.

No que refere à amostra do Projeto VMPOSC, a variável escolaridade está distribuída entre os níveis: ensino fundamental 1º. Ciclo, ensino fundamental 2º. Ciclo e ensino superior. Dos 4 informantes que realizaram os MDs, 3 possuem escolaridade superior e apenas 1 escolaridade fundamental do 1º. Ciclo. Conforme observado anteriormente, o Banco de Dados VARSUL não contempla amostras de fala de informantes com grau superior de escolaridade. Diante disso, a análise de *sabe?* e *entende?* em informantes de formação universitária poderá indicar se há ou não comportamentos linguísticos distintos em relação a um maior grau de instrução.

Com base nos resultados obtidos na análise do VARSUL, acreditamos que há uma tendência para que os usos de *sabe?* e *entende?* se concentrem entre indivíduos mais escolarizados. Vejamos a distribuição dos MDs na tabela:

Escolaridade	Sabe?	Entende?	Total	
	Ap/T	Ap/T	Ap/T	%
Ensino Superior	7/8	1/8	8/8	73
Ensino Fundamental - 2º Ciclo	0	0	0	0
Ensino Fundamental - 1º Ciclo	3/3	0	3/3	27
Total	10/11	1/11	11/11	100

Tabela 18: Influências da escolaridade sobre o uso de *sabe?* e *entende?* na amostra VMPOSC

Nota-se que os resultados são expressivos entre os informantes de nível superior, o que confirma a hipótese de que *sabe?* e *entende?* encontram-se melhor distribuídos entre indivíduos de formação mais elevada. Novamente, lembramos que é necessário relativizar estes resultados, em vista do número de informantes e de dados encontrados na amostra.

6.3.5 Variação estilística na amostra VMPOSC

O controle desta variável leva em conta a prática estilística do informante em relação aos pares conversacionais. Este fator foi controlado no processo de coleta das entrevistas, sendo estas realizadas proporcionalmente entre os diferentes pares de entrevistadores e informantes. Com isso, os pares conversacionais foram distribuídos entre: entrevistadores do sexo/gênero feminino e informantes femininos (3) e informantes masculinos (3); entrevistadores do sexo/gênero masculino e informantes femininos (3) e informantes masculinos (3).

Retomamos aqui, os pressupostos de Labov (2003) apresentados no capítulo 3, quanto à noção de que não há falante de estilo único e que todo falante mostrará alguma variação linguística dependendo do contexto no qual se encontra. O grau de atenção prestada à fala é o fator determinante da variação estilística.

Neste sentido, Trudgill (2000) afirma que um mesmo falante usa diferentes variedades linguísticas em diferentes situações e para diferentes propósitos. O repertório verbal dos falantes pode variar de acordo com a ocasião, como por exemplo, indivíduos que estão conversando com colegas de trabalho sobre o trabalho tendem a usar uma linguagem diferente daquela usada em casa com a família ao tratar de outros assuntos.

Também, Eckert (2005) afirma que a prática estilística denota o modo como o falante combina as variáveis, a fim de criar o seu jeito distintivo de falar. A maneira de falar constitui, segundo a autora, a *personae*, ou seja, os tipos sociais que se localizam explicitamente na ordem social.

Desse modo, objetivamos avaliar a prática estilística através do grau de atenção prestada à fala nas entrevistas sociolinguísticas, em face da produtividade dos MDs, pois acreditamos que quanto maior o uso desses itens, mais o falante está envolvido com o seu discurso e menos monitorada é a sua fala. Deste estilo de fala mais casual é que emergem as formas vernáculas dos indivíduos na entrevista sociolinguística, ou seja, com menor grau de formalidade. Estas considerações levam em conta aspectos observados segundo nossas experiências linguísticas, pois acreditamos que o uso de *sabe?* e *entende?* implica em diferentes práticas estilísticas.

Assim, para inferirmos as suposições apresentadas, controlamos as possíveis influências do sexo/gênero entre os pares conversacionais. Acreditamos que na situação de entrevista, o estilo de fala dos informantes pode sofrer influências em face do sexo/gênero do par conversacional entrevistador/informante. Confiamos que os informantes tendem a produzir mais os MDs *sabe?* e *entende?* quando estão acompanhados de entrevistadores de mesmo sexo/gênero, pois acreditamos

que nestes casos os informantes se sentirão mais à vontade no contexto de entrevista. De modo específico, supomos que *sabe?* tende a ser mais recorrente entre os pares conversacionais de sexo/gênero feminino, e *entende?* tende a ser mais frequente entre os pares conversacionais do sexo/gênero masculino. Vejamos o quadro demonstrativo:

Sexo/gênero dos pares conversacionais	Informante Feminino		Informante Masculino		Total	
	Sabe?	Entende?	Sabe?	Entende?		
	Ap/T	Ap/T	Ap/T	%	Ap/T	%
Entrevistador Masculino	-	-	3/4	1/4	4/4	36
Entrevistador Feminino	5/7	-	2/7	-	7/7	64
Total	5/11	-	5/11	1/11	11/11	100

Tabela 19: Realização dos MDs e o sexo/gênero dos pares conversacionais na amostra VMPOSC

De modo geral, os resultados trazem indícios de nossa hipótese geral se confirma, visto que a ocorrência dos itens predomina entre os pares de mesmo sexo/gênero. *Sabe?* ocorre em maior número entre os pares no qual o entrevistador é do sexo/gênero feminino, totalizando 7 MDs. Deste total, 5 ocorrências de *sabe?* foram entre entrevistadores femininos e informantes femininos e 2 ocorrências entre entrevistadores femininos e informantes masculinos. *Entende?* aparece apenas entre o par conversacional do sexo/gênero masculino (1 ocorrência). Individualmente, nossas hipóteses se confirmam para os dois MDs. Ainda, os resultados indicam que a variação estilística frente ao uso dos MDs ocorre em maior grau entre entrevistadores femininos e informantes de ambos os sexos, em 64% das ocorrências.

Assim sendo, julgamos que estes aspectos merecem uma observação ampliada¹²⁸. Salientamos a necessidade de averiguar integralmente o *corpus* para avaliações mais concretas quanto ao comportamento desta variável, além de observar distinções em relação à faixa etária dos pares conversacionais, pois, segundo sugere Labov (2003), há distinções na gama estilística de crianças e pessoas mais velhas. No caso das crianças devido às restrições de contextos sociais e nos mais velhos pela baixa motivação estilística.

6.3.6 Projetando a pesquisa

¹²⁸ Vale lembrar, que as entrevistas do VARSUL foram coletadas exclusivamente por entrevistadores femininos.

Considerando o estágio de desenvolvimento do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”, nossas inferências são bastante limitadas acerca deste *corpus*. Acreditamos que os aspectos examinados até aqui configuram apenas indícios sobre os usos dos MDs *sabe?* e *entende?*. Feitas estas considerações parciais, acreditamos que somente a análise integral da amostra possibilitará juízos mais confiáveis do atual comportamento de *sabe?* e *entende?* na fala dos informantes da cidade de Chapecó/SC.

7 A GRAMATICALIZAÇÃO DE *SABE?* E *ENTENDE?* NA FALA CHAPECOENSE

A partir dos estudos realizados por Valle (2001) e Martelotta (2004), e dos resultados obtidos em nossa pesquisa para os dados do VARSUL/Chapecó, interessa-nos, aqui, discorrer sobre a gramaticalização de *sabe?* e *entende?* na fala chapecoense. Além disso, aliamos alguns dos principais aspectos do processo de mudança por gramaticalização a estes MDs.

Valle (2001) constata que *sabe?* e *entende?* são formas em gramaticalização. Para a autora, *sabe?* corresponde ao item mais gramaticalizado e *entende?* estaria ainda em um estágio menos gramaticalizado. Em suas considerações aporta-se nos critérios de marcação propostos por Givón (1995) e infere que *entende?*, por ser mais marcado, também é o item menos rotinizado e desta forma, situa-o em um estágio menos avançado de mudança em relação a *sabe?*.

Martelotta (2004), que embora examina os marcadores *sabe?* e *entendeu?/entende?* sob a ótica da discursivização, conclui que há uma gradação de mudança entre as formas. Para ele, *entende?* e *entendeu?* estão aparentemente mais presos ao seu sentido anterior (de pergunta plena), ao passo que *sabe?* parece ter assumido com mais definição o estatuto de MD e suas funções, refletindo valores mais abstratos. Assim, o autor afirma que é evidente a existência de uma gradação mais avançada de *sabe?* no processo de mudança.

Com base nesses autores e na pesquisa que realizamos, associamos os itens *sabe?* e *entende?* aos critérios de marcação de Givón (1995), para nos auxiliar a averiguar o estágio destes MDs no processo de mudança. De modo geral, verificamos que *sabe?* é o item menos marcado, com maior recorrência na amostra, enquanto *entende?* corresponde à forma mais marcada e de menor recorrência. Dessa forma, podemos dizer que *sabe?* encontra-se mais gramaticalizado em relação a *entende?*.

Outro fator, que corrobora nossa argumentação em relação ao estágio de gramaticalização de *sabe?* e *entende?*, diz respeito às premissas lançadas por Bybee (2003). A autora postula que o processo de gramaticalização é sempre acompanhado pelo aumento da frequência de uso. Construções com alta recorrência passam por enfraquecimento semântico por habituação, autonomia de uso, ampliação de seu contexto de atuação, em vista de novas associações pragmáticas, por exemplo, conforme verificamos ser o caso de *sabe?* e *entende?*, embora em diferentes estágios.

Também, Heine (2003) postula que no processo de gramaticalização ocorre a abstratização dos significados, operados unidirecionalmente da esquerda para a direita, ou seja, de categorias

cognitivas mais próximas do indivíduo [+concretas] para categorias mais distantes do indivíduo [-concretas]. Aplicando este modelo aos itens, ratifica-se a ideia de que *sabe?* passou por um processo de natureza metafórica no qual o sentido de *ter gosto* (mais concreto) passa a expressar atividades mentais com o sentido de *conhecer* (mais abstrato). Do mesmo modo, *entende?* assume sentidos mais abstratizados em sua trajetória, partindo da ideia de *movimentação física* à proeminência de significados ligados à *compreensão*.

Os princípios sugeridos por Hopper (1991) se mostraram essenciais à pesquisa, pois possibilitaram as seguintes associações: i) com base no princípio da estratificação postulamos que *sabe?* e *entende?* atuam no domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*; ii) em face do princípio da divergência conferimos que os verbos plenos *saber* e *entender*, que dão origem aos MDs *sabe?* e *entende?*, respectivamente, mantêm seus traços semânticos originais no PB; assim as formas-fonte coexistem com as formas gramaticalizadas *sabe?* e *entende?*; iii) a especialização das formas possibilitou-nos averiguar que há uma concentração maior do quadro contextual de *sabe?* voltado para o nível textual, enquanto *entende?* volta-se aos contextos de caráter mais interacional; iv) através do princípio da persistência e de nossas avaliações sobre os diferentes estágios de gramaticalização dos MDs inferimos que *sabe?* é o item mais distante de seu sentido-fonte e *entende?* ainda mantém traços de sua origem por ser o item menos gramaticalizado; v) a decategorização pode ser observada em face das características adquiridas pelo estatuto de MD de *sabe?* e *entende?*, tais como tendência à fixação de suas formas na segunda pessoa do presente do indicativo, mas com morfologia não marcada quanto à pessoa, presença de contorno interrogativo, amplo contexto de atuação nas orações, diversidade de contextos de atuação discursiva, entre outros.

Na amostra do Projeto VMPOSC também podemos observar indícios de gramaticalização dos MDs *sabe?* e *entende?*. Conforme visto na análise dos dados disponíveis até o momento, das 11 ocorrências destes itens, 10 correspondem a *sabe?* e somente 1 a *entende?*. Embora trata-se de uma amostra parcial, estes resultados possibilitam-nos inferir que *sabe?* parece ser o marcador mais gramaticalizado atualmente na fala chapecoense, devido a sua distribuição de frequência, mostrando-se bastante abstratizado, menos marcado, enquanto *entende?* ocupa uma posição mais marcada e menos gramaticalizada no processo de mudança.

Vejamos o contexto a seguir, no qual estão contemplados os dois marcadores na amostra VMPOSC¹²⁹:

(92) Ent: Aproveitando o gancho aí, qual a tua opinião [do]- do comportamento dos jovens, tem a ver essa tua descrença aí com o namoro talvez? Com esses relacionamentos né? tem alguma coisa a ver com o comportamento dos jovens hoje? Ou não só dos jovens em específico?

Inf: É que eu acho que é muita exposição, eu acho que, eu penso que as mídias sociais aí vieram pra um benefício e acabam comprometendo outros lados né? Elas são legais até um ponto, depois desse ponto acabam sendo prejudiciais, eu acho que é por isso. Hoje em dia tá todo mundo conectado no tal do *facebook* e todo mundo sabe da vida de todo mundo (est) e não tem como um relacionamento dar certo se metade do mundo sabe [não tem privacidade e tudo mais né?] entende? então não é por questão do cara trair ou não trair, ou sei lá o quê. Eu acho que é pela exposição sabe? (est) Acho que é a exposição acaba atraindo outras coisas que acabam influenciando (est). (VMPOSC 03)

Assim sendo, acreditamos que muitas outras associações podem ser feitas dentro da interface teórica na qual nos aventuramos percorrer. Por ora, estas são as contribuições mais salientes do percurso, dentre outras, anteriormente demarcadas no trabalho.

¹²⁹ Na ocorrência (92) o contexto está nitidamente marcado pela opinião do informante, que emite seu posicionamento em relação ao comportamento dos jovens e o namoro na atualidade. Este contexto é o único em que aparece o MD *entende?* no *corpus*.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui, brevemente as principais constatações de nossa pesquisa acerca dos usos de *sabe?* e *entende?*. Após a análise da trajetória percorrida pelos itens, no que diz respeito à mudança semântica e categorial, bem como do levantamento do arcabouço teórico sobre o qual fundamentamos a dissertação, apresentamos e discutimos os resultados obtidos, a partir da análise dos dados linguísticos oriundos do Banco de Dados VARSUL e do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”, além de verificar os indícios de gramaticalização de *sabe?* e *entende?* na fala chapecoense.

De acordo com os propósitos inicialmente previstos, buscamos delimitar os contextos de uso de *sabe?* e *entende?* e, para isso, postulamos que estes MDs são itens representativos do domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*. Dessa forma, com base nas análises realizadas, os contextos de atuação discursiva dos MDs *sabe?* e *entende?* se manifestam através deste domínio funcional devido a duas propriedades básicas gerais dos MDs, denominadas por Marcuschi (1989) como *propriedades interacionais* e *intratextuais*. Com isso, assumimos que *sabe?* e *entende?* são marcadores que atuam no domínio funcional da *manutenção do contato discursivo*, e que a partir de suas propriedades gerais, assumem simultaneamente atuações textuais e interacionais. Contudo, a depender dos contextos podem se sobressair nuances mais voltadas à interação ou mais voltadas ao texto. No âmbito em que as propriedades interacionais são mais salientes, delimitamos que os contextos dos itens assinalam as relações interpessoais, mantendo o contato com o ouvinte, com a finalidade de assegurar o ato comunicativo e a recepção discursiva, podendo testar/checar a participação do interlocutor. No âmbito em que as propriedades textuais estão ressaltadas, delimitamos que os contextos de atuação dos itens demarcam/chamam a atenção para as partes do texto que são relevantes para a compreensão do ouvinte ou para a organização do falante, além de atuarem como recursos de coesão discursiva.

Estas análises possibilitaram-nos propor o seguinte *continuum* para os contextos de atuação discursiva de *sabe?* e *entende?*: ***contextos de reformulação > de opinião > de especificação > causal/conclusivo > de contraste***.

Os contextos situados à esquerda do *continuum* são classificados, por nós, como contextos com propriedades interacionais mais salientes (contexto de reformulação e de opinião). Em um estágio intermediário, situamos o contexto de especificação. Seguindo uma ordenação crescente em direção ao texto, elencamos os contextos causal/conclusivo e de contraste. Nota-se que o relevo de

uma das propriedades não faz cessar a outra, apenas permite-nos organizar o *continuum*. Nesta etapa, averiguamos em quais contextos *sabe?* e *entende?* constituem-se como uma variável linguística, sendo que apenas os contextos de reformulação mostraram-se desfavoráveis ao MD *entende?*.

Entre os dois MDs, *sabe?* possui maior distribuição de frequência e corresponde à forma menos marcada, enquanto *entende?* é o item de maior marcação. A partir desses aspectos, de acordo com Givón (1995), Bybee (2003), entre outros, inferimos que *sabe?* encontra-se mais abstratizado, em um estágio mais avançado de gramaticalização em relação a *entende?*.

Quanto aos resultados encontrados a partir da amostra do VARSUL/Chapecó, cabe destacar que a apresentação formal de *sabe?* e *entende?* parece estável na fala chapecoense e os itens tendem à fixação na segunda pessoa do presente do indicativo, mas com a morfologia não marcada quanto à pessoa. Em relação às demais variáveis linguísticas observadas, constatamos que: i) a posição preferencial dos MDs no turno conversacional é a medial, visto que nesta posição os itens beneficiam a sustentação das falas; ii) a variável *feedbacks* auxilia-nos a postular que há um progressivo enfraquecimento da carga entonacional destes MDs, pois nota-se que suas realizações não requerem, obrigatoriamente, quaisquer manifestações do ouvinte, fato este constatado pelo número reduzido destes elementos junto às formas; iii) verificamos um número relativamente baixo de outros MDs associados a *sabe?* e *entende?*; iv) a presença de conectores junto aos MDs mostra-se baixa, no entanto, estes resultados reforçam nossa proposta quanto ao domínio funcional da *manutenção do contato discursivo* de *sabe?* e *entende?* e a atuação destes MDs em um *continuum*, contextual, pois não há uma fronteira nítida entre as suas atuações; v) em termos contextuais, *sabe?* possui uso categórico no contexto de reformulação e apresenta-se mais favorável entre os contextos de atuação discursiva de contraste > especificação > causal/conclusivo; e *entende?* é mais sensível ao contexto de opinião e inibido pelos contextos de reformulação, além de ser pouco sensível aos contextos causais/conclusivos e de contraste; vi) na análise das seqüências discursivas identificamos o seguinte *continuum* de formalidade dos estilos contextuais para *sabe?*: *narrativas* > *descritivas* > *dissertativas*, e para *entende?*: *narrativas* > *dissertativas* > *descritivas*.

Por outro lado, a análise dos fatores sociais imbricados no uso de *sabe?* e *entende?* mostraram que: i) o fator idade favorece o uso de *sabe?* entre informantes da faixa etária A, e *entende?* entre os informantes da faixa B; ii) o sexo/gênero feminino lidera o uso dos marcadores; iii) o fator escolaridade mostra que há maior concentração dos MDs *sabe?* e *entende?* nos níveis mais elevados de escolarização; iv) notamos que a variação de *sabe?* está presente em 14

informantes, representando pouco mais da metade da amostra; deste total, *entende?* tem o uso alternado por apenas 3 informantes.

Para a amostra do Projeto VMPOSC, com base na observação das entrevistas disponíveis até o momento, encontramos os seguintes resultados: do quantitativo de 12 informantes, apenas 4 produziram os marcadores; o total de ocorrências é relativamente baixo com 11 realizações, sendo que o MD *sabe?* é o mais frequente, totalizando 10 ocorrências, ao passo que registramos apenas uma ocorrência de *entende?*. Constatamos que os informantes da faixa etária A, com formação universitária são mais sensíveis ao uso dos MDs. Entre homens e mulheres, o sexo/gênero masculino apresentou variação de ambas as formas, sendo mais sensível ao uso dos marcadores. Observamos a variável estilística em relação aos pares conversacionais, sendo que obtivemos maior variação estilística privilegiando os usos de *sabe?* e *entende?* entre entrevistadores femininos e informantes de ambos os sexos. Quanto aos contextos de atuação discursiva dos MDs, verificamos que os resultados da análise convergem para três tipos contextuais inicialmente previstos: de opinião, de especificação e de contraste. Contudo, é necessário relativizar estes resultados em face do número de indivíduos e dados encontrados na pesquisa até o momento.

Ressaltamos que o *corpus* do Projeto VMPOSC ainda está em fase de coleta das entrevistas, por isso, avaliamos que somente a análise integral da amostra possibilitará juízos mais confiáveis sobre os MDs. Para esta amostra estão delimitadas um total de 32 entrevistas, sendo que destas, 12 já estão disponíveis. Certamente, esta é uma grande lacuna do nosso trabalho de dissertação, projetando-se à pesquisa futura.

Além disso, acreditamos que alguns tópicos podem ainda ser aprofundados. Notadamente, avaliamos que é pertinente a análise prosódica do contorno interrogativo dos MDs *sabe?* e *entende?*, a fim de averiguar com maior precisão os indícios do enfraquecimento entonacional. Também, julgamos que cabe analisar foneticamente a realização dos itens, pois, Martelotta (2004) sugere que estes marcadores apresentam perda de massa fônica, por reconhecer que há um abrandamento da última sílaba do marcador *sabe?* e, em diversos casos, a perda da primeira sílaba do marcador *entendeu?* > *tendeu?*. No entanto, o autor não aprofunda suas considerações. Outro fator a ser melhor observado, diz respeito à variável estilística entre os pares conversacionais da entrevista. Acreditamos que dessas observações podem emergir aspectos bastante profícuos à pesquisa sociofuncionalista.

Indo além, cremos que os estudos podem ser aprofundados em amostras de dados diacrônicos. Outro fato instigante à pesquisa, considerando a proximidade geográfica com a

fronteira hispânica Argentina, é averiguar os marcadores *sabes?*, *entiendes?* e *me entendés?* em amostras de fala do espanhol fronteiriço e os usos associados a estas formas.

REFERÊNCIAS

BISOL, Leda. VARSUL: amostra, coleta e transcrição. In: ZILLES, Ana Maria S. (Org.). Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 151-153.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.) **The handbook of historical linguistics**. Malden/MA: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BRAGA, Maria L. Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BORBA, Francisco da Silva (Coord.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Fundação Editorial da UNESP, 1990.

CASTILHO, Ataliba T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.) **Português Culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989. p. 249-279.

COELHO, Izete L. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Izete L. (Coord). **Amostra Digital VARSUL**. Projeto de pesquisa cf. edital MCT/CNPq 14/2008 – Universal. Disponível em <<http://www.varsul.org.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

COLLISCHONN, Gisela; MONARETTO, Valéria de O. Banco de Dados VARSUL: A relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. **Alfa**, São Paulo, 56 (3): 835-853, 2012.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos A.; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, 29-56.

_____. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. 1. ed., 2º. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p. 157-176.

DAL MAGO, D. **Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2001.

ECKERT, Penelope. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. In: **Annual Review of Anthropology**, 2012, p. 87-100. Benjamins Publishing, 1995.

_____. Variation, convention, and social meaning. **Paper presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America**, Okland, 2005, p. 1-33.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FREITAG, Raquel M.K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas e Letras, Estudos Linguísticos**, v. 6, nº. 11, 2005, p. 105-121.

GIBBON, Adriana; VALLE, Carla R. A presença de marcadores discursivos em narrativas orais infantis. In: **IV Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL.** Anais... Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2000.

_____. Marcadores Discursivos não são vícios de linguagem! **Revista Disciplinar**, Itabaiana, Sergipe, v. 4, n. 4 - p. 22-43, 2007.

_____. Emergência e inovação na língua: explorando o paradigma funcional da gramaticalização. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 143-161, 2010.

GALEMBECK, Paulo de T. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais.** 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar.** Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GHISOLPHI, Anderson J. **Análise de uma estátua antropomorfa em Chapecó, SC: “O Desbravador”** e seus significados simbólicos. Monografia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, Rio Grande do Sul, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

GÖRSKI, Edair Maria; GIBBON, Adriana de Oliveira; VALLE, Carla Regina Martins; DAL MAGO, Diane; TAVARES, Maria Alice. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 106-122.

_____. A variação estilística na ótica da sociolinguística laboviana: (re)dimensionando o papel do contexto. **IV SIGET**. Natal, UFRN, 2011.

_____; VALLE, Carla R. M. Marcadores em competição no domínio funcional da “Requisição de Apoio Discursivo”. In: **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. CEZARIO, Maria M.; CUNHA, Maria A. F da (Orgs.). 1.ed. Rio de Janeiro: Maud X/FAPERJ, 2013.

_____; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE** (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste), v. 15, Números 1/2. Natal: UFRN, 2013, p. 75-97.

_____; TAVARES, Maria Alice. **Bases teórico-metodológicas para uma interface Sociofuncionalista** (no prelo).

GUY, Gregory R; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. Variation and change. In: MAGUIRE, Warren; McMAHON, April (Eds.) **Analysing variation in English**. Cambridge University Press, 2011. P. 178-198.

HALLIDAY, Michael A. K. **An introduction to functional grammar**. 3.ed. London: Hodder Education, 2004.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

_____. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.) **The handbook of historical linguistics**. Malden/MA: Blackwell, 2003. p. 575-601.

HOPPER, Paul J. On some principles in the grammaticization. TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1, p. 17-35.

_____. TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=420420&search=santa-catarinalchapeco|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

LABOV, William. **Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera**. Sociolinguistic Working Paper, 44, 1978.

_____. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTONS, C. B.; TUCKER, G. **Sociolinguistic: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 234-250.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de: BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta P.; CARDOSO, Caroline R. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008. Original em inglês.

LAVANDERA, Beatriz. **Where does the sociolinguistic variable stop?**. In: Language Society, 1978, n. 7.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. **Estudos Linguísticos XXXIV**. Irati: Unicentro, 2005, p. 362-367.

MACEDO, A.. Aquisição de marcadores em primeira e segunda língua. In: RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Orgs.). **Varição e aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Português falado culto no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 281-322.

MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (Org.) **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

_____; LEITÃO, M. Discursivização do verbo saber. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (Org.) **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

_____; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.

_____. A mudança linguística. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 57-71.

_____. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

_____. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, L. **Bem e bom e suas multifunções na fala da região sul do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2003.

MESSA, Gedeon E. R. **Entender, saber e ver como marcadores discursivos na fala de Pelotas/RS**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2013.

MÜLLER, Simone. **Discourse markers in Native and Non-native English Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 147-196.

NARO, Anthony Julius. **Variação e funcionalidade**. In: Revista Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. v. 7, n. 2, p. 109-120.

_____. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PAIVA, Maria da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____; DUARTE, Maria Eugênia L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. Os instrumentalismos funcionais. In: PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 115-134.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de O.; URBANO, Hudinilson. **Marcadores Discursivos: Traços definidores**. In: Koch, I. V. (Org.), 1996.

_____; SILVA, Giselle M. de O.; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 – Construção do texto falado, p. 403-425

_____. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 – Construção do texto falado, p. 427-496

ROSA, Margaret de Miranda. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.

ROST, Cláudia A. **Olha e veja: multifuncionalidade e variação**. 2002. Florianópolis: UFSC, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. **OLHA e VÊ: caminhos que se entrecruzam**. Florianópolis: UFSC, 2009. Tese de Doutorado.

_____. **Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina**, 2012. Plano de Trabalho Chamada Pública FAPESC n. 04/2012 Universal.

_____. Correlação entre sequências discursivas e marcadores discursivos de base verbal: um caso de variação estilística ou de motivação semântico-pragmática?. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete L.; SOUZA, Christiane M. N. de. (Org.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Editora Insular, 2014, v. 3, p. 227- 246.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. 2005. Disponível em <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 17 mai. 2014.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. Discourse Markers: Language, Meaning, and Context. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Eds.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Malden, MA: Blackwell, 2003. p. 54-75.

SILVA, G. de O; MACEDO, A. T. de. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. (Orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-50.

SILVA, Vera L. P. da. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Maria Alice. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores**. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação de Mestrado

_____. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequencição retroativo-propulsora de informações – um estudo**

sociofuncionalista. Florianópolis: UFSC, 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística.

_____. **Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística**. Interdisciplinar, Itabaiana/SE, v. 17, jan/jun 2013, p. 27-48.

TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1.

_____. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Manchester: Stanford University, 1995. p. 1-29.

_____. Contractions in grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.) **The handbook of historical linguistics**. Malden/MA: Blackwell, 2003. p. 624-647.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction to language and society**. Penguin Books: London, 2000, p. 81-104.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de textos orais**. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997, p. 81-101.

_____. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Gramática do Português Falado**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp; v.1, 1999, p. 195-258.

_____. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1 – Construção do texto falado, p. 497-527.

VALLE, Carla Regina Martins. **Sabe? ~ Não tem? ~ Entende?: itens de origem verbal em variação como Requisitos de Apoio Discursivo**. Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação de Mestrado.

VAR SUL. **Variação Linguística na Região Sul do Brasil**. Disponível em <<http://www.varsul.org.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de: BAGNO, Marcos. 2. ed. São Paulo: Parábola, [1968] 2006. Original em inglês.